

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO PARA O
GINÁSIO ESPORTIVO DA UFPB**



VICTOR MOREIRA DE FREITAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VICTOR MOREIRA DE FREITAS

Anteprojeto de requalificação para o Ginásio Esportivo da UFPB

João Pessoa – PB
2025

VICTOR MOREIRA DE FREITAS

Anteprojeto de requalificação para o Ginásio Esportivo da UFPB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (CAMPUS I), como requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angelina Dias Leão Costa.

João Pessoa – PB
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F866a Freitas, Victor Moreira de.

Anteprojeto de requalificação para o ginásio esportivo da UFPB / Victor Moreira de Freitas. - João Pessoa, 2025.

103 f.

Orientação: Angelina Costa.

TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Projeto Centrado no Usuário. 2. Esporte Adaptado.
3. Ensino do Esporte. 4. Ginásio Poliesportivo. 5.
UFPB. I. Costa, Angelina. II. Título.

UFPB/BSCT

CDU 72(043.2)

TERMO DE APROVAÇÃO

VICTOR MOREIRA DE FREITAS

Anteprojeto de requalificação para o Ginásio Esportivo da UFPB

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado em ___ / ___ / _____, para a obtenção do Título de Arquiteto e Urbanista, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, pela seguinte banca examinadora:

Profª. Drª. Angelina Dias Leão Costa
Orientadora

Prof. Me. Marcelo Andrade Diniz
Examinador

Profª. Drª. Elaine Cappellazzo Souto
Examinadora

João Pessoa – PB,
2025.

In memoriam ao meu avô, José Moreira, por ser o homem mais forte e generoso que conheci. Sua presença segue viva em cada conquista. Prometo levar o legado que você construiu aonde eu for.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todos que viabilizaram a realização deste trabalho, e a todos que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço à minha orientadora, Angelina Costa, pelo apoio, dedicação e paciência ao longo do desenvolvimento deste trabalho, com valiosas colaborações para a produção. Incluo também aqui o agradecimento a todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, Campus João Pessoa, no qual compartilharam seus conhecimentos e experiências que tanto enriqueceram minha formação.

Agradeço também aos professores da banca, Elaine Souto e Marcelo Diniz, pela disponibilidade de tempo e significativa contribuição na avaliação deste trabalho. Suas considerações e reflexões trazidas desde a qualificação foram de grande contribuição para a produção deste projeto. Obrigado pelo comprometimento e dedicação ao longo deste processo.

Obrigado à minha mãe, Louizyane, que nunca mediu esforços para garantir a melhor educação que poderia me oferecer, obrigado pelo apoio e pelo incentivo durante a jornada do curso de Arquitetura e Urbanismo, e por sempre me ensinar o valor da luta e do trabalho duro na vida, capaz de conquistar qualquer coisa. Agradeço também ao meu irmão Arthur, pela parceria e cuidado mútuo ao longo de toda a vida, pelas risadas e conversas reflexivas que tanto nos fizeram evoluir enquanto pessoa. Obrigado aos meus Padrinhos, Stanley e Louizyene, que são inspirações em minha vida, e a todos os tios e primos que estiveram ao meu lado durante o curso de Arquitetura e Urbanismo.

Expresso também minha gratidão a meus avós, José (in memoriam) e Maria, sem eles nada disso seria possível. Obrigado pelo acolhimento, apoio, incentivo e amor dedicados a mim e à todos da família Moreira. Vocês são a causa e os causadores dessa jornada se tornar realidade.

Faço um agradecimento especial a minha namorada, Lívia, por ser um verdadeiro porto seguro para mim. Sou muito grato por todos os nossos momentos juntos, nossas conversas recheadas de risadas e reflexões foram essenciais para meu amadurecimento e

desenvolvimento pessoal. Sem sua companhia, apoio, incentivo e alegria, tudo seria mais difícil e sem vida.

Agradeço aos amigos que a Arquitetura me deu, Matheus, Guilherme, Anderson, Giancarlo, Henrique, Rodrigo, Harllan e Caio. Cada um teve uma parcela de importância para que eu pudesse crescer profissionalmente e vencer os deveres acadêmicos ao longo do curso, além do companheirismo, risadas, reflexões e momentos especiais compartilhados.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus, que me sustentou nos momentos mais difíceis desta caminhada. Foi Ele quem me deu forças quando faltavam palavras, coragem quando o medo parecia maior, e fé para continuar mesmo quando tudo parecia desmoronar. Venci noites em claro, suportei a exaustão e lidei com a sensação constante de que o mundo ia desabar — e, como sempre, ele não desabou. Deus permaneceu firme ao meu lado, mesmo nas minhas incertezas, e por isso, minha gratidão a Ele é eterna.

O homem que não sabe suportar o fardo das
dificuldades da vida nunca será grande.

- Além do Bem e do Mal,
Friedrich Nietzsche.

RESUMO

A prática esportiva traz diversos benefícios e contribui para o desenvolvimento humano e o bem-estar. Para pessoas com deficiência, o esporte pode representar uma importante ferramenta de fortalecimento de recursos pessoais, estímulo à interação social e promoção da autonomia. A Universidade Federal da Paraíba possui um complexo esportivo formado por diversos equipamentos, como o Ginásio Esportivo, do qual são utilizados para práticas didáticas dos cursos, para atividades de lazer, bem como também sedia competições. Apesar da sua importância para o Campus e para a comunidade externa, atualmente a sua estrutura se encontra um tanto precária. Além da falta de acessibilidade do local, como a ausência de uma rampa que permita o acesso à quadra, a cobertura do ginásio se encontra deteriorada, necessitando da sua troca urgentemente. Diante disso, este trabalho propõe uma requalificação, em nível de anteprojeto arquitetônico, do Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba – Campus I. A proposta foi concebida por meio da abordagem de projeto centrado no usuário, com o objetivo de possibilitar o uso do equipamento pelo maior número possível de pessoas, em diferentes modalidades. Ainda que desafiador, escutar e envolver os usuários como protagonistas do projeto revelou-se essencial no processo projetual, proporcionando respostas sensíveis e funcionais às demandas do contexto.

Palavras-chave: Projeto Centrado no Usuário; Ensino do Esporte; Esporte Adaptado; Ginásio Poliesportivo; UFPB.

ABSTRACT

The practice of sports brings numerous benefits and contributes to human development and well-being. For people with disabilities, sports can represent an important tool for strengthening personal resources, stimulating social interaction, and promoting autonomy. The Federal University of Paraíba has a sports complex composed of various facilities, including the Sports Gymnasium, which is used for academic activities, leisure practices, and the hosting of competitions. Despite its significance for both the campus and the external community, the facility's current structure is considerably deteriorated. In addition to the lack of accessibility—such as the absence of a ramp providing access to the court—the gymnasium's roof is severely damaged and urgently needs replacement. In light of these issues, this work proposes a requalification project, at the level of an architectural preliminary design, for the Sports Gymnasium of the Federal University of Paraíba – Campus I. The proposal was conceived through a user-centered design approach, aiming to enable the use of the facility by the greatest possible number of people across different modalities. Although challenging, listening to and involving users as protagonists of the project proved to be essential to the design process, providing sensitive and functional responses to the demands of the context.

Keywords: User-Centered Design; Sports Education; Adaptive Sports; Multipurpose Sports Gymnasium; UFPB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Esquema gráfico da metodologia GODP.	19
Figura 02 - Planta baixa Quadra Poliesportiva.	26
Figura 03 - Fotografia externa da Arena da Juventude.	30
Figura 04 - Fotografia da quadra e arquibancada fixa da Arena da Juventude.	31
Figura 05 - Planta baixa do térreo da Arena da Juventude, com destaque das rampas e acessos.	31
Figura 06 - Fotografia da rampa lateral de acesso da Arena da Juventude.	32
Figura 07 - Fotografia da cobertura da Arena da Juventude.	33
Figura 08 - Corte destacando os lanternins na cobertura.	33
Figura 09 - Fotografia externa do Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro.	34
Figura 10 - Fotografia da entrada do Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro.	34
Figura 11 - Fotografia da quadra de vôlei sentado.	35
Figura 12 - Esquema gráfico das modalidades paralímpicas no Centro de Treinamento.	36
Figura 13 - Planta baixa do térreo do Centro de Treinamento, com destaque das rampas.	37
Figura 14 - Fotografia da rampa da recepção interligando pavimentos.	37
Figura 15 - Fotografia da área externa do CT.	38
Figura 16 - Fotografia da área das piscinas.	38
Figura 17 - Fotografia do elemento estético na fachada.	39
Figura 18 - Corte na área das quadras, destacando os sheds na cobertura.	39
Figura 19 - Fotografia das quadras.	39
Figura 20 - Mapa de localização do campus I da UFPB em João Pessoa, seguido do setor esportivo no campus I.	41
Figura 21 - Mapa de identificação dos blocos no setor esportivo da UFPB.	42
Figura 22 - Fotografia da quadra e arquibancadas do Ginásio Esportivo.	43
Figura 23 - Fotografia do acesso ao Ginásio Esportivo.	44
Figura 24 - Fotografia mostrando desnível no acesso ao Ginásio Esportivo.	44
Figura 25 - Fotografia externa das salas de apoio semienterradas.	45
Figura 26 - Fotografia da interna da sala do tatame.	45
Figura 27 - Fotografia das escadas de acesso aos vestiários.	46
Figura 28 - Mapa de localização do Ginásio Esportivo no Setor Esportivo do campus I da UFPB.	48
Figura 29 - Planta baixa do nível térreo do Ginásio Esportivo da UFPB.	49
Figura 30 - Planta baixa do nível subsolo do Ginásio Esportivo da UFPB.	50
Figura 31 - Corte transversal (AA) do Ginásio Esportivo.	51
Figura 32 - Corte longitudinal (BB) do Ginásio Esportivo.	51
Figura 33 - Imagem de satélite com os aspectos climáticos.	52
Figura 34 - Esquema da análise SWOT do Ginásio Esportivo.	54
Figura 35 - Desenho representativo do cobogó.	63
Figura 36 - Esquema da divisão da quadra poliesportiva.	66
Figura 37 - Perspectiva fotorrealista do acesso de pedestres do Ginásio Esportivo.	68
Figura 38 - Perspectiva fotorrealista da fachada principal do Ginásio Esportivo.	68
Figura 39 - Perspectiva fotorrealista da faixa de embarque e desembarque do Ginásio Esportivo.	69
Figura 40 - Perspectiva fotorrealista da região coberta da Área de Convivência.	70
Figura 41 - Perspectiva fotorrealista da lanchonete da Área de Convivência.	70
Figura 42 - Perspectiva fotorrealista da região aberta da Área de Convivência.	71
Figura 43 - Perspectiva fotorrealista da academia ao ar livre da Área de Convivência.	71

Figura 44 - Perspectiva fotorrealista da Quadra Poliesportiva.	72
Figura 45 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta	73
Figura 46 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta	73
Figura 47 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta	74
Figura 48 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta	75
Figura 49 - Perspectiva fotorrealista da área de descompressão do Bloco Educacional.	75
Figura 50 - Perspectiva fotorrealista da sala de aula do Bloco Educacional.	76
Figura 51 - Perspectiva fotorrealista da academia do Bloco Educacional.	77
Figura 52 - Perspectiva fotorrealista da academia do Bloco Educacional.	77
Figura 53 - Perspectiva fotorrealista da sala de fisioterapia do Bloco Educacional.	78

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 01 - Dimensionamento de quadras esportivas por modalidades.	26
Quadro 02 - Diagnóstico do Ginásio Esportivo.	52
Quadro 03 - Conceitos e diretrizes projetuais.	55
Quadro 04 - Modalidades esportivas escolhidas.	55
Tabela 02 - Dimensionamento dos setores.	56
Quadro 05 - Programa de necessidades - Ginásio Esportivo.	56
Quadro 06 - Programa de necessidades - Bloco de Apoio ao Atleta.	57
Quadro 07 - Programa de necessidades - Bloco Educacional.	57
Quadro 08 - Programa de necessidades - Áreas Externas.	58
Quadro 09 - Programa de necessidades - Área de Acesso e Convivência.	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 JUSTIFICATIVA	16
1.2 OBJETO E RECORTE	16
1.3 OBJETIVO GERAL	16
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
1.5 METODOLOGIA	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO	18
2.2 O APRENDIZADO DO ESPORTE EM AMBIENTES UNIVERSITÁRIOS	21
2.3 ARQUITETURA DE AMBIENTES ESPORTIVOS - QUADRAS POLIESPORTIVAS	24
2.4 ESPORTE INCLUSIVO E ACESSIBILIDADE	27
3 ESTUDOS DE REFERÊNCIA	30
3.1 QUADRA POLIESPORTIVA: ARENA DA JUVENTUDE, RIO DE JANEIRO - RJ	30
3.2 ESPORTES E ACESSIBILIDADE: CENTRO DE TREINAMENTO PARALÍMPICO BRASILEIRO, SÃO PAULO - SP	33
4 UFPB E SEU GINÁSIO ESPORTIVO	41
4.1 LEVANTAMENTO DE DADOS	42
4.1.1 Reconhecimento da área	42
4.1.2 Conversas informais com a treinadora, atletas e responsáveis da SINFRA	46
4.1.2.1 Relato Treinadora/professora do Departamento de Educação Física	46
4.1.2.2 Relato dos Atletas	47
4.1.2.3 Conversa com Responsáveis da SINFRA	47
4.2 DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	47
5 PROPOSTA PROJETUAL	53
5.1 CONCEPÇÃO DA PROPOSTA	53
5.1.1 Estudos Preliminares	53
5.1.2 Conceitos e Diretrizes	54
5.1.3 Modalidades abarcadas e atividades previstas	55
5.1.4 O Programa e dimensionamento	56
5.1.5 Partido Arquitetônico, Volumetria, Materialidade e Fluxos	58
5.1.6 O Cobogó	63
5.1.7 Quadra Poliesportiva: Modalidades, Organização de Espaço e Material de Piso	64
5.2 PARTES INTEGRANTES DO PROJETO	67
5.2.1 Área de Acesso e de Convivência	67
5.2.2 Ginásio Esportivo	72
5.2.3 Bloco de Apoio ao Atleta	73
5.2.4 Bloco Educacional	75
5.2.5 Quadras de Areia	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	90



1 INTRODUÇÃO

A atividade física, bem como a prática esportiva, traz muitos benefícios e contribui para o desenvolvimento humano e seu bem-estar. Deste modo, para as pessoas com deficiência, o esporte pode ser uma ferramenta de integração social e independência, melhorando sua qualidade de vida (Melo e López, 2002). No qual, seus benefícios estão relacionados tanto com a reabilitação física, psicológica e social. Segundo Cardoso (2011), essa reabilitação visa o desenvolvimento de recursos pessoais, capacidades e habilidades, promovendo a independência e a mais ampla participação na vida social.

No que diz respeito ao esporte para pessoa com deficiência, a Paraíba se destaca no cenário nacional e internacional em algumas modalidades esportivas. Nos Jogos Paralímpicos de Paris, realizada em 2024, foi a edição que possuiu a maior quantidade de atletas brasileiros, sendo 280 no total, destes, 11 eram atletas paraibanos (Brasil, 2024). Eles competiram em 7 modalidades, sendo elas: Atletismo, Judô, Taekwondo, Goalball, Futebol de Cegos, Bocha e Halterofilismo. No que se refere ao quadro de medalhas da edição, o Brasil ficou na 5ª do quadro geral com um total de 89 medalhas, onde, dos 11 atletas paraibanos, 9 foram medalhistas paralímpicos, sendo 2 ouros, 1 prata e 5 bronzes (Jornal da Paraíba, 2024). Faz-se importante mencionar que uma das medalhas veio por meio de uma dupla do futebol de cegos, por isso o número total de 8 medalhas, pois está sendo considerado apenas o esporte e não a quantidade de atletas.

Além do destaque em relação aos atletas, paralímpicos, a Paraíba também têm sediado competições como, por exemplo, a Conexão Paralímpica Regional Norte/Nordeste 2023, organizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), com apoio da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (SEJEL); e ainda os Jogos Paralímpicos da Paraíba em 2024, também organizado pela SEJEL. Em ambos, a maioria das competições aconteceu na Vila Olímpica Parahyba, entretanto, o evento de 2023, também teve utilizado-se do Clube Pessoaense de Tiro e o Instituto dos Cegos da Paraíba, o tiro esportivo e a bocha paralímpica, respectivamente (PBesportes, 2023; Arena Correio, 2024).

Ainda nesse contexto de competições paralímpicas, outro resultado que demonstra a potência da Paraíba, foi o desempenho obtido pela delegação do estado nas Paralímpiadas Escolares de 2024, no qual é uma competição voltada para jovens atletas entre 12 a 17 anos. Esta edição aconteceu no Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro, em São Paulo. A Paraíba foi representada por 128 pessoas e ganhou 104 medalhas, sendo 60 medalhas de ouro, 24 de prata e 20 de bronze (Governo da Paraíba,



2024). Este resultado colocou o estado na 10ª da classificação geral e em segundo melhor das regiões norte e nordeste (A União, 2024).

Isso evidencia que além da existência de atletas paralímpicos de alto rendimento, o estado também conta com a presença de atletas em formação, com potencial para alcançar grandes competições internacionais no futuro. Entretanto, o estado ainda não conta com estrutura esportiva paralímpica adequada que possa auxiliar no preparo desses atletas. Porém, no ano de 2024, o governo do estado anunciou a construção da Vila Paralímpica em João Pessoa, no qual, seria baseado no projeto do Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro, outra em Guarabira e uma no sertão do estado (A União, 2024).

Essas iniciativas demonstram que existe uma demanda do esporte paralímpico no estado, seja por parte dos atletas, para poderem treinar, seja por sediar competições, de diferentes escalas.

Por outro lado, a Universidade Federal da Paraíba - UFPB, em seu campus central, localizado em João Pessoa, possui um complexo esportivo que abriga diferentes modalidades esportivas, atende uma demanda tanto da comunidade interna, de alunos, professores e servidores, quanto externa por meio de vários projetos de extensão dedicados a prática do esporte, inclusive paralímpico.

O complexo formado por quadras esportivas, um parque aquático, o ginásio esportivo, uma pista de atletismo, outros ginásios menores e salas de musculação, é utilizado para práticas didáticas dos cursos, para atividades de lazer bem como sedia competições, muito embora sua estrutura seja um tanto precária.

O Ginásio Esportivo, apesar de ser um grande equipamento e importante para a UFPB, atualmente se encontra com uma infraestrutura comprometida e inacessível. Sua cobertura se encontra deteriorada, necessitando a sua troca, a quadra se encontra em um nível inferior e não possui rampa de acesso. Os vestiários ficam localizados em um nível superior do qual só pode ser acessado por uma escada. Além disso, algumas salas são semienterradas e enfrentam problemas com umidade e mofo.

Diante desse cenário de precariedade estrutural, é fundamental destacar o papel do Ginásio Esportivo da UFPB não apenas como equipamento de apoio às práticas esportivas, mas também como um espaço didático essencial para os cursos de Educação Física. O ginásio funciona como uma verdadeira sala de aula prática, onde os estudantes vivenciam os conteúdos teóricos de forma aplicada, desenvolvendo competências cruciais para sua formação acadêmica e profissional. As atividades realizadas nesse ambiente contribuem diretamente para o ensino, a pesquisa e a extensão, consolidando-o como um



espaço formativo indispensável, cuja infraestrutura deve atender tanto às demandas pedagógicas quanto aos critérios de acessibilidade e segurança.

Assim, este trabalho tem como finalidade apresentar a atual situação do Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba, e propor uma requalificação, no nível de um anteprojeto arquitetônico, tornando-o mais adequado e acessível. Com isso, a proposta projetual busca trazer soluções baseadas na abordagem de projeto centrado no usuário, com o intuito de permitir que o ginásio possa ser usado pelo maior número possível de pessoas, nas diferentes modalidades.

1.1 JUSTIFICATIVA

Diante desse contexto, o Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba apresenta uma estrutura inadequada para atender às exigências necessárias à prática esportiva de pessoas com e sem deficiência, especialmente em razão da falta de acessibilidade. Observa-se que, em alguns casos, a instituição não dispõe de documentação atualizada — como plantas e desenhos técnicos — de edificações e equipamentos mais antigas. Essa lacuna dificulta o mapeamento e o diagnóstico das condições desses equipamentos, comprometendo a eficiência de ações voltadas à manutenção e à requalificação dos espaços.

Essa situação acarreta a falta de investimentos na modernização das instalações, comprometendo a vida útil dos equipamentos, como é o caso da cobertura do ginásio, atualmente deteriorada e demandando urgentemente um projeto de reforma.

Assim, este trabalho propõe uma requalificação do ginásio, com o objetivo de torná-lo acessível e de possibilitar a prática esportiva pelo maior número possível de usuários. Além da necessidade estrutural, o tema se mostra relevante para a discussão acerca do papel do esporte na vida da pessoa com deficiência, promovendo o bem-estar e a inclusão social dos praticantes.

1.2 OBJETO E RECORTE

Ginásio esportivo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

1.3 OBJETIVO GERAL

Elaborar um anteprojeto acessível de requalificação para o ginásio esportivo da UFPB.



1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar modalidades esportivas e paralímpicas de quadra, com foco em seus requisitos espaciais.
- Compreender o esporte como ferramenta de inclusão social e de atuação universitária em ensino, pesquisa e extensão.
- Adotar uma abordagem projetual centrada no usuário, priorizando acessibilidade, conforto e autonomia.
- Fomentar o esporte adaptado por meio de soluções arquitetônicas que valorizem sua prática.
- Reestruturar o ginásio visando a integração funcional dos espaços e sua apropriação como equipamento de uso social e comunitário.

1.5 METODOLOGIA

Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico em artigos, dissertações, teses, livros e revistas sobre temas como arquitetura e acessibilidade, arquitetura e esportes, acessibilidade no contexto dos esportes, pessoas com deficiência e esportes, esporte paralímpico, para formar uma base de informações que auxiliasse na construção do trabalho.

Em seguida, buscaram-se também alguns projetos relacionados a arquitetura esportiva no contexto dos esportes paralímpicos ou que se apresentasse como um bom exemplo de espaço esportivo acessível. A partir desse filtro, foram escolhidos dois projetos nacionais para serem utilizados de referência e analisados, a fim de entender o seu funcionamento, bem como soluções projetuais utilizadas.

Para propor a requalificação, fez-se necessário compreender previamente os atuais problemas locais, com isso, foram realizadas visitas ao Ginásio Esportivo, a fim de explorar o local, entender seu funcionamento e uso. Durante essas visitas, foi realizado o levantamento fotográfico e também aproveitou-se da oportunidade de conversar pessoas



que utilizam o local, como atletas, treinadores e familiares de atletas que estavam presentes.

Além do reconhecimento de campo, foi estudado o Laudo Técnico de Acessibilidade do Ginásio Esportivo elaborado pelo Laboratório de Acessibilidade (Lacesse) da UFPB realizado em 2024. Este documento realizou o diagnóstico do espaço e do seu entorno, identificando os principais problemas no que diz respeito a acessibilidade. Desta forma, o laudo serviu como um documento de referência para este trabalho, auxiliando no processo projetual.

Nesse processo também foi incorporado alguns princípios de uma ferramenta desenvolvida por Merino (2016), intitulada Guia de orientação para Desenvolvimento de Projetos (GODP), no qual propõe uma metodologia de projeto centrada no usuário. Com isso, adotou-se para o projeto uma abordagem empática, a fim de compreender as perspectivas do usuário para guiar as ações; focar na experiência e no bem-estar do usuário, identificando problemas que podem prejudicar a utilização do espaço; e a definição dos Blocos de Referência Iniciais, ou seja, o produto (Ginásio Esportivo), o usuário (corpo discente, docente, funcionários e comunidade externas, incluindo atletas, considerando também pessoas com deficiência em todos esses grupos) e o contexto (UFPB).

A análise SWOT também foi utilizada como ferramenta no processo projetual. A sua escolha se deu por entender que ela permite fazer uma avaliação da situação atual e direcionar soluções que respondam aos problemas encontrados. Por fim, para complementar as informações necessárias para a elaboração da proposta projetual, foram realizados estudos referentes às condicionantes climáticas do local. Dessa forma, com todas as informações reunidas iniciou-se o projeto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO

O conceito de projeto centrado no usuário consiste em “colocar o usuário no centro de cada fase do desenvolvimento de um produto ou serviço” (Merino, 2016, p.7). Entretanto, essa tarefa não é algo tão simples quanto parece, pois segundo a autora, mais do que reunir informações, sistematizá-las e pensar em soluções, elas devem ser testadas, avaliadas, para assim serem validadas pelos usuários.

Com isso, podemos entender que ao inserir o usuário no centro do projeto é tratá-lo como o protagonista, assim, buscando compreender suas principais demandas,

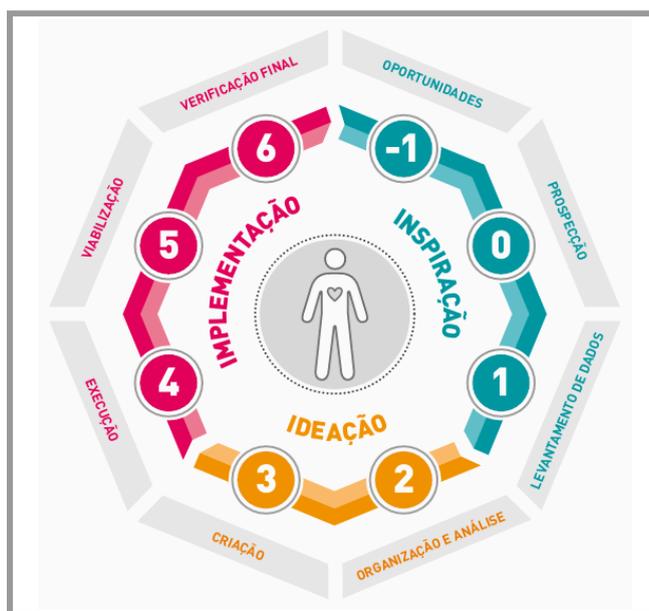


incorporando suas necessidades, gerando soluções, testando-as junto a ele e chegando em um produto que atenda as suas expectativas.

Visando uma metodologia projetual centrada no usuário, Merino (2016) desenvolve o Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos - GODP. O seu objetivo consiste em “organizar e oferecer uma sequência de ações que permitam com que o Design seja concebido de forma consciente, levando em consideração o maior número de aspectos, e respondendo de forma positiva e consistente aos objetivos fixados para o projeto” (Merino, 2016, p. 11).

No que diz respeito a sua metodologia (Figura 01), o GODP perpassa desde o levantamento de dados, o seu desenvolvimento, a execução, a avaliação de sua viabilidade e a testagem final. Ele é dividido em oito etapas, dividindo-as em três fases do projeto: Oportunidades; Prospecção/Solicitação; Levantamento de Dados (Inspiração); Organização e Análise dos Dados; Criação (Ideação); Execução; Viabilização; e Verificação (Implementação).

Figura 01 - Esquema gráfico da metodologia GODP.



Fonte: Merino, 2016.

Diante disto, desse trabalho se propõe a realizar um anteprojeto para o ginásio, o seu processo passa por duas fases do GODP: a Inspiração e a Ideação. Na primeira fase, a proposta projetual atravessa as suas três etapas, onde as oportunidades advêm da própria escolha do ginásio como elemento de intervenção. Aqui, a prospecção diz respeito a definir qual é a demanda ou a problemática principal do projeto, que nesse caso é a falta de acessibilidade. Já o levantamento de dados, além das informações a respeito do lugar,



está também relacionado a escuta dos usuários e a compreensão das suas necessidades, ao mesmo tempo, em que busca tratá-las conforme as normas técnicas.

Na fase de Ideação, a etapa de organização e análise de dados, está relacionada com a utilização de técnicas analíticas, para o diagnóstico e definição de estratégias. No caso deste trabalho, a principal ferramenta utilizada foi a análise SWOT. Já etapa de criação, é o processo onde são definidos os conceitos e a partir do uso de ferramentas, eles, juntamente com as soluções escolhidas, são transcritos em estudos preliminares. No projeto isso foi realizado e depois aprofundado, com mais detalhes e informações, por se tratar de um anteprojeto.

Como visto na Figura 01, o GODP é uma metodologia projetual cíclica, onde o processo gira em torno do usuário, é ele quem vai gerar o programa de necessidades a partir de suas reais demandas, e mesmo após a verificação final, ela pode gerar outras oportunidades para o mesmo ou outros projetos e assim recomeçar o ciclo. Isso é importante, pois Dorneles e Andrade (2023, p. 229) falam que “é necessário pensar diferentes formas de abordar as pessoas em relação a sua interação com o ambiente para que se compreendam as suas verdadeiras necessidades e expectativas em relação ao espaço projetado”. Assim, se faz necessário pensar sobre acessibilidade, no qual a NBR 9050:2020 define como:

percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. (ABNT, 2020, p. 02)

Essa norma técnica é a principal no que se refere à acessibilidade espacial, visto que, ela estabelece os critérios e parâmetros técnicos para edificações, mobiliários, espaço e equipamentos urbanos. Além disso, em seu texto, ela também contempla locais esportivo. Nesses ambientes, ela trata de critérios como vão livre de portas, rotas acessíveis, lugares reservados para pessoas com deficiência nas arquibancadas, os sanitários e condições para as piscinas. Desta forma, para qualquer um desses tipos, eles só serão consideráveis acessíveis se atenderem o que está disposto por essa norma.



2.2 O APRENDIZADO DO ESPORTE EM AMBIENTES UNIVERSITÁRIOS

Dentro do ambiente universitário o responsável por difundir o conhecimento e a prática esportiva, a primeiro nível, são os cursos de graduação em Educação Física. Segundo Milistetd et al. (2015, p. 02) “na realidade brasileira, as Instituições de Ensino Superior (IES) configuram-se como o principal contexto da preparação formal de treinadores esportivos, desde a regulamentação da profissão de Educação Física.”. O plural aqui refere-se ao curso, pois existe a diferença entre dois perfis, formando dois cursos diferentes, sendo eles a Licenciatura e o Bacharelado.

Com a criação do Bacharelado em algumas instituições, houve uma reformulação nos currículos dos cursos de preparação profissional em Educação Física, havendo a diferenciação e a separação do Licenciado (professor) do Bacharel (profissional), visando atender, do ponto de vista profissional, às necessidades do mercado e da sociedade, ou seja, professores ligados à Educação Física escolar e profissionais ligados a programas de atividade física no atendimento de diferentes necessidades da população. (Ghilardi, 1998, p.1)

Neste nível, os estudantes podem optar, fundamentalmente, por um curso de bacharelado, que se configura como curso superior que confere ao diplomado competências em determinado campo do saber para o exercício de atividade acadêmica, profissional ou cultural. Também se tem a opção de curso de licenciatura que confere ao diplomado competências para atuar como professor na educação básica. (Martins; Conselho Federal De Educação Física, 2015, p. 39)

Diante disso, a graduação em educação física tem formado professores e profissionais, dos quais devem “vivenciar a aprendizagem com elementos reais do seu cotidiano profissional, planejando atividades, executando exercícios e treinamentos, avaliando sua prática e refletindo sobre seus resultados.” (Milistetd et al., 2017, p. 05).

No caso específico dos cursos de Educação Física, além da organização de estratégias pedagógicas adequadas, os futuros profissionais devem ser estimulados a discutir e refletir em suas oportunidades de aprendizagem, no sentido de ampliar suas condições de intervenção, e, ao mesmo tempo, avaliar conceitos e ideias, reorganizando o seu conhecimento por meio da conexão das informações recebidas ao longo da sua formação inicial. (Milistetd et al., 2015, p. 05)

A partir dessa divisão entre os cursos, cada formação vão ter suas especificidades, seus planos pedagógicos, diferentes atividades para o estágio curricular dos estudantes e sua infraestrutura básica exigida. Segundo Martins e o Conselho Federal De Educação Física (2015) no que diz respeito ao estágio curricular da licenciatura os graduandos



devem atuar em unidades educacionais de educação básica, vivenciando situações de ensino-aprendizagem, a partir de vivenciar tanto a teoria quanto a prática da docência.

O objetivo a ser alcançado é a vivência/experimentação da aplicação do conhecimento sobre o desenvolvimento humano, incluindo os indivíduos com deficiências, além dos saberes específicos da dimensão pedagógica dos conteúdos específicos da Educação Física. (Martins; Conselho Federal De Educação Física, 2015, p.49)

Já o bacharel, segundo Martins e o Conselho Federal De Educação Física (2015), essa atuação é mais abrangente, pois o futuro profissional poderá atuar em diferentes lugares como clínicas, escolas de esportes, clubes, academias, entre outros. Isso acontece pois:

O estágio no curso de bacharelado em Educação Física deve ser desenvolvido no âmbito da atividade física, do exercício físico, do esporte, do lazer, e ser desenvolvido em espaços próprios, onde existam programas públicos e privados de prevenção, promoção e recuperação da saúde, programas públicos e privados de atividades físicas, esportivas e de lazer, assim como em clínicas, academias, clubes, escolas de esporte, entre outros. (Martins; Conselho Federal De Educação Física, 2015, p. 68)

No que diz respeito à infraestrutura recomendada por Martins e o Conselho Federal de Educação Física (2015) para o funcionamento dos cursos de licenciatura e bacharelado, além da básica comum ao ensino superior: biblioteca, laboratório de informática, espaços administrativos e acadêmicos em comuns; ambos apresentam algumas demandas semelhantes, como os laboratórios de ensino, voltados a ciências da vida: laboratório de anatomia, laboratório de fisiologia humana, laboratório de bioquímica, laboratório de biologia.

Além desses, cada curso ainda possui a demanda por laboratórios didáticos especializados, para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, didáticas e técnicas, sendo eles: o laboratório de estudos do Movimento Humano (licenciatura); o laboratório de avaliação física, o laboratório de fisiologia do exercício e o laboratório de biomecânica/cinesiologia (bacharelado). (Martins e Conselho Federal de Educação Física, 2015)

Dessa forma, podemos dizer que a demanda de infraestruturas da licenciatura são voltadas para à prática pedagógica em contextos escolares e coletivos, preparando o futuro professor para a diversidade de práticas corporais no ambiente educacional. Enquanto o bacharelado, exige laboratórios especializados em avaliação física e desempenho corporal, voltados a práticas profissionais como prescrição de exercícios e



reabilitação, preparando o futuro profissional para a atuação profissional fora do âmbito escolar.

Há ainda outros espaços importantes para o desenvolvimento dos cursos de Educação Física, recomendados por Martins e o Conselho Federal de Educação Física (2015), no qual estão diretamente relacionados com a prática esportiva dentro do ambiente universitário, sendo eles, para ambos: campo de futebol, piscina, pista de atletismo, quadra ou ginásio poliesportivo, salas ou ginásio de ginástica, e de luta. Para a licenciatura, ainda uma sala de dança e para o bacharelado uma academia com sala de musculação.

Quando estamos falando de universidade pública, estamos lidando com o tripé da educação: ensino, pesquisa e extensão. Então, para além do ensino, das aulas tradicionais e práticas, a formação de um educador físico pode ser enriquecida a partir do seu envolvimento com essas outras vertentes da graduação, permitindo-lhe viver experiências práticas da sua futura profissão. Segundo Ramos et al. (2018, p. 222):

As experiências de práticas de ensino promovidas pela universidade, particularmente, projetos de monitoria, estágio, extensão, foram destacadas pelos sujeitos enquanto situações que favoreceram o engajamento pessoal e a aprendizagem para o ensino, pois estavam ligados aos esportes na qual possuíam experiências de prática pessoal prévia. Estes resultados evidenciam, por um lado, a importância das experiências diretas de intervenção pedagógica para a construção do conhecimento sobre o ensino e, por outro lado, a natureza procedimental dos conhecimentos que os sujeitos possuem ao final do curso.

Isso enfatiza a importância dessas atividades no contexto esportivo dentro das universidades, uma vez que “o esporte universitário deve pautar-se em uma estruturação teórico-prática que possibilite ao aluno uma interação entre, conhecimento acadêmico amplo (ensino e pesquisa) e conhecimento específico oriundo da prática esportiva.” (Campos et al., 2016, p. 360).

Nesse sentido, a extensão universitária se caracteriza como uma importante ferramenta tanto do ponto de vista do ensino-aprendizagem, quanto de entendê-la como forma de tornar a prática esportiva acessível para uma parcela da população (Campos et al., 2016). Assim, os graduandos e a comunidade externa vivenciam trocas de experiências que vão contribuir para a fortalecimento da relação entre academia e a sociedade. No qual, para Santos et al. (2017, p. 190):

A extensão torna-se um instrumento por excelência de inter-relação e oxigenação da Universidade com a sociedade e de democratização



do conhecimento acadêmico, assim como de (re)produção desse conhecimento por meio da troca de saberes com as comunidades.

Em seu trabalho, Nozaki, Hunger e Ferreira (2022) abordam a educação física a partir do processo de construção da sua práxis dentro de projetos de extensão universitária. Os resultados deste trabalho apontaram que:

[...] foram constatadas a edificação de inúmeras aprendizagens como: aprender a atuar e a ensinar; construir a prática pedagógica; relacionar a teoria com a prática; lidar com diversos públicos; aplicar o conhecimento com segurança (ex.: orientar os alunos de forma objetiva e pontual; aferir a pressão do aluno; adaptar a atividade para as peculiaridades dos alunos; ensinar com propriedade diversos conteúdos específicos da Educação Física (esportes, lutas, ginásticas, entre outros); relacionar o ensino, a pesquisa e a extensão; produzir, refletir e analisar criticamente o conhecimento transformando a realidade social (ex: a construção de diversas situações e ações de ensino orientadas pela inclusão; a identificar, reconhecer e valorizar as aprendizagens alcançadas pelos aprendizes – das mais simples às mais complexas), por parte de profissionais que, estando na universidade, vivenciaram ações formativas neste âmbito. (Nozaki, Hunger e Ferreira, 2022, p. 08)

Portanto, podemos dizer que o aprendizado do esporte em ambientes universitários está além do ensino, onde a construção do saber é iniciada. Ela pode ser enriquecida e aprimorada a parte do envolvimento dos graduandos em atividades de monitoria, pesquisa e extensão, onde essa em especial, se configura como um facilitador do acesso ao esporte para a comunidade externa, entretanto, se torna um lugar de aprendizado e prática profissional do futuro educador físico.

2.3 ARQUITETURA DE AMBIENTES ESPORTIVOS - QUADRAS POLIESPORTIVAS

Quando falamos sobre ginásios, um dos primeiros pensamentos ao seu respeito nos leva diretamente à escola. Geralmente, são nesses espaços que temos o primeiro contato com as quadras poliesportivas. Segundo Santos e Ferreira (2020, p. 171) “os espaços para as aulas de Educação Física nas escolas acabaram sendo circunscritos a uma arquitetura exclusivamente esportiva, revelando certos modos de pensar e agir em relação à educação do corpo.”.

Em seu trabalho, Oliveira, Silva e Molina Neto (2011, p. 05) fazem um estudo sobre o ensino da educação física em escola e falam que “a quadra é o espaço mais utilizado pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho na escola investigada. Uma das maneiras que desfrutam deste local é para realização de jogos de modalidades esportivas com os alunos.”. Dessa forma, podemos entender que para além de servir a princípio como



um espaço educacional, as quadras esportivas também recebem a função de espaço recreativo.

Entretanto, elas também podem estar presentes em condomínios residenciais e no espaço público, como em praças e parques. Nesses casos, segundo Camara (2020, p. 113):

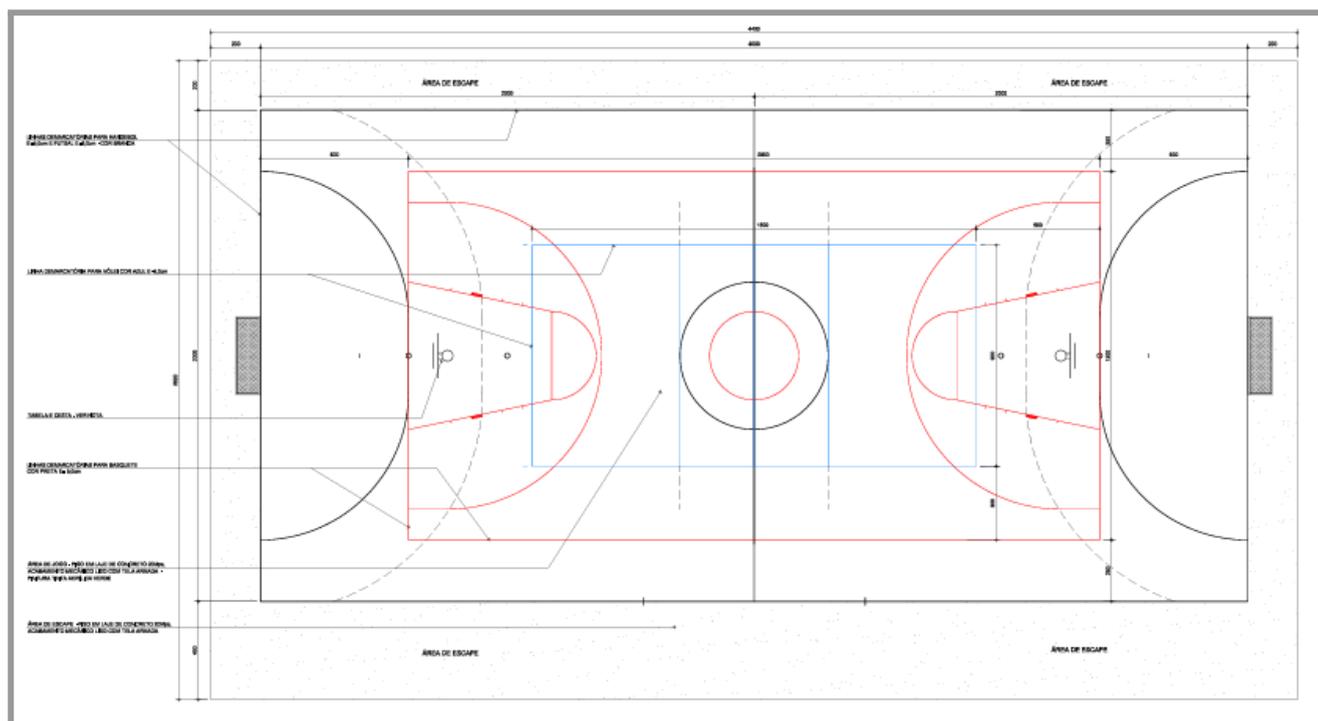
O espaço é tão valioso quanto a atividade que será desenvolvido nele, visto que é uma variável importante na construção do lazer e da qualidade do resultado. O espaço, em especial o espaço público para realização do desporto, deve ser reflexo e interpretar as ações dos sujeitos a partir de suas condições espaciais e culturais.

A arquitetura desses espaços “possui uma força e fonte de inspiração como principal elemento da materialidade do espaço” (Camara, 2020, p. 114), no qual, o desafio para os arquitetos e projetistas que atuam nessa área “é unir a beleza estética, a funcionalidade, a segurança e a acessibilidade em um espaço onde os atletas possam se apresentar ao público ou treinar.” (Faustini, 2019, p. 54).

Ao projetar uma quadra esportiva, se faz necessário compreender a sua finalidade, pois este fator determinará o projeto, visto que uma quadra para fins recreativos é diferente de outra para competições de alto rendimento. Além disso, pensar em quadra poliesportivas é entender que ela abrigará mais de uma modalidade esportiva, dessa forma, também é necessário compreender quais esportes acontecerão neste espaço para determinar suas dimensões e demarcações próprias (Faustini, 2019). Em geral, o projeto de uma quadra poliesportiva (Figura 02) considera quatro modalidades esportivas: vôlei (azul), basquete (vermelho), handebol e futsal (cinza).



Figura 02 - Planta baixa Quadra Poliesportiva.



Fonte: Minas Gerais, 2019.

Com isso, se faz necessário elucidar as dimensões oficiais de cada um desses tipos neste trabalho. A Secretaria de Infraestrutura do Estado de Minas Gerais desenvolveu um projeto padrão modelo para a construção dessa tipologia arquitetônica, no qual foi baseado nas dimensões oficiais definidas pela Confederação Brasileira de Vôlei, Confederação Brasileira de Basquete, Confederação Brasileira de Handebol e Confederação Brasileira de Futsal. Essas informações foram agrupadas e sistematizadas no Tabela 01.

Tabela 01 - Dimensionamento de quadras esportivas por modalidades.

Modalidades	Dimensões da Quadra	Área (m ²)
Vôlei	09 m x 18 m	162
Basquete	15 m x 28 m	420
Handebol	20 m x 40 m	800
Futsal	20 m x 40 m	800
Poliesportiva	26 m x 44 m	1.144

Fonte: Minas Gerais, 2019, adaptado pelo autor 2025.



2.4 ESPORTE INCLUSIVO E ACESSIBILIDADE

A relação do esporte com a pessoa com deficiência desempenha um importante papel na sua identidade e em como elas passam a perceber os seus corpos (Rodrigues e Silva, 2009). A prática esportiva e as interações sociais com os demais atletas e treinadores enaltece seu significado para os praticantes (Azevedo e Barros, 2004) e “são meios pelos quais o sujeito se desenvolve e exerce sua cidadania, além de se apropriar do seu espaço físico e social” (Barrozo et al., 2012, p. 26).

Quando falamos sobre esporte inclusivo, aqui cabe fazer uma diferenciação entre esporte adaptado e esporte paralímpico. O esporte adaptado, segundo Reis (2014, p. 38) é “uma terminologia que engloba a prática esportiva realizada pelas pessoas com deficiência visando a inclusão ou a melhora de suas funções motoras, podendo ter um caráter mais generalista ou especialista”. Apesar de também ser um esporte adaptado, o esporte paralímpico envolve características de alto rendimento, objetivando competições como os jogos paralímpicos, onde algumas modalidades esportivas foram criadas exclusivamente para pessoas com deficiência (Marques et al., 2009).

Com o crescimento do esporte adaptado e da quantidade de pessoas com deficiência envolvidas no esporte, algumas entidades foram criadas para atender esse público (Barrozo et al., 2012). No Brasil, a principal entidade referente ao esporte adaptado é o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) é a entidade que rege o desporto adaptado no Brasil. Representa e lidera o movimento Paralímpico no país e busca a promoção e o desenvolvimento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência. Com isso, percebe-se que no esporte Paralímpico é onde os indivíduos com deficiência possuem um nível maior de inclusão social e esportiva. (Carvalho e Silva, 2023, p. 1819)

O CPB foi fundado no dia 9 de fevereiro de 1995, em sua primeira sede, em Niterói, no Rio de Janeiro. Isso representou um marco para a história do esporte paralímpico brasileiro. A partir deste momento, o cenário nacional muda, pois houve um aumento do investimento, o que conseqüentemente levou ao aumento do número de atletas praticantes, e também em uma profissionalização do esporte. Os resultados se tornaram representativos e o país se torna uma potência no cenário mundial (Moraes Júnior, 2019).

Atualmente com 29 modalidades ao total, divididas em 23 de verão: Atletismo, Badminton, Baquete em Cadeira de Rodas, Bocha, Canoagem, Ciclismo, Esgrima em Cadeira de Rodas, Futebol de Cegos, Futebol PC, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Remo, Rúgbi em Cadeira de Rodas, Taekwondo, Tênis de Mesa, Tênis em



Cadeira de Rodas, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vôlei Sentado; e 6 delas de esportes de inverno: Esqui Cross-Country, Curling em Cadeira de Rodas, Esqui Alpino, Biatlo, Hóquei no Gelo e Snowboard (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2025). Segundo (Barrozo et al., 2012, p. 21):

[...] modalidades que fazem parte do Comitê Paralímpico Brasileiro são desportos de larga tradição competitiva que coincidem com as modalidades olímpicas, exceto pelas adaptações que são necessárias para as pessoas com deficiência. Desta forma, os jogos paralímpicos são a expressão máxima do desporto de alta competição entre as pessoas com deficiência.

O desempenho dos atletas está diretamente ligado ao incentivo financeiro e a estrutura disponível para o seu treinamento. Isso influenciará diretamente o seu resultado nas competições (Moraes Júnior, 2019). Dessa forma, se faz necessário que haja incentivos por meio do poder público para essa prática. Na legislação brasileira, podemos citar casos como a: Lei Nº 13.146/2015, que é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência. O seu Art. 42. deixa claro que “a pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso” (Brasil, 2015).

O Decreto Nº 3.298/1999 estabelece diretrizes para a integração da pessoa com deficiência, promovendo a igualdade de oportunidades e a eliminação de barreiras. O seu Art. 6º III inclui a:

[...] pessoa portadora de deficiência, respeitadas as suas peculiaridades, em todas as iniciativas governamentais relacionadas à educação, à saúde, ao trabalho, à edificação pública, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à habitação, à cultura, ao esporte e ao lazer (Brasil, 1999).

A Lei nº 11.438/2006, conhecida como Lei de Incentivo ao Esporte, estabelece mecanismos de incentivo fiscal para fomentar atividades esportivas, abrangendo tanto projetos convencionais quanto paradesportivos. Além desse instrumento legal, programas como o Atleta Cidadão e o Bolsa Atleta desempenham um papel fundamental no apoio direto aos atletas, oferecendo condições para o desenvolvimento de suas carreiras e a promoção da inclusão no esporte.

O Programa Atleta Cidadão é realizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro e busca “criar as condições mais adequadas para que o atleta, foco do Programa, possa desenvolver suas potencialidades, não só no campo técnico esportivo, bem como o



empoderamento de sua cidadania” (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2025). Já o Bolsa Atleta visa garantir “condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e a competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paralímpicas” (Brasil, 2025).

Diante destes fatores, podemos dizer que a acessibilidade dentro do esporte vai além de apenas barreiras físicas ou arquitetônicas, pois existem alguns outros fatores que impactam a experiência do atleta paralímpico.

As barreiras encontradas ao longo da experiência esportiva do atleta paralímpico estão associadas às condições ambientais (acessibilidade e mobilidade urbana), estruturais (local de treinamento, incentivo financeiro, equipe multidisciplinar) e emocionais (motivação, autoestima, relação com treinador, apoio familiar) que fazem um contraponto aos suportes obtidos durante este período, servindo de facilitadores para melhora no rendimento esportivo. (Haiachl et al., 2016 p. 3002)



3 ESTUDOS DE REFERÊNCIA

Este capítulo analisará dois projetos que servirão como referência para este trabalho. Ambos são exemplos nacionais desenvolvidos no contexto olímpico e paralímpico dos Jogos Rio 2016: a Arena da Juventude, no Rio de Janeiro, e o Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro, em São Paulo.

3.1 QUADRA POLIESPORTIVA: ARENA DA JUVENTUDE, RIO DE JANEIRO - RJ

A Arena da Juventude integra o Complexo Esportivo de Deodoro e foi construída para os Jogos Rio 2016, sendo considerada um dos principais legados do evento. Seu projeto iniciou em 2013, e as obras foram concluídas em 2016, a tempo das competições olímpicas e paralímpicas.

Figura 03 - Fotografia externa da Arena da Juventude.

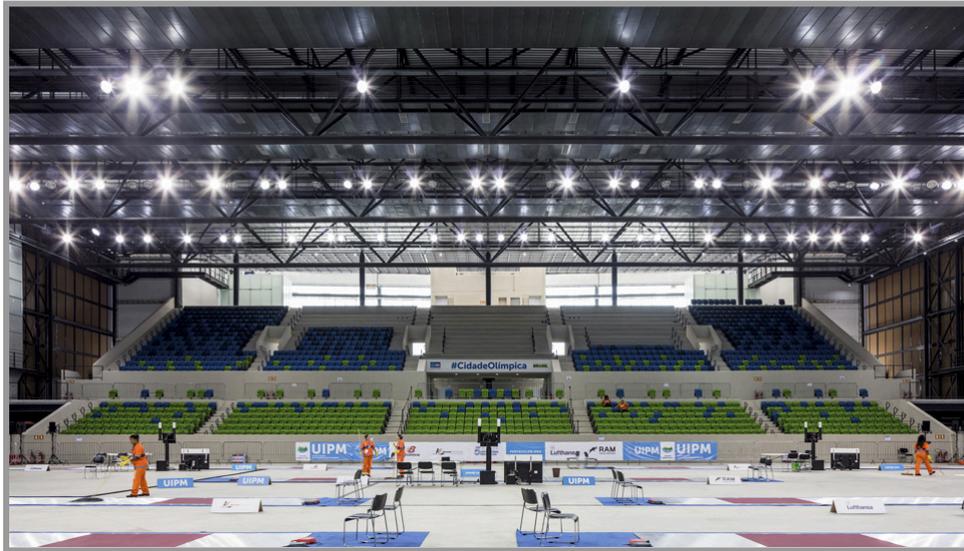


Fonte: Archdaily, 2016.

Projetada pelo escritório Vigliecca & Associados, a Arena da Juventude ocupa uma área de 14.300 m². Com capacidade para 5.000 espectadores, sendo 2.000 assentos permanentes e 3.000 temporários, o espaço recebeu três modalidades durante os Jogos Rio 2016: a esgrima do pentatlo moderno e o basquete feminino nas Olimpíadas, além da esgrima em cadeira de rodas nas Paralimpíadas.



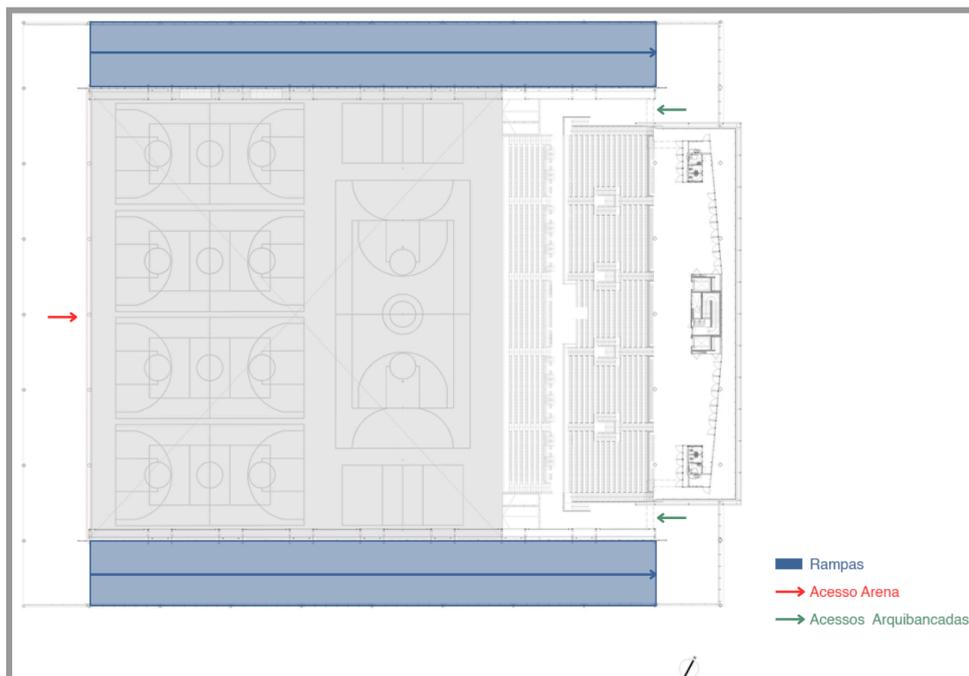
Figura 04 - Fotografia da quadra e arquibancada fixa da Arena da Juventude.



Fonte: Archdaily, 2016.

Em relação às características arquitetônicas, o projeto apresenta uma planta de configuração simples (Figura 05), que pode ser compreendida em dois níveis principais. O primeiro é o nível das competições, composto por um amplo vão livre com 66,50m no térreo, acessível pelas portas localizadas na fachada frontal do edifício. O segundo é o nível da arquibancada, ao qual se chega por meio de duas grandes rampas situadas nas laterais da edificação (Figura 06).

Figura 05 - Planta baixa do térreo da Arena da Juventude, com destaque das rampas e acessos.



Fonte: Archdaily, 2016, adaptado pelo autor, 2025.



Figura 06 - Fotografia da rampa lateral de acesso da Arena da Juventude.



Fonte: Archdaily, 2016.

O projeto adota o conceito de hangar esportivo e busca um equilíbrio entre funcionalidade e conforto ambiental por meio de soluções arquitetônicas bem definidas. Nas fachadas norte e sul, os fechamentos são compostos por painéis pivotantes de telha termoacústica do tipo sanduíche, que garantem ventilação ao interior do ginásio, enquanto as demais áreas utilizam PVC.

A estrutura metálica, que se apoia em um conjunto de 36 colunas de aço, traz leveza ao projeto e, em conjunto com membranas translúcidas e permeáveis, possibilita a criação de amplos vãos nas fachadas leste e oeste, resultando em um conjunto arquitetônico mais fluido e integrado ao entorno. Além disso, essas membranas conferem transparência, permitindo que os espectadores dentro da arena tenham uma visão privilegiada de diferentes pontos do Parque de Deodoro.

Ainda sobre conforto ambiental, outro elemento de destaque é a cobertura (Figura 07) em policarbonato, que, além de proporcionar um sombreamento eficiente, favorece a iluminação natural do espaço por meio de lanternins (Figura 08) com exaustão de ar, garantindo melhor ventilação e conforto térmico no interior da edificação.

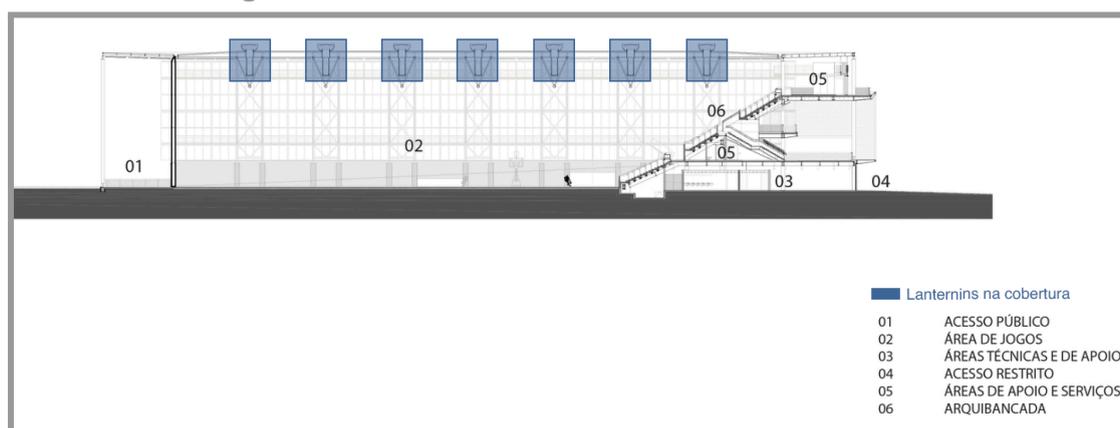


Figura 07 - Fotografia da cobertura da Arena da Juventude.



Fonte: Archdaily, 2016, adaptado pelo autor, 2025.

Figura 08 - Corte destacando os lanternins na cobertura.



Fonte: Archdaily, 2016, adaptado pelo autor, 2025.

A partir das considerações feitas, podemos ver que a Arena da Juventude é uma referência no que diz respeito a um projeto arquitetônico esportivo para multimodalidades. Sua escolha se dá pela planta simples, fluxos bem marcados e direcionados, além das soluções arquitetônicas funcionais que garantem o conforto térmico e lumínico, além da leveza estética ao projeto.

3.2 ESPORTES E ACESSIBILIDADE: CENTRO DE TREINAMENTO PARALÍMPICO BRASILEIRO, SÃO PAULO - SP

O Centro de Treinamento (CT) também começou suas obras em 2013 e foi inaugurado em 2016, sendo um dos principais legados dos Jogos Paralímpicos do Rio



2016. Se consolidou como um centro de referência do Brasil e da América Latina, bem como, um dos melhores do mundo no que diz respeito a esportes de alto rendimento. Sua gestão é feita pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), no qual mantém sua sede no CT.

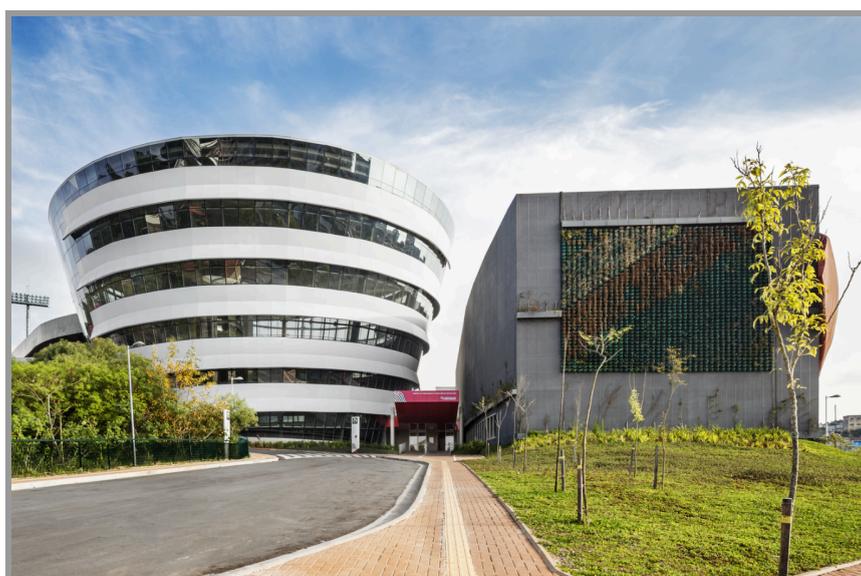
Figura 09 - Fotografia externa do Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro.



Fonte: Archdaily, 2016.

O projeto foi realizado pelo escritório L+M Arquitetura e foi implantado numa área de 140.000 m² dentro do Parque Estadual Fontes do Ipiranga. Entretanto, o projeto possui em torno de 60.000 m², sendo dividido em 2 blocos: o CT e o Residencial Paraolímpico, que possui alojamentos com 300 leitos, lavanderia, refeitório, setor administrativo e outras áreas.

Figura 10 - Fotografia da entrada do Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro.

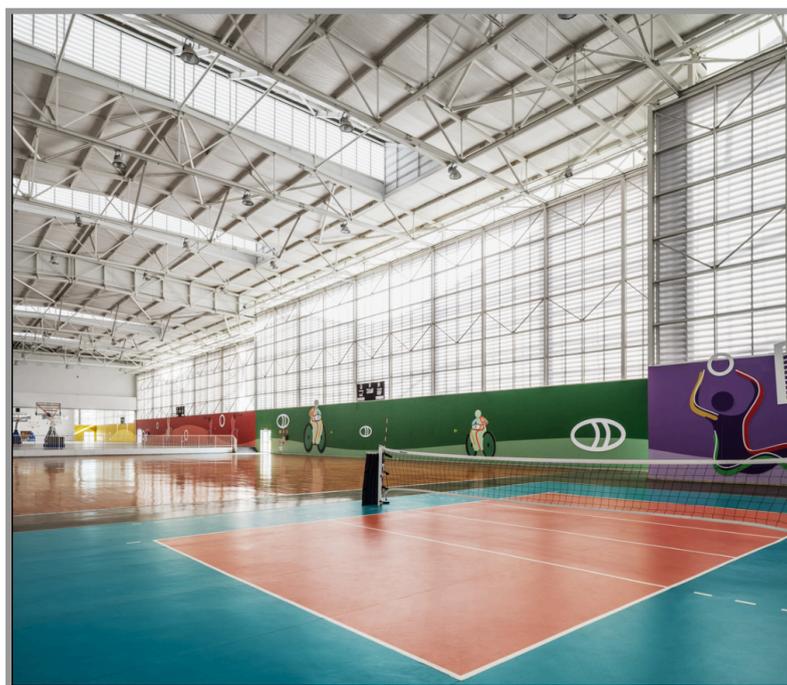


Fonte: Archdaily, 2016.



O CT conta com uma infraestrutura completa e adaptada para diversas modalidades paralímpicas. Entre os espaços disponíveis, destacam-se duas quadras de vôlei sentado (Figura 11), uma quadra de basquete e outra de rúgbi em cadeira de rodas, além de uma quadra destinada ao goalball. O local também dispõe de 12 mesas para tênis de mesa, dois tatames voltados para a prática do judô, seis áreas equipadas para halterofilismo e quatro destinadas à esgrima. Há ainda seis canchas de bocha e um centro aquático que inclui uma piscina olímpica e outra semi-olímpica.

Figura 11 - Fotografia da quadra de vôlei sentado.



Fonte: Archdaily, 2016.

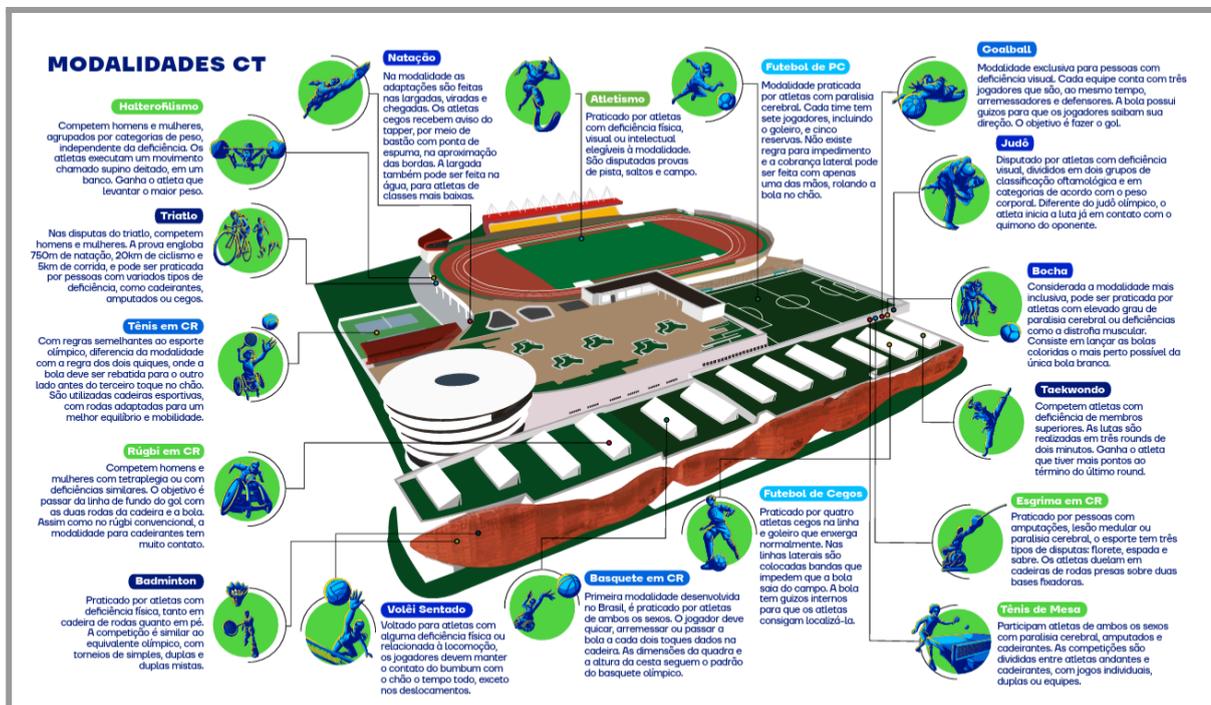
No futebol, o complexo abriga um campo para a categoria PC (pessoas com paralisia cerebral) e outro voltado para atletas cegos. A estrutura contempla, também, duas quadras de tênis adaptadas para cadeirantes, além de uma pista de atletismo ao ar livre e outra indoor. Para suporte aos atletas, estão disponíveis uma academia para condicionamento físico, espaços para fisioterapia e fitness, vestiários, um centro administrativo e um centro de medicina e ciência do esporte.

Diante de toda essa estrutura, o CT permite a prática de 20 modalidades paralímpicas (Figura 12), abrangendo diversas categorias. Entre os esportes disponíveis estão o atletismo, a natação, o remo e o triatlo, além de modalidades coletivas como o basquete e o rúgbi em cadeira de rodas, o futebol de cegos, o futebol PC, o goalball e o vôlei sentado. Também fazem parte da lista esportes como o badminton, a canoagem, o ciclismo, a esgrima em cadeira de rodas, a bocha, a halterofilismo, a judô, a tênis de mesa,



o taekwondo e o tênis em cadeira de rodas. A figura a seguir localiza onde acontecem algumas dessas atividades no CT.

Figura 12 - Esquema gráfico das modalidades paralímpicas no Centro de Treinamento.



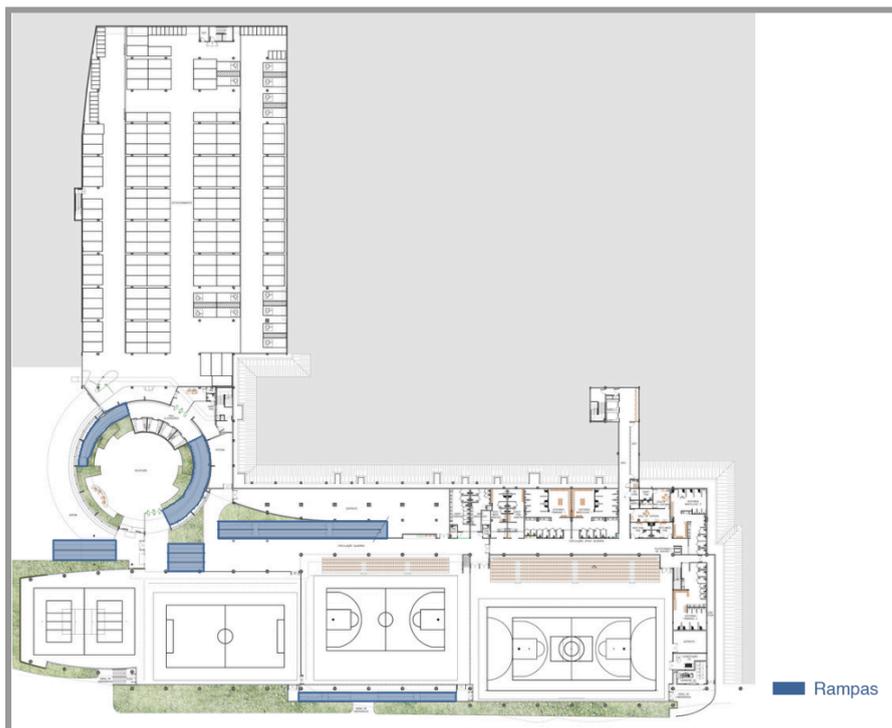
Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022.

No que diz respeito a características arquitetônicas, a seguir serão analisadas questões como implantação, acessibilidade, materialidade e conforto ambiental. A implantação do projeto em si apresentava um grande desafio: como integrar todas as modalidades pensadas para o projeto e ter um projeto acessível em um terreno que possui 20m de desnível? Além disso, por estar localizado em uma área de um Parque Estadual, deveria possuir um menor impacto ambiental possível.

A solução encontrada foi aproveitar-se do desnível do terreno e dividir o projeto em 5 níveis, dos quais foram interligados por rampas internas no mesmo pavimento, elevadores e rampas (circulações verticais) desde a recepção principal (Figura 14).



Figura 13 - Planta baixa do térreo do Centro de Treinamento, com destaque das rampas.



Fonte: Archdaily, 2016, adaptado pelo autor, 2025.

Figura 14 - Fotografia da rampa da recepção interligando pavimentos.



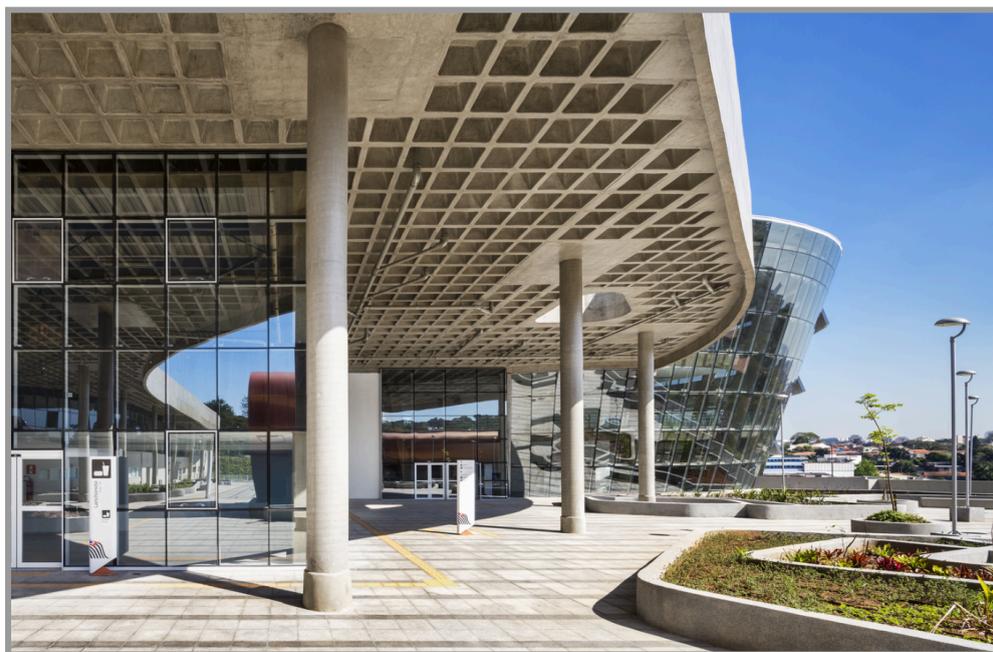
Fonte: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2022.

A materialidade do projeto se evidencia pela combinação de concreto aparente, aço e vidro, que conferem identidade e funcionalidade à construção. O concreto está presente em diversos elementos estruturais, como pilares circulares, lajes cogumelo (Figura 15), rampas e bancos nas áreas de convivência. Já o aço é amplamente utilizado na estrutura



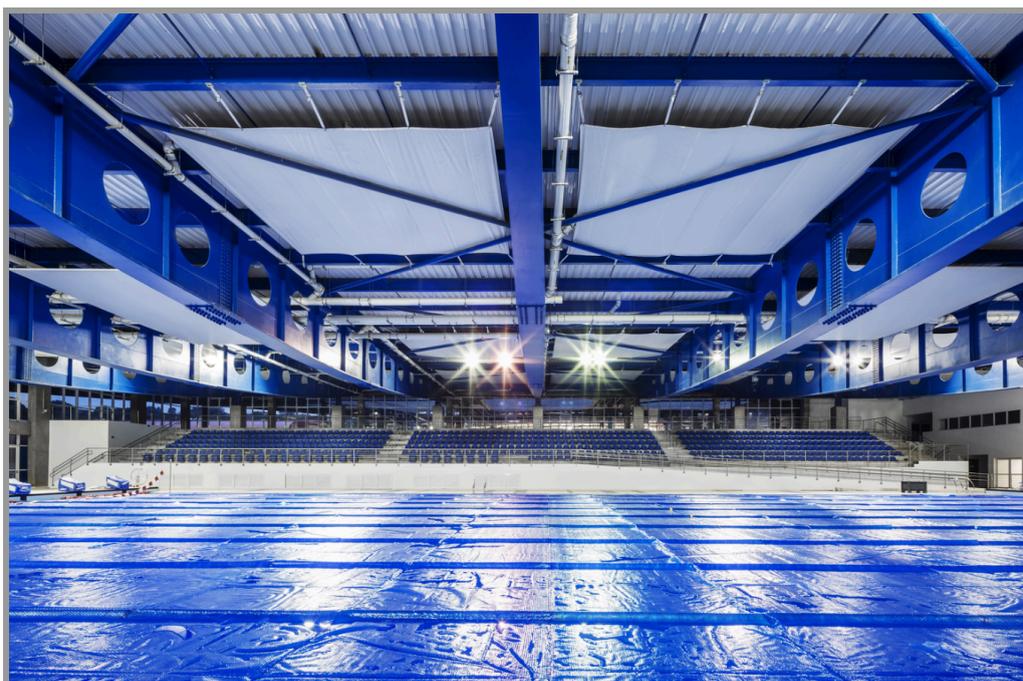
das quadras, nas treliças da área das piscinas (Figura 16) e nas esquadrias espalhadas por todo o complexo esportivo. Um destaque especial é a estrutura de aço na face oeste do edifício, coberta por lonas extensíveis perfuradas em formato orgânico (Figura 17). Além de proporcionar sombreamento às aberturas das quadras, essa solução contribui para a estética do projeto, agregando leveza e dinamismo à composição arquitetônica.

Figura 15 - Fotografia da área externa do CT.



Fonte: Archdaily, 2016.

Figura 16 - Fotografia da área das piscinas.



Fonte: Archdaily, 2016.



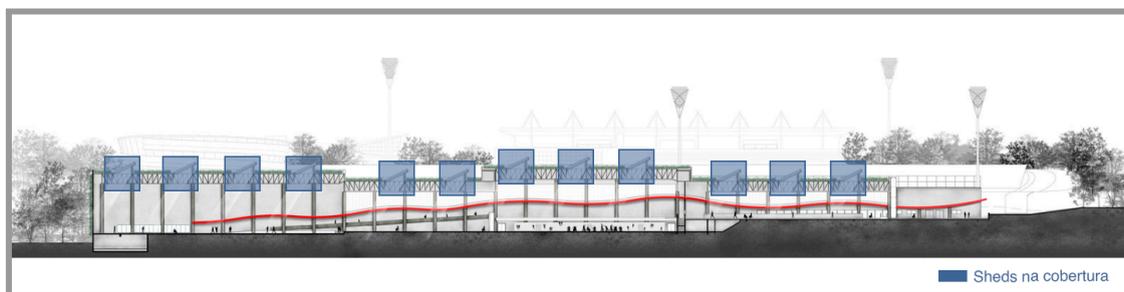
Figura 17 - Fotografia do elemento estético na fachada.



Fonte: Archdaily, 2016.

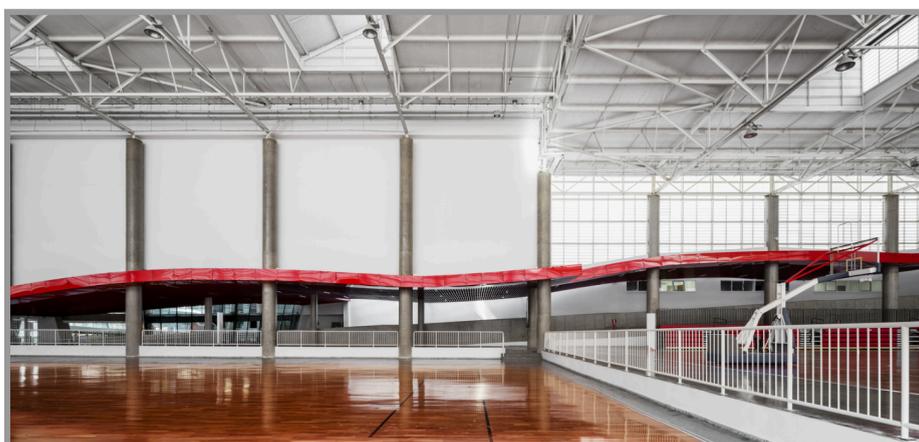
O projeto se destaca como um excelente exemplo da aplicação de ventilação e iluminação natural em empreendimentos de grande porte. A climatização artificial por meio de ar-condicionado é restrita apenas às áreas administrativas, à arena multiuso e a espaços internos sem ventilação natural. Entre as estratégias adotadas, destaca-se o uso de grandes venezianas translúcidas em diversas áreas, além da implementação de sheds na cobertura das quadras (Figura 18). Essas aberturas inclinadas no telhado, fechadas com vidro, permitem um controle eficiente da iluminação e da ventilação natural no edifício.

Figura 18 - Corte na área das quadras, destacando os sheds na cobertura.



Fonte: Archdaily, 2016, adaptado pelo autor, 2025.

Figura 19 - Fotografia das quadras.



Fonte: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2022.



Diante dessas considerações, o Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro se destaca como uma referência tanto para o esporte paralímpico de alto rendimento quanto para a arquitetura de instalações esportivas. Sua escolha como objeto de estudo se justifica pelo caráter multimodal e acessível do espaço, aliado a uma materialidade imponente e ao uso de estratégias de conforto ambiental. O projeto valoriza a iluminação e ventilação natural, além de incorporar elementos de proteção que também cumprem uma função estética. Outro aspecto relevante é a atenção dada à sua implantação, respeitando a integração com o parque em que está inserido.

Apesar das diferenças de escala, os projetos apresentados compartilham algumas características em comum (Quadro 01). A complexidade do programa em cada projeto está relacionado diretamente aos seus usos, onde a Arena da Juventude concentra poucas atividades, então por isso seu programa é mais simples. Enquanto o CT possui maior diversidade de uso, incluindo alojamentos, tornando ele mais complexo.

Quadro 01 - Comparativo entre os estudos de referência.

Componente	Arena da Juventude	Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro	Características
Área	14.300 m ²	140.000 m ²	-
Programa e Usos	Simple formado por um único bloco com áreas para competições esportivas, para poucas modalidades	Complexo formado por dois blocos, onde um se concentra as áreas esportivas para competição e treinamento, e outro com alojamentos, lavanderia, refeitório, setor administrativo e outras áreas	A Arena da Juventude possui um programa mais enxuto diante do seu uso ser mais simplificado, enquanto o CT possui um programa mais complexo por causa da sua diversidade de usos
Estrutura	Metálica	Concreto e Metálica	Ambos utilizam treliças em aço para vencer grandes vãos
Conforto Ambiental	Sheds na cobertura	Lanternins na cobertura	Ambos utilizam sistemas de iluminação zenital para o aproveitamento da luz e ventilação natural
Acessibilidade	Duas rampas nas laterais dando o acesso a quadra e a arquibancada	Uma rampa em formato circular ligando a recepção a todos os níveis do projeto	Para a interligação de diferentes níveis e fluidez na circulação

Fonte: Autor, 2025.

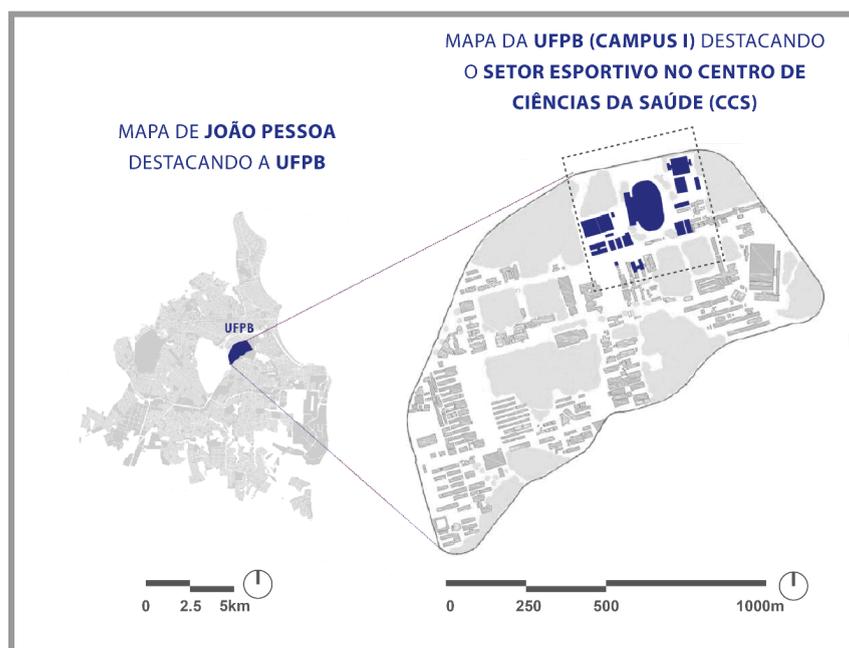
A relação entre os estudos de referência e o Ginásio Esportivo (GE) se deu a partir da maneira como o projeto do Centro de Treinamento (CT) acomodou diversos ambientes, como áreas administrativas, alojamentos e salas de aula. Essa solução inspirou a proposta de organização de ambientes adjacentes à prática esportiva do ginásio, estruturando-os em um bloco distinto. Já em relação à Arena da Juventude, destacou-se como foram tratados a acessibilidade, os fluxos e a integração com a quadra, elementos que também nortearam as decisões de projeto.



4 UFPB E SEU GINÁSIO ESPORTIVO

O Ginásio Esportivo faz parte do Complexo Esportivo (Figura 20) localizado no Centro de Ciências da Saúde (CCS) no Campus I da UFPB em João Pessoa. A importância deste complexo se expande além das fronteiras da instituição, visto que, as portas se abrem para a comunidade externa, sediando competições esportivas e também com atividades de extensão em várias modalidades como voleibol, karatê, judô, futsal, futebol, musculação, avaliação física, ginástica aeróbica, capoeira, condicionamento físico, tênis, handebol, natação, hidroginástica, além de atividades físicas e lazer para a terceira idade. Somado com a demanda interna da universidade, o setor esportivo atende, semestralmente, cerca de 1.800 pessoas (Universidade Federal da Paraíba, 2006).

Figura 20 - Mapa de localização do campus I da UFPB em João Pessoa, seguido do setor esportivo no campus I.

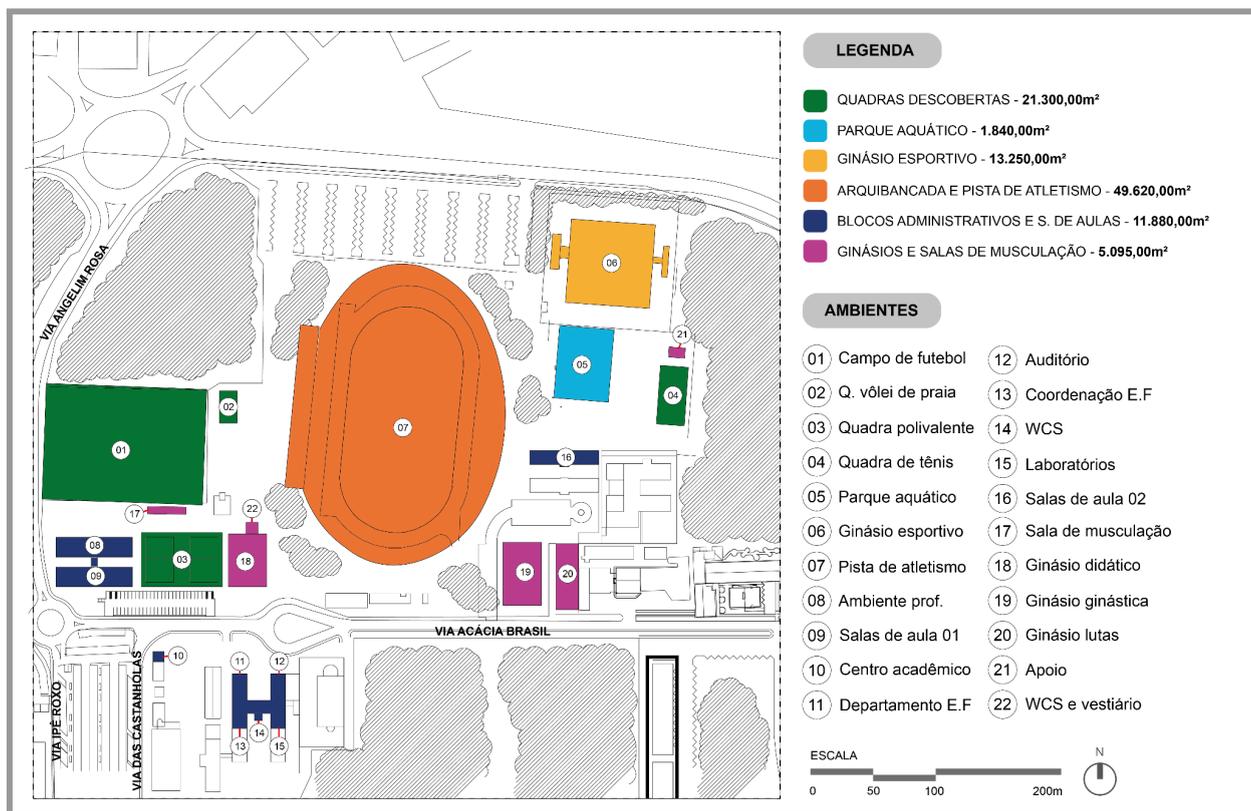


Fonte: Sarmiento et al., 2024, adaptado pelo autor, 2025.

O Complexo Esportivo corresponde a uma área de cerca de 110.000m² (Sarmiento et al., 2024) dentro da instituição, sendo composta por blocos administrativos, como as coordenações e do departamento, por ambientes de professores, salas de aula e centros acadêmicos, além dos diferentes equipamentos esportivos como os ginásios, campos de futebol, quadras de voleibol, tênis, parque aquático e pista de atletismo (Figura 21).



Figura 21 - Mapa de identificação dos blocos no setor esportivo da UFPB.



Fonte: Sarmento et al., 2024, adaptado pelo autor, 2025.

4.1 LEVANTAMENTO DE DADOS

4.1.1 Reconhecimento da área

Para compreender a situação atual, foram realizadas algumas visitas ao ginásio, a fim de explorá-lo e entender, seu funcionamento, uso e seus problemas. Essas visitas auxiliaram a realizar uma observação direta, o que resultou em algumas percepções pessoais que se tornou relevante no processo de projeto. Além disso, foi realizado um levantamento fotográfico, onde, algumas das fotos serão colocadas aqui para abordar os problemas encontrados.

O primeiro problema a ser mencionado é o nível da quadra ser abaixo do nível do solo e a mesma não possui nenhuma rampa de acesso (Figura 22), impedindo o uso da dela por pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida.



Figura 22 - Fotografia da quadra e arquibancadas do Ginásio Esportivo.



Fonte: Autor, 2025.

Outro problema a ser mencionado é que o piso de acesso ao ginásio é de um material trepidante (Figura 23), o que dificulta o acesso de pessoas em cadeira de rodas. Além disso, a transição entre esse acesso e o piso de circulação do ginásio possui um desnível (Figura 24). Apesar desses pontos, pela Figura 23 ainda podemos perceber que existe uma grande área que está subutilizada e com potencial de ser transformada em uma área de convivência.



Figura 23 - Fotografia do acesso ao Ginásio Esportivo.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 24 - Fotografia mostrando desnível no acesso ao Ginásio Esportivo.



Fonte: Autor, 2025



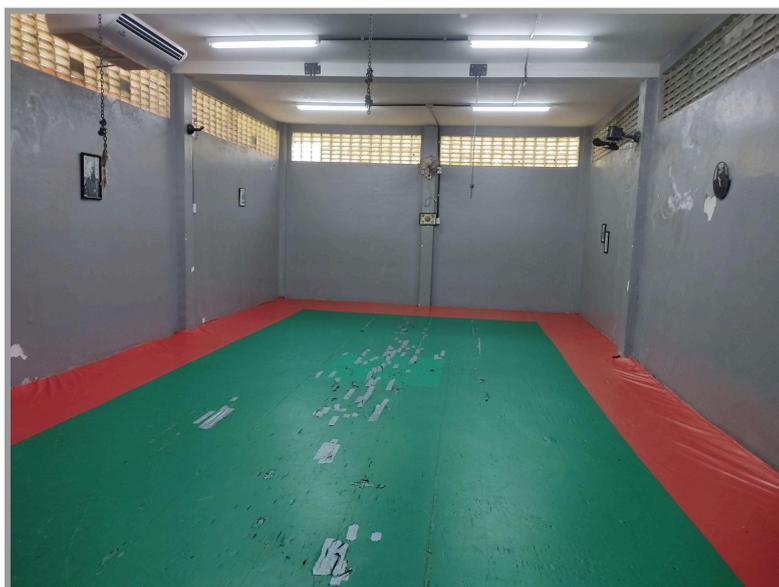
Os ambientes de apoio e salas de aula existentes no ginásio ficam semienterrados (Figura 25) e posicionados que prejudicam a ventilação e ventilação natural, o que, conseqüentemente, gera nestes ambientes problemas com umidade e mofo (Figura 26). Além disso, a parte de vestiários ficam no mesmo bloco, acima deles, e o seu acesso acontece apenas por duas escadas (Figura 27) que estão dentro da quadra, o que novamente inviabiliza o uso por pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Figura 25 - Fotografia externa das salas de apoio semienterradas.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 26 - Fotografia da interna da sala do tatame.



Fonte: Autor, 2025.



Figura 27 - Fotografia das escadas de acesso aos vestiários.



Fonte: Autor, 2025.

4.1.2 Conversas informais com a treinadora, atletas e responsáveis da SINFRA

Além do reconhecimento de campo, também aproveitou-se da oportunidade para conversar com usuários do ginásio como atletas e uma treinadora, com o intuito de entender quais as suas principais demandas e queixas a respeito do espaço. Para contemplar outras informações mais técnicas, também foram realizadas conversas informais com responsáveis da SINFRA da instituição.

4.1.2.1 Relato Treinadora/professora do Departamento de Educação Física

A treinadora é a professora do Departamento de Educação Física Elaine Souto, que atua com condicionamento físico e esportes para pessoas com deficiência e informou algumas necessidades que o ginásio apresenta, como a ausência de uma oficina para pequenos consertos nas cadeiras de rodas, bem como um almoxarifado para guardá-las. Outra queixa foi a ausência de alojamentos, pois os mesmos poderiam otimizar os fluxos durante os períodos de competição. Além disso, a necessidade de vestiários em quantidade adequada e acessíveis, com maquinário que permita fazer a transferência entre cadeira de rodas particular e cadeira utilizada na prática esportiva.



4.1.2.2 Relato dos Atletas

As principais queixas dos atletas são referentes à estrutura do ginásio. Eles relataram a necessidade de um ambiente de fisioterapia, este seria para acelerar a recuperação muscular e diminuir a recorrência de problemas físicos. Outra necessidade apontada por eles foi a ausência de um ambiente de descanso para os atletas e também de um número maior de quadras para permitir que aconteçam jogos simultâneos.

4.1.2.3 Conversa com Responsáveis da SINFRA

Diferente as outras conversas que foram no formato de relatos, aqui buscou-se extrair informações técnicas, tanto a respeito de aspectos construtivos, quanto de entender limites orçamentários. Neste caso, os responsáveis da SINFRA contactados, foram o Marcelo Diniz e o Flávio Boaventura, ambos são arquitetos e urbanista e fazem parte da Gerência de Projetos e Edificações. Eles forneceram algumas instruções a respeito de coisas que poderiam ser feitas. Isso, baseado na realidade encontrada atualmente e também na disponibilidade de recursos da instituição para serem investidos no local.

Dessa forma, deve-se preservar a estrutura existente no ginásio e no anexo já existente, não mexendo na área das arquibancadas, visto que elas funcionam como uma contenção do terreno. Apesar dessas considerações, foi sugerido a alteração da cobertura diante da sua estrutura estar degradada atualmente.

A proposição de um novo bloco, para atender às novas necessidades e ambientes, este, na parte posterior do ginásio, para não mexer muito na parte hoje já existente e apenas reformá-la internamente. E que este novo bloco construído seja térreo, para minimizar os custos da obra.

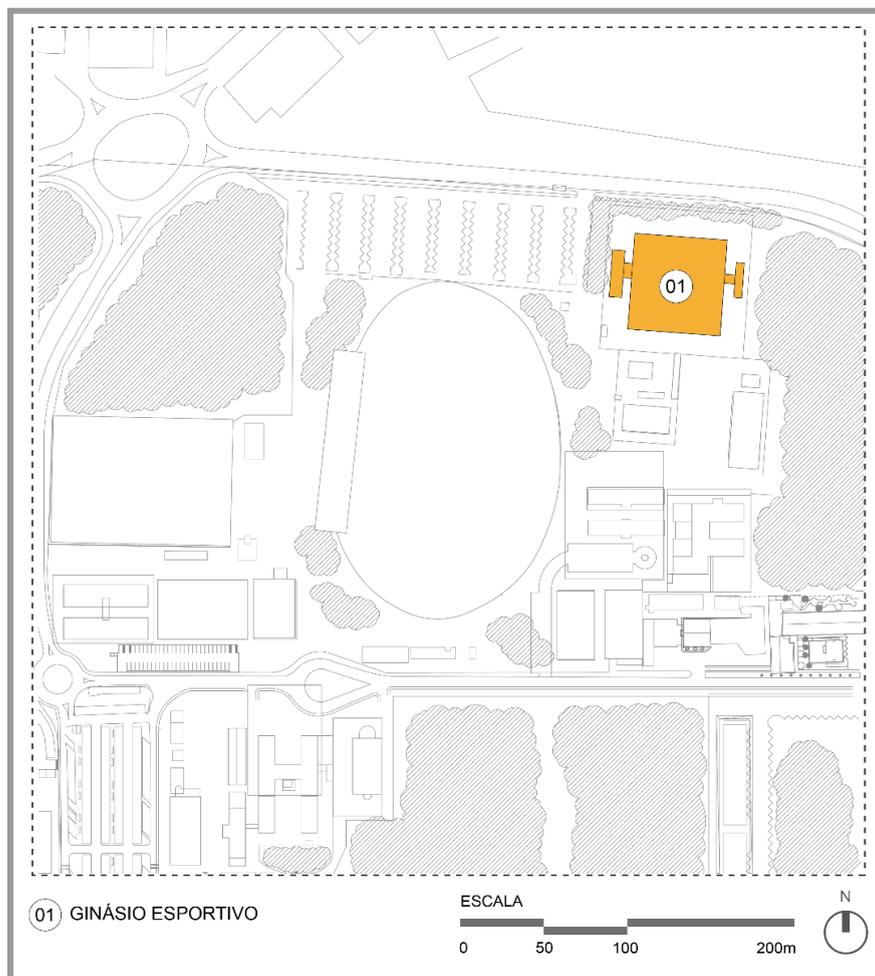
4.2 DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Ginásio Esportivo (Figura 28) possui 13.250m² e abriga diversas atividades: diferentes modalidades esportivas na quadra, salas para aula de lutas com tatame, bem como vestiários e sala de massagem. Além disso, possui alguns depósitos e salas de apoio, bem como banheiros para os seus usuários. No que se refere a distribuição espacial e as plantas baixa do ginásio (Figuras 29 e 30), ele pode ser dividido em 4 níveis: o das salas superiores, o da quadra, o de chegada e o do subsolo, que fica semienterrado, como



podemos ver nos cortes (Figuras 28 e 29).

Figura 28 - Mapa de localização do Ginásio Esportivo no Setor Esportivo do campus I da UFPB.



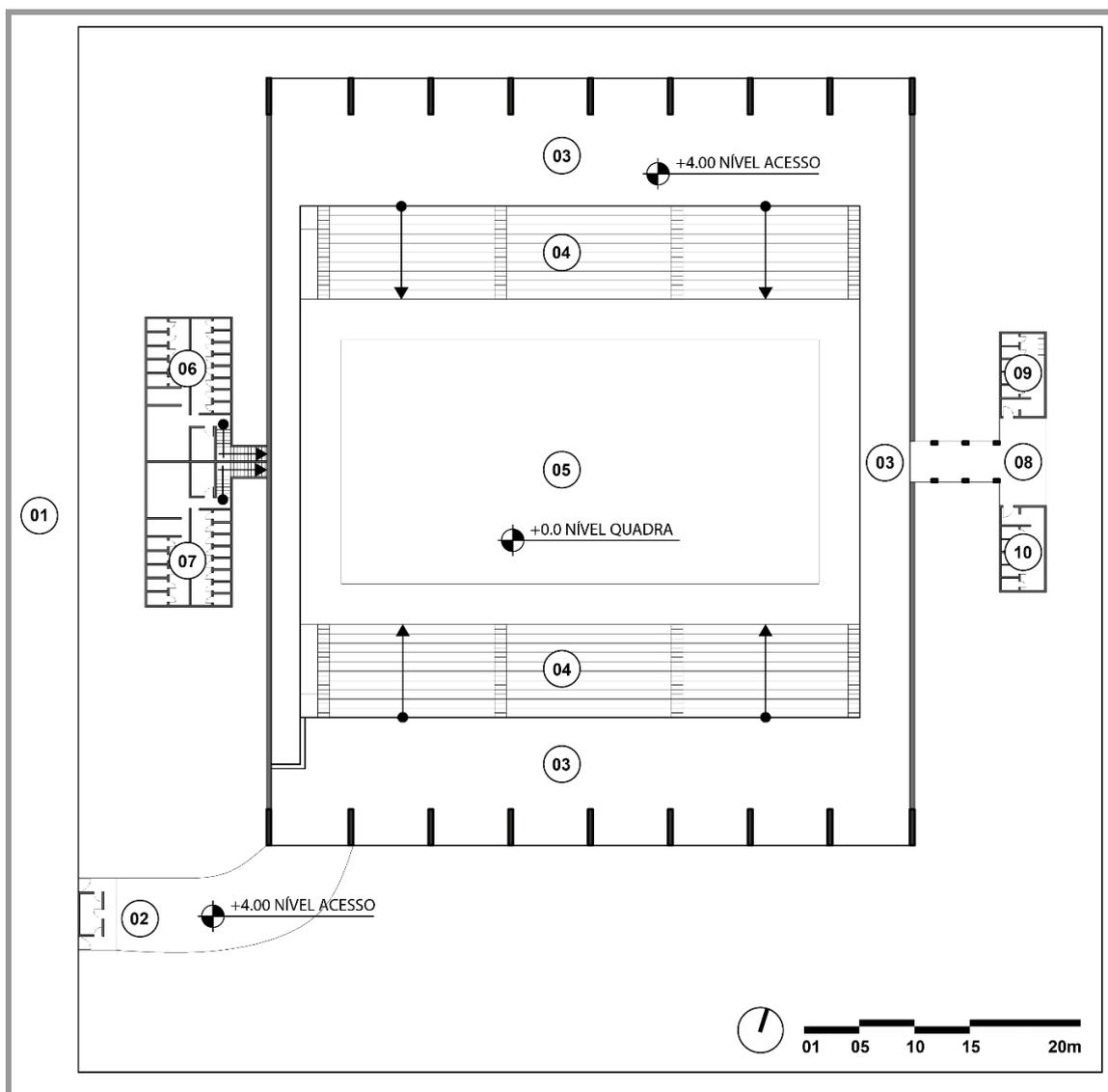
Fonte: Sarmento et al., 2024.

É importante mencionar que os desenhos técnicos utilizados neste trabalho também fazem parte do acervo do Lacesse, pois a UFPB não possui as plantas baixas referentes ao ginásio, apenas a planta de localização. Com isso, ao realizar o laudo técnico em acessibilidade, a equipe do laboratório fez o levantamento do espaço e seus ambientes e elaborou plantas baixas e cortes, atualizando e disponibilizando esse material, que serviu de consulta e de referência para a elaboração da proposta projetual.

A primeira planta baixa corresponde aos níveis da quadra, o de chegada e o das salas de superiores. Nela, estão presentes os seguintes ambientes: estacionamento, acesso principal, corredor, arquibancada, quadra, vestuários masculino e feminino, hall dos banheiros e os banheiros masculino e feminino. Todos eles estão enumerados e indicados na planta (Figura 29).



Figura 29 - Planta baixa do nível térreo do Ginásio Esportivo da UFPB.



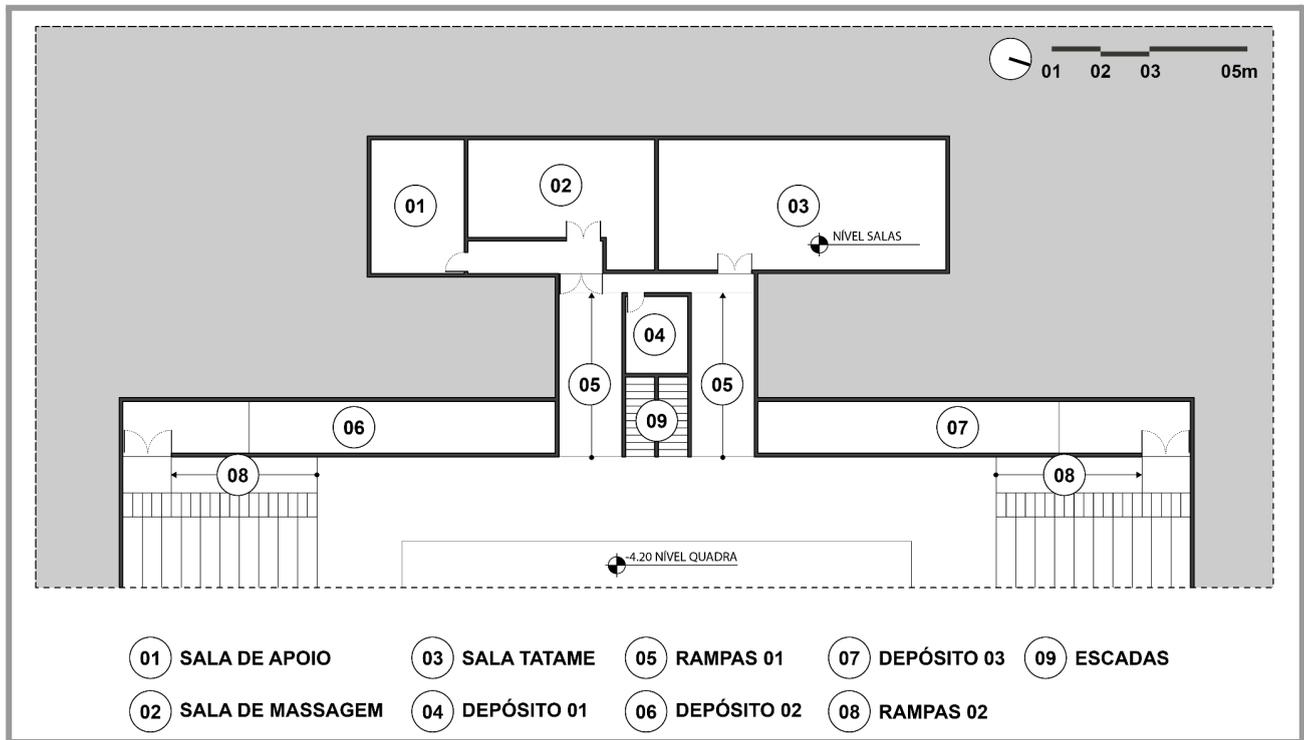
- | | | | |
|---------------------|--------------------|-------------------|------------------|
| 01 ESTACIONAMENTO | 04 ARQUIBANCADA | 07 VESTIÁRIO FEM. | |
| 02 ACESSO PRINCIPAL | 05 QUADRA | 08 HALL WC'S | 10 BANHEIRO FEM. |
| 03 CORREDOR | 06 VESTIÁRIO MASC. | 09 BANHEIRO MASC. | |

Fonte: Sarmento et al., 2024.

A planta do nível do subsolo (Figura 30), assim como a anterior, também apresenta a indicação de todos os ambientes presentes nela, sendo eles: sala de apoio, sala de massagem, sala de tatame (utilizada para esportes de luta como judô e taekwondo), depósito 1, rampa 1, depósito 2, depósito 3, rampa 2 e escadas.



Figura 30 - Planta baixa do nível subsolo do Ginásio Esportivo da UFPB.

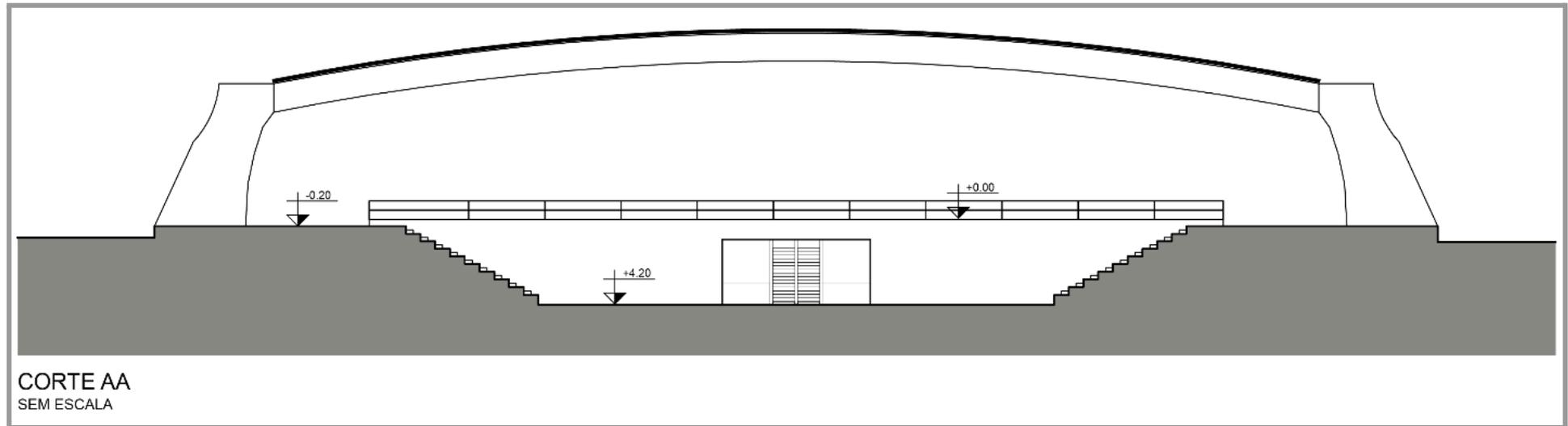


Fonte: Sarmento et al., 2024.

Os cortes transversal e longitudinal passam por áreas importantes do ginásio (Figuras 31 e 32) abrangendo toda a sua extensão. Eles ilustram essa divisão, auxiliando no entendimento dos níveis presentes no projeto, mostrando a diferente relação entre eles.

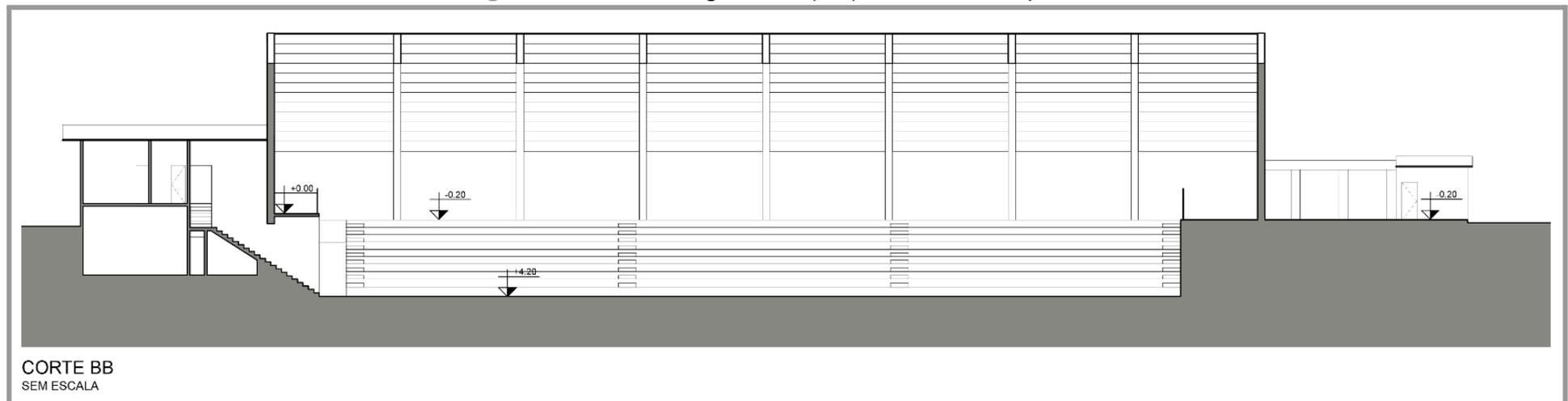


Figura 31 - Corte transversal (AA) do Ginásio Esportivo.



Fonte: Sarmento et al., 2024.

Figura 32 - Corte longitudinal (BB) do Ginásio Esportivo.



Fonte: Sarmento et al., 2024.



No que diz respeito aos aspectos climáticos, o ginásio está implantado de forma que os banheiros e vestiários se encontram orientados para leste e oeste, respectivamente. Sua posição e por ser aberto nas suas laterais, favorece a ventilação natural e a circulação do ar, conforme mostrado na Figura 33.

Figura 33 - Imagem de satélite com os aspectos climáticos.



Fonte: Autor, 2025.

O diagnóstico do Lacesse (Sarmiento et al., 2024) apontou que os principais problemas encontrados no ginásio são: os banheiros inacessíveis, a ausência de corrimão na rampa de acesso, a ausência de uma rampa para o acesso à quadra, o piso no acesso ao ginásio sendo irregular ou danificado e desnível no acesso. Com isso, a partir do estudo do laudo de acessibilidade, o quadro a seguir aponta a relação de ambientes e suas principais considerações, seja positiva ou negativa, a respeito deles.

Quadro 02 - Diagnóstico do Ginásio Esportivo.

1	Quadra	✗	Sem rampas para acesso
2	Arquibancada	✗	Sem corrimãos e espaços destinados a PcDs
3	Vestiários	✗	Sem cabines acessíveis e acesso exclusivo via escada
4	Banheiros Públicos	✗	Sem cabines acessíveis e sem barras de apoio
5	Sala de massagem	✓	Bom espaço para manobra de cadeira de roda, vão de porta adequado
6	Sala de tatame	✓	Vão de porta adequado, falta nivelamento do piso com o tatame
7	Depósitos	✗	Inclinação das rampas de acesso inadequadas

Fonte: Autor, 2025.



5 PROPOSTA PROJETUAL

5.1 CONCEPÇÃO DA PROPOSTA

A proposta de revitalização do Ginásio Esportivo foi orientada a partir de alguns aspectos, sendo eles: a análise SWOT, definição dos conceitos e diretrizes projetuais, e ainda as modalidades esportivas que serão ofertadas no espaço. Estes aspectos serviram para a elaboração do programa de necessidades.

5.1.1 Estudos Preliminares

A partir de todas as informações reunidas, realizou-se uma análise SWOT, no qual é uma ferramenta de gestão que serve para avaliar a situação atual de algo e orientar futuras estratégias. A sigla trabalha quatro aspectos, no qual em português são: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças. Esses pontos aplicados serão descritos a seguir e depois resumidos na Figura 34.

No que diz respeito à Força, como já visto, o ginásio está inserido em um complexo esportivo e próximo de outras atividades esportivas como o Parque Aquático e a Pista de Atletismo. A quadra possui dimensões oficiais e a estrutura metálica robusta permite um amplo pé direito, o que favorece também a ventilação e iluminação natural. Além disso, o ginásio tem áreas de circulação e estacionamento sombreados.

As Fraquezas encontradas no ginásio estão ligadas a falta de acessibilidade, a degradação do local e a ausência de equipamentos. Como já foi mencionado, o acesso a quadra é inacessível, bem como as estruturas de apoio como banheiros, o material do piso é trepidante e não existe sinalização para a orientação do público. Outro aspecto que podem ser mencionado é a carência de locais de permanência e descanso.

As Oportunidades consistem no melhor aproveitamento do entorno do ginásio, pois existem grandes áreas subutilizadas que geram a possibilidade de intervenções, como a criação de novos blocos para abrigar as atividades e demandas realizadas no ginásio, além do potencial para criação para áreas de convivência.

Já as Ameaças estão relacionadas à degradação do patrimônio público, que pode ser visto na ausência de manutenção de alguns ambientes e área externo do ginásio, bem como limitações orçamentárias da instituição, que podem gerar algumas restrições ao



projeto, no qual, poderia suprimir elementos que visam o funcionamento especificamente do esporte paralímpico.

Figura 34 - Esquema da análise SWOT do Ginásio Esportivo.

S Forças	W Fraquezas	O Oportunidades	T Ameaças
Projeto inserido em região de múltiplas atividades esportivas consolidadas; Qualidade estrutural do ginásio com padrão adequado; Cobertura vegetal.	Falta de acessibilidade no ginásio e circulações circundantes; Degradação local; Ausência de equipamentos.	Amplio espaço subutilizado para possíveis intervenções; Caminhos que conectam as diferentes áreas esportivas do setor; Instalação de atividades adjacentes à prática esportiva amadora e convivência social.	Insegurança local; Condicionantes da UFPB.

Fonte: Autor, 2025.

5.1.2 Conceitos e Diretrizes

No que se refere aos conceitos, foram escolhidos três pontos a serem abordados: flexibilidade, durabilidade e esporte como ferramenta de reabilitação. A partir destes conceitos, serão trabalhadas algumas diretrizes projetuais reunidas no Quadro 06.

A flexibilidade foi adotada pensando na promoção de espaços e sistemas adaptáveis, que possam ser reconfigurados para atender diferentes demandas, atividades e públicos.

O conceito de durabilidade será aplicado no projeto tanto na escolha dos materiais utilizados quanto na proposta dos ambientes, visando a resistência e a baixa necessidade de manutenção, garantindo assim longevidade ao projeto.

O esporte como ferramenta de inclusão tem o intuito de promover a prática esportiva para além da competição e lazer, mas também como processo terapêutico para melhoria da saúde física, mental e emocional do usuário.



Quadro 03 - Conceitos e diretrizes projetuais.

Conceitos	Diretrizes Projetuais	
Flexibilidade	Sugerir o uso de estruturas modulares para cobertas e equipamentos esportivos em geral.	Planejar áreas multiuso que podem ser rapidamente convertidas para novas demandas.
Durabilidade	Sugestão de materiais de alta resistência, fácil manutenção e que sejam resistentes ao impacto, antiderrapantes e de baixa porosidade.	
Esporte como ferramenta de reabilitação	Planejar zonas de convivência inclusivas, integrando usuários de diferentes habilidades, com paisagismo acessível e pontos de descanso.	

Fonte: Autor, 2025.

5.1.3 Modalidades abarcadas e atividades previstas

Como já mencionado, o Ginásio Esportivo atende tanto a comunidade interna, quanto externa a UFPB, além de também sediar diferentes competições. Dessa forma, foram escolhidas algumas modalidades esportivas para serem realizadas no ginásio, como será mostrado no quadro a seguir.

Quadro 04 - Modalidades esportivas escolhidas.

Modalidades Esportivas	
Pessoa sem Deficiência	Pessoa com Deficiência (PcD)
Basquete	Basquete de Cadeira de Rodas
Beach Tennis	Futsal de Cegos
Futvôlei	Goalball
Futsal	Halterofilismo
Handebol	Handebol
Judô	Judô
Taekwondo	Rugbi de Cadeira de Rodas
Volêi	Taekwondo
Vôlei de Areia	Vôlei Sentado

Fonte: Autor, 2025.



5.1.4 O Programa e dimensionamento

O programa de necessidades pensando nos diferentes ambientes e equipamentos necessários, assim, foi dividido em cinco setores, sendo estes: Ginásio Esportivo, Anexo Pré-existente, Anexo Educacional, Quadras de Areia e Área de Convivência (Tabela 02). No qual, será detalhado a seguir, considerando seus ambientes, suas atividades, o dimensionamento, os usuários e os equipamentos.

Tabela 02 - Dimensionamento dos setores.

Setor	Área Trabalhada	Área Construída
Ginásio Esportivo	2.140,60m ²	2.140,60m ²
Bloco de Apoio ao Atleta	274,67m ²	274,67m ²
Bloco Educacional	524,50m ²	524,50m ²
Área de Acesso e Convivência	2445,18m ²	722,15m ²
Total	5.869,82m²	3.661,92m²

Fonte: Autor, 2025.

O Ginásio Esportivo corresponde ao principal setor do programa, pois abriga a área da quadra e das arquibancadas, além dos depósitos de materiais esportivos (Quadro 05). Dessa forma, abrigará as principais competições e o maior número de atletas e torcedores.

Quadro 05 - Programa de necessidades - Ginásio Esportivo.

GINÁSIO ESPORTIVO				
Ambiente	Atividades	Dimensionamento	Usuários	Equipamentos
Arquibancada	Acomodar os torcedores para assistir os eventos	768m ²	Torcedores	-
Depósitos de materiais esportivos	Armazenar redes, bolas, barreiras, cestas e equipamentos em geral	28,6m ²	Atletas, treinadores e funcionários de manutenção	Armários, ganchos para pendurar itens
Quadra	Prática esportiva das modalidades: rugby de cadeira de rodas; futsal de cegos; basquete de cadeira de rodas; goalball; vôlei sentado	1344m ²	Atletas, treinadores e árbitros	Demarcação das linhas no piso; cestas de basquete; traves de futsal; traves de goalball; rede de vôlei; barreiras de rugby.
Total		2.140,6m²		

Fonte: Autor, 2025.

O Bloco de Apoio ao Atleta corresponde a antiga área que abaixo dos vestiários, onde ficava as salas de apoio, de massagem e o tatame. Na proposta, esses espaços dão



lugar a uma rampa de acesso do nível térreo para o nível da quadra. Além disso, novos ambientes são propostos como um lobby e depósito de cadeira de rodas (Quadro 06).

Quadro 06 - Programa de necessidades - Bloco de Apoio ao Atleta.

BLOCO DE APOIO AO ATLETA				
Ambiente	Atividades	Dimensionamento	Usuários	Equipamentos
Banheiros com vestiários (Masc. e Fem)	Permitir banhos e preparação de equipamentos e vestimentas no pré e pós jogo	71,5m ² (somando fem e masc)	Atletas, treinadores e árbitros	Chuveiros, sanitários, pias, armários e bancos
Banheiros com vestiários - PcD (Masc. e Fem)	Permitir banhos e preparação de equipamentos e vestimentas no pré e pós jogo	23,76m ² (somando fem e masc)	Atletas, treinadores e árbitros	Chuveiros, sanitários, pias, armários, bancos e equipamento de transferência de cadeira de rodas.
DML	Armazenar materiais de limpeza	6m ²	Funcionários de manutenção	Armários
Lobby	Confraternização de atletas antes e depois de partidas	51,50m ²	Atletas, treinadores e árbitros	Bancos e espaços de descanso
Depósito de materiais esportivos	Armazenar redes, bolas, barreiras, cestas e equipamentos em geral	69,34m ²	Atletas, treinadores e funcionários de manutenção	Armários, ganchos para pendurar itens
Depósito de cadeira de rodas com oficina	Armazenar cadeiras de rodas e promover pequenos reparos nelas	52,57m ²	Atletas, treinadores e funcionários de manutenção	Bancada, porta ferramentas, ganchos e espaços livres
Total		274,67m²		

Fonte: Autor, 2025.

O Bloco Educacional é um novo bloco criado para receber as atividades educacionais do ginásio, como aulas teóricas ou práticas, além disso, também servirá de apoio alunos, professores e atletas. Dessa forma, o novo bloco possuirá sala de aula, sala de professores, sala de descompressão, sala de fisioterapia, banheiros, academia e tatame olímpico (Quadro 07).

Quadro 07 - Programa de necessidades - Bloco Educacional.

BLOCO EDUCACIONAL				
Ambiente	Atividades	Dimensionamento	Usuários	Equipamentos
Academia de musculação e atividades	Promover musculação e halterofilismo	98,74m ²	Atletas, treinadores e árbitros	Maquinário musculação
Banheiros para o público (Masc. e Fem)	Atender as necessidades fisiológicas	78,21m ² (somando todos)	Público	Pias e sanitários
Banheiros para o público - PCD (Masc. e Fem)	Atender as necessidades fisiológicas	26,46m ² (somando todos)	Público	Pias e sanitários adaptados com equipamento de transferência de cadeira de rodas
Espaço de descompressão	Serve como um espaço de descanso e lazer	48,5m ²	Alunos	Bancos, ping pong e pebolim
Sala de aula	Aulas expositivas	68,56m ²	Alunos e professores	Carteiras, mesa, cadeira, computador e projetor
Sala de estudos	Reunir, conversar, estudar, ler e fazer trabalhos	30,80m ²	Alunos	Mesas redondas e cadeiras
Sala de fisioterapia	Atendimentos fisioterapêuticos	33,93m ²	Atletas, treinadores, alunos e professores	Macas, pia, armários e cadeiras de espera
Sala de professores	Reunir, conversar e descansar	21,39m ²	Professores	Mesas e cadeiras
Tatame Olímpico	Acomodar práticas esportivas como: Judô e Taekwondo	117,91m ²	Atletas e treinadores	Tatame
Total		524,50m²		



Fonte: Autor, 2025.

As Áreas Externas também é uma nova proposição para o espaço. A proposta inclui duas quadras localizadas na lateral do ginásio, para receber atividades como vôlei de areia, futevôlei e beach tennis. Além do espaço das quadras, o projeto também inclui uma área de convivência (Quadro 08).

Quadro 08 - Programa de necessidades - Áreas Externas.

ÁREAS EXTERNAS				
Ambiente	Atividades	Dimensionamento	Usuários	Equipamentos
Área de convivência	Permitir banhos e preparação de equipamentos e vestimentas no pré e pós jogo	128,67m ²	Atletas, treinadores e árbitros	Bebedouros e bancos
Quadras de vôlei de areia	Acomodar práticas esportivas como: vôlei de areia, futevôlei e beach tennis	356,2m ² (somando as 2)	Atletas, treinadores e árbitros	Redes
Total		484,87m²		

Fonte: Autor, 2025.

A Área de Acesso e Convivência foi pensada para funcionar como uma praça na área que dá acesso ao ginásio. Para este espaço, foi pensado em atividades que estimulassem a permanência e o convívio dos usuários, como áreas verdes livres, bebedouros, bancos, lanchonete e academia ao ar livre (Quadro 09).

Quadro 09 - Programa de necessidades - Área de Acesso e Convivência.

ÁREA DE ACESSO E CONVIVÊNCIA				
Ambiente	Atividades	Dimensionamento	Usuários	Equipamentos
Academia ao ar livre	Executar exercícios de ginástica	96,51m ²	Público no geral	Equipamentos de ginástica
Áreas verdes livres	Contemplativo	1635m ²	Público no geral	Árvores e paisagismo
Espaço de convivência	Promover encontros e conversas	609,28m ²	Público no geral	Bebedouros e bancos
Lanchonete	Alimentação	93m ² (lanchonete + espaços de mesas)	Público no geral	Aparato completo de cozinha, mesas, bancos
Guarita	Vigilância	11,39m ²	Funcionário de segurança	Mesa, cadeira, armário e banheiro
Total		2445,18m²		

Fonte: Autor, 2025.

5.1.5 Partido Arquitetônico, Volumetria, Materialidade e Fluxos

A ideia central para a proposta de reforma do Ginásio Esportivo da UFPB tem como premissa tornar o espaço mais acessível ao maior número possível de pessoas,



adequando suas circulações, acessos e mobiliários. Além da requalificação da estrutura existente, o projeto propõe a implantação de um anexo com fins educacionais, no qual foram propostos ambientes que funcionem como suporte ao ensino, à pesquisa e a prática esportiva dentro do curso de Educação Física da instituição.

A criação desse novo bloco divide o projeto em dois núcleos distintos: o esportivo e o educacional. Esses dois setores são articulados no projeto por meio da criação de áreas de convivência que funcionam como elementos integradores, com o intuito de promover encontros ou trocas informais, o descanso e facilidade de acesso entre os setores. Assim, o projeto visa criar uma nova centralidade no campus, onde o esporte, a educação e a socialização se conectam em um espaço inclusivo, contemporâneo e acolhedor aos seus usuários.

No que diz respeito às propostas de acessibilidade do projeto, uma das medidas adotadas foi a criação de algumas rampas para vencer os desníveis encontrados no ginásio. A principal delas é a rampa que dá acesso à quadra poliesportiva. Diante do seu porte e pensando na sua viabilidade construtiva, sua implantação foi na área externa à estrutura do bloco de vestiários já existente. Essa escolha torna ela uma estrutura independente e conseqüentemente a transforma em um elemento estético para compor a fachada do ginásio. Além dessa, outras rampas menores foram adicionadas para permitir o acesso aos vestiários que fica localizado em um nível superior.

A parte interna dos vestiários foi toda reformada, mantendo apenas a vedação externa. Com isso, o novo conjunto de vestiários contará com bancadas rebaixadas, barras de apoio nas bacias sanitárias e nos chuveiros, estes, com bancos articulados, além de um espaço amplo permitindo o giro da cadeira de rodas. Para essa área foi criado também um hall de convivência que conta mapa tátil, bebedouros acessíveis e mobiliário adaptado para descanso e interações sociais. No nível inferior, foi criado um depósito para guardar cadeiras de rodas adaptadas à prática esportiva e também a criação de uma pequena oficina para reparos simples e manutenções triviais.

Na área das arquibancadas, foram instalados guarda-corpos para a proteção dos usuários e delimitando o acesso. Além disso, obedecendo aos parâmetros normativos da NBR 9050:2020, foram criados espaços reservados para pessoas em cadeira de rodas e seus acompanhantes prestigiarem as competições.

Pensando na viabilidade construtiva, optou-se que o Bloco Educacional foi construído todo em um único pavimento, evitando a criação de desníveis. Para ele, todos os ambientes possuem portas com a largura mínima de 90 cm, com exceção do tatame,



academia, sala de aula e sala de fisioterapia, dos quais foram escolhidas portas duplas, resultando numa abertura de 1,60 m. Para esse bloco, também foi proposto a instalação de um mapa tátil, banheiros com sanitários acessíveis, com barras de apoio, pias rebaixadas e área interna de giro adequada, além de bebedouros acessíveis.

A academia foi projetada com um layout que favorece uma circulação ampla, de maneira a permitir o deslocamento entre as máquinas livre de obstáculos. A sala de aula foi pensada a partir do conceito de flexibilidade, dessa forma, seu conjunto de mesas e cadeiras são modulares, permitindo facilmente a reorganização de seu layout a fim de tornar o espaço adaptável a diferentes situações. Ainda sobre a sua organização espacial, foram escolhidos poucos mobiliários fixos para diminuir possíveis obstáculos e seu quadro branco foi colocado com uma altura acessível.

As vias e calçadas da área externa do ginásio foram redimensionadas a fim de criar um espaço de desembarque coberto no acesso ao ginásio. Outra proposição para essa área foi a criação de vagas de estacionamentos exclusivas para pessoas com deficiência e idosos.

Os pisos do entorno do ginásio também passaram por modificações, a primeira coisa a se mencionar é a troca do seu material, substituindo o atual por um piso antiderrapante. Além disso, a proposta para a área conta com a instalação de pisos táteis e sinalização adequada. Isso também foi aplicado na Área de Convivência, no qual, conta com mapa tátil, mobiliário adaptado, circulações sombreadas, jardins de contemplação, e ainda foi criado um novo acesso integrando o ginásio ao Parque Aquático, localizado ao lado.

Quanto à volumetria, optou-se por não causar grandes rupturas com o que o equipamento representa atualmente. Assim, adotaram-se linhas de expressão mais retas, para haver o diálogo com grande parte dos edifícios da instituição. O seu maior impacto está na renovação da cobertura da quadra poliesportiva. A justificativa para essa proposição está baseada na fala do professor e representante da SINFRA, Marcelo Diniz, no qual informou que atualmente ela se encontra degradada e em situação delicada de preservação. O modelo proposto mantém as estruturas de pilares existentes que possuem um formato orgânico, entretanto, a proposição conta com uma nova treliça metálica em formato triangular, permitindo um vão livre de 55 m. Essa treliça dialoga com as linhas retas do Bloco de Apoio ao Atleta, do Bloco Educacional e da marquise que cobre a Área de Convivência.



Para compor a volumetria também foi pensado um jogo de cheios e vazios por meio de um pano vazado de cobogós pré-moldados em formato orgânico. Este formato foi escolhido para haver o contraste com as linhas retas e fortes da cobertura do ginásio, da marquise e do bloco acadêmico propostos. Além da sua função estética e trazer identidade, o elemento vazado também foi colocado para proteger a fachada oeste da insolação excessiva. Entretanto, este cobogó também permeia internamente os blocos de apoio ao atleta, o educacional, e em parte da Área de Convivência, trazendo leveza à volumetria e também permeabilidade para a ventilação natural.

No tocante à materialidade, foram propostos materiais visando uma boa vida útil e durabilidade, para diminuir possíveis gastos com manutenções. Os pisos das áreas externas e da área de convivência serão em placas cimentícias impermeabilizadas, para evitar trepidações ou desníveis, sendo ele o mais adequado para as cadeiras de rodas. Para a drenagem dessas áreas, foi proposta a instalação de grama natural, permeando os arredores do ginásio, de maneira a compor a paisagem e resolver a drenagem de maneira natural.

Para as paredes externas dos blocos de apoio ao atleta e o educacional foram especificadas texturas com acabamento mineral. Além de trazer uma estética mais natural para as fachadas, dialogando com o contexto de árvores e o ginásio, elas são resistentes às intempéries de chuva, sol e umidade. A escolha da tinta para o acabamento das áreas externas e internas foi a acrílica fosca lavável, diante da sua maior durabilidade e ótima resistência às intempéries, especialmente a umidade, problema este, persistente atualmente no bloco de vestiários do equipamento. Estes mesmos acabamentos e texturas também foram aplicados nos pilares estruturais que sustentam a cobertura do ginásio.

A ventilação e iluminação natural foram priorizadas no partido arquitetônico, visando resolver o problema persistente de infiltração que causa umidade excessiva e mofo nas salas do atual Bloco de Vestiários. Diante disso, foram propostas janelas amplas, em direções opostas, gerando ventilação cruzada e permeabilidade da luz. Para essas esquadrias foram escolhidos acabamento em alumínio e vidro, assim evitando a ação da maresia e aumentando sua resistência e durabilidade. Além disso, como já mencionado, os blocos receberam um pano vazado de cobogós, permitindo a ventilação e iluminação permanente, auxiliando no combate do excesso de umidade, bem como do calor nesses ambientes.



Nas áreas internas do Bloco de Apoio ao Atleta e do Bloco Educacional, foram especificados para os pisos cerâmicos esmaltados antiderrapantes, com resistência ao desgaste e abrasão do esmalte de no mínimo PEI 4, em uma escala que vai de 0 a 5 unidades. Esta escolha se deu devido ao fluxo nessas regiões ser entre moderado e alto, principalmente nas regiões de vestiários, banheiros, depósitos, sala de aula e academia.

Os materiais para as cobertas do bloco de apoio ao atleta e educacional serão semelhantes. O telhado será escondido por platibandas, onde sua estrutura será em madeira e as telhas escolhidas sendo termoacústicas. Elas aumentam o nível de desempenho energético do edifício, reduzindo o calor interno dos ambientes, aumentando seu isolamento acústico, sendo excelente na durabilidade do material e ainda de rápida montagem.

Pelos mesmos motivos, essas mesmas telhas também foram escolhidas para usar na cobertura do ginásio. Neste caso, a acústica do ginásio é de extrema importância para o desempenho dos atletas com limitações auditivas. Além disso, uma temperatura interna mais amena é essencial para os atletas paraplégicos, que possuem limitações em seu sistema de resfriamento corporal.

Ao analisar o comportamento dos fluxos no projeto, destacam-se dois núcleos principais de ambientes: o esportivo e o educacional. Ambos foram planejados para funcionar de forma independente, mas interligados por áreas de circulação e permanência. O bloco dos vestiários está localizado a oeste, o bloco educacional a leste, e as quadras de areia ao norte. A conexão entre esses setores se dá, principalmente, por meio da Área de Convivência, que se integra ao ginásio. Essa conexão promove o encontro entre diferentes usuários do equipamento, estimulando conversas informais e trocas de experiências.

Dentro de cada bloco, os fluxos tornam-se quase exclusivos. No Bloco de Apoio ao Atleta, circulam apenas atletas, treinadores, árbitros e funcionários responsáveis pela manutenção e limpeza — ou seja, os agentes diretamente envolvidos na realização dos eventos esportivos. Já o Bloco Educacional é acessado parcialmente pelos torcedores, pois é onde estão localizados os banheiros públicos, entretanto, o uso das salas fica restrito a alunos, professores e equipe técnica. O acesso a esses blocos anexos ocorre a partir da região interna do ginásio, cuja entrada principal se dá pela Área de Convivência, que, por sua vez, se estende até a calçada de acesso ao Ginásio Esportivo da UFPB.



5.1.6 O Cobogó

No desenvolvimento do projeto foi concebido um cobogó (Figura 35) modular em concreto, no qual, se consolidou como símbolo do partido arquitetônico. A motivação para sua criação surgiu, inicialmente, da necessidade funcional de mitigar o impacto da radiação solar incidente na fachada oeste do Bloco de Apoio aos Atletas, setor este, o mais exposto às condições adversas de insolação. Diante da sua funcionalidade e fator estético, o elemento foi replicado em outras áreas do projeto, onde além de atuar com proteção solar, também foi utilizado para organizar transições entre ambientes internos e externos, especialmente aqueles voltados para jardins.

Figura 35 - Desenho representativo do cobogó.



Fonte: Autor, 2025.

Com dimensões de 60 cm por 60 cm, a peça proposta é idealizada em concreto pré-moldado, o que permite uma produção industrializada e instalação simplificada na obra. Essa modulação favorece a flexibilidade de montagem, a facilidade de transporte, sua estocagem e adaptação ao canteiro de obras. Já a escolha do concreto como material reforça a robustez necessária para ambientes externos, ao mesmo tempo em que valoriza a estética bruta e contemporânea do projeto.

As funções do cobogó variam conforme o seu local de aplicação. No Bloco de Apoio ao Atleta ele atua como barreira física para reduzir a incidência direta de luz solar e promover a ventilação cruzada, contribuindo para a salubridade dos ambientes e o combate à umidade. Na Área de Convivência é empregado como divisória entre espaços, ocultando elementos estruturais e proporcionando acabamento estético. Enquanto no Bloco Acadêmico, ancora a relação visual entre interior e exterior, emoldurando o paisagismo e gerando composições cênicas que aproximam o verde dos jardins ao cotidiano acadêmico.



Em termos de linguagem formal, o desenho do cobogó parte de linhas orgânicas e curvas que remetem à natureza, diferenciando-se das linhas ortogonais predominantes nos edifícios da UFPB e no conjunto arquitetônico existente. Sua composição permite rotações e encaixes em múltiplas direções, gerando variações visuais, que reforçam a ideia de movimento e leveza. Com isso, além de cumprir seu papel técnico e funcional, o elemento torna-se um contraponto formal no projeto, introduzindo dinamicidade e suavidade no meio de uma volumetria predominantemente rígida.

As inspirações para sua concepção formal vêm da malha vazada de concreto do Museu das Civilizações Europeias e Mediterrâneas - MUCEM, museu na cidade de Marseille, na França; e do cobogó utilizado no Museu do Cais do Sertão, em Recife, no Brasil. Em ambos equipamentos, seus elementos possuem formatos orgânicos e fluidos, trazendo movimento e dinamicidade nas fachadas em que foram instaladas. Enquanto no exemplo francês executado de maneira contínua e única, o exemplo brasileiro foi executado produzido em blocos modulares, como o proposto neste trabalho, onde todos tendo o concreto como seu material base.

O cobogó reforça os conceitos de permeabilidade, integração ambiental e humanização dos espaços. Sua presença altera a percepção de quem transita pelos ambientes, ao criar transições visuais, controlar a luz natural e permitir a ventilação, sem recorrer ao fechamento opaco e rígido característicos das vedações arquitetônicas tradicionais.

5.1.7 Quadra Poliesportiva: Modalidades, Organização de Espaço e Material de Piso

O redesenho da quadra poliesportiva foi proposto visando abrigar diversas modalidades convencionais e adaptadas, respeitando as dimensões oficiais de cada esporte, sem necessidade de adaptações que comprometessem a prática esportiva. O projeto buscou atender a um público diverso, considerando as diferentes atividades e usuários da quadra, visto que além do público interno da instituição, a quadra também atende a comunidade externa a partir dos projetos de extensão e também sediando competições.



Ao incorporar uma variedade de modalidades, tanto convencionais quanto adaptadas, a concepção priorizou o uso da quadra de maneira democrática. O espaço foi organizado de maneira clara e eficiente para respeitar as especificidades de cada modalidade esportiva. Dessa forma, a quadra torna-se um ambiente de estímulo à prática esportiva contínua, fortalecendo as atividades acadêmicas e construindo uma cultura de inclusão e diversidade no ambiente esportivo universitário.

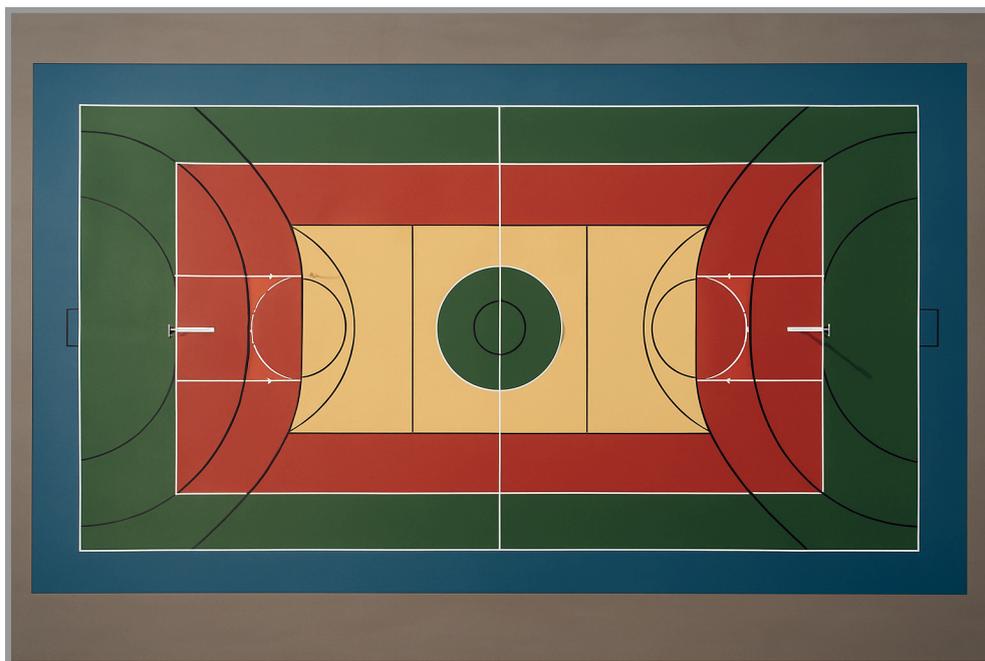
A seleção das modalidades esportivas considerou diferentes fatores, onde o primeiro foi priorizar esportes de maior apelo popular nacional, com o intuito de garantir uma maior adesão dos usuários e ampliar a taxa de ocupação da quadra, sendo eles: o futsal, o handebol, o vôlei e o basquete. Além dessas, foram incorporadas outras modalidades adaptadas que possuem reconhecimento oficial pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, como o goalball e o rúgbi em cadeira de rodas. Essa escolha foi pensada em facilitar futuras parcerias institucionais e também na possibilidade de sediar futuros eventos oficiais, a fim de reforçar o posicionamento da UFPB e da cidade de João Pessoa no cenário nacional do esporte paralímpico.

Outro critério relevante foi a continuidade das práticas já desenvolvidas pela equipe de Educação Física da UFPB. As modalidades selecionadas correspondem a atividades anteriormente trabalhadas em projetos de extensão e pesquisa, o que possibilita o fortalecimento das linhas de atuação acadêmica e a evolução do trabalho prático, visando a um maior envolvimento da comunidade universitária e externa.

A quadra (Figura 36) recebeu demarcações específicas para cada grupo de modalidades, utilizando cores distintas para delimitar as regiões de prática, visando à organização visual e à eficiência no uso simultâneo dos espaços. As cores não distinguem apenas as linhas, mas toda a área de prática de cada modalidade, facilitando assim a identificação das zonas de jogo, promovendo uma leitura espacial mais intuitiva para todos os usuários.



Figura 36 - Esquema da divisão da quadra poliesportiva.



Fonte: Autor, 2025.

Assim, o vermelho foi utilizado para o basquete convencional, o basquete adaptado e o rúgbi de cadeira de rodas. O amarelo foi aplicado para as áreas do goalball, do vôlei convencional e do vôlei adaptado. O verde foi destinado às áreas do futsal convencional, do futsal de cegos, do handebol convencional e do handebol adaptado. Essas modalidades foram agrupadas estrategicamente de acordo com a compatibilidade de suas dimensões oficiais, otimizando o uso da quadra e reduzindo a sobreposição de marcações.

A respeito das dimensões exigidas por cada modalidade, o basquete convencional, o basquete adaptado e o rúgbi de cadeira de rodas compartilham a mesma área de jogo (28m x 15m). Já o goalball e o vôlei convencional utilizam áreas coincidentes (18m x 9m), o que permite o aproveitamento do mesmo espaço, enquanto o vôlei adaptado (9m x 6m) ajusta-se perfeitamente à largura da quadra convencional, demandando apenas linhas adicionais mínimas. O futsal convencional, o futsal de cegos, o handebol convencional e o handebol adaptado compartilham a maior área demarcada (40m x 20m), reforçando a otimização dos espaços e a lógica das cores aplicadas.

No que diz respeito ao material do piso, optou-se pelo uso do piso de poliuretano autonivelante na execução da quadra. Embora essa solução apresente um custo inicial



mais elevado em comparação às pinturas acrílicas convencionais, sua escolha se justifica pela melhor relação custo-benefício a longo prazo.

A escolha do poliuretano autonivelante se deu por ele apresentar alta durabilidade, onde comparado com outros materiais. Sua necessidade de manutenção é feita entre longos intervalos, o que é um ponto positivo em relação ao contexto da UFPB, visto que as manutenções periódicas podem ser comprometidas por restrições orçamentárias. Além disso, esse material proporciona uma excelente absorção de impactos, proporcionando mais segurança e melhorando o desempenho dos atletas das modalidades adaptadas e convencionais.

Seu acabamento contínuo, sem juntas ou fissuras, facilita a limpeza e manutenção, contribuindo para a conservação da quadra em condições ideais de uso. Por essas razões, a escolha pelo poliuretano reforça o compromisso do projeto com a qualidade e a longevidade das instalações esportivas, assegurando que a quadra atenda de forma eficiente às demandas atuais e futuras da instituição.

5.2 PARTES INTEGRANTES DO PROJETO

5.2.1 Área de Acesso e de Convivência

O acesso local (Figura 37) foi remodelado visando facilitar a chegada dos usuários. Foi proposto um canteiro central que separa as vias de chegada e partida (Figura 38). Além disso, agora há também um elemento circular que divide os fluxos entre estacionamento, embarque e desembarque, estes, que recebem cobertura da marquise que se projeta à calçada para o acesso dos pedestres. Assim tem-se uma via de chegada, que possui um retorno para desembarcar passageiros e outra opção de caminho que leva ao estacionamento de vagas acessíveis.



Figura 37 - Perspectiva fotorrealista do acesso de pedestres do Ginásio Esportivo.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 38 - Perspectiva fotorrealista da fachada principal do Ginásio Esportivo.



Fonte: Autor, 2025.

Na via de retorno, há uma faixa de rolamento que se bifurca entre a saída da UFPB e o estacionamento local, e outra faixa para embarque e desembarque (Figura 39). A nova guarita está centralizada entre dois acessos controlados, que levam à Área de



Convivência e ao ginásio, tornando o projeto conectado e otimizando a segurança e conforto dos usuários.

Figura 39 - Perspectiva fotorrealista da faixa de embarque e desembarque do Ginásio Esportivo.



Fonte: Autor, 2025.

A união de elementos como uma marquise no acesso principal, a vegetação e o posicionamento dos cobogós amenizam o impacto da insolação direta nas áreas de permanência. Isso proporciona que a ventilação natural possa adentrar pelo espaço, tornando-o esses ambientes mais confortáveis termicamente. O resultado são espaços confortáveis e agradáveis que promovem o encontro entre lazer, esporte e sociabilidade.

A marquise proposta para a Área de Convivência (Figura 40) se mostra essencial ao promover o acesso ao equipamento com sombra e também protegendo o usuário da chuva. Além disso, os bancos, a lanchonete e as mesas (Figura 41) recebem o usuário e o convidam a permanecer no local, fazendo com que o acesso perca o caráter de ser apenas um local de transição e passagem, se transformando em um lugar de permanência. Destaca-se a locação dos cobogós, amenizando a incidência local direta e possibilitando a permeabilidade local, bem como a proposição de pisos táteis nos acessos.



Figura 40 - Perspectiva fotorrealista da região coberta da Área de Convivência.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 41 - Perspectiva fotorrealista da lanchonete da Área de Convivência.



Fonte: Autor, 2025.

O principal destaque da Área de Convivência (Figura 42) é a multifuncionalidade dos espaços, com a academia ao ar livre (Figura 43), bancos e mesas para alimentação ao redor da lanchonete. Ao propor essa multiplicidade de usos próximo ao acesso principal do ginásio e ao acesso aos outros blocos de apoio, é atribuída a Área de



Convivência o papel de abraçar o projeto e conectá-lo de maneira geral, promovendo encontros sociais e a troca de experiências entre atletas, torcedores, professores, alunos e entusiastas.

Figura 42 - Perspectiva fotorrealista da região aberta da Área de Convivência.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 43 - Perspectiva fotorrealista da academia ao ar livre da Área de Convivência.



Fonte: Autor, 2025.



5.2.2 Ginásio Esportivo

A quadra poliesportiva (Figura 44) do ginásio recebe uma nova pintura, setorizando os diferentes esportes através das cores. Seu material de acabamento é altamente resistente a impactos e intempéries, promovendo uma maior durabilidade do equipamento, demandando uma menor quantidade de manutenções periódicas, ou seja, aumentando o custo-benefício ao longo do tempo de uso.

Figura 44 - Perspectiva fotorrealista da Quadra Poliesportiva.



Fonte: Autor, 2025.

A nova cobertura proposta mantém a imponência da anterior, entretanto, o tipo de telha escolhido para a proposta foi a termoacústica, que auxilia no controle interno da temperatura, e também atua na redução da reverberação gerada por telhas comuns. Esse efeito é essencial, por exemplo, na prática do futebol de cegos, no qual a bola possui um guizo e o jogo passa diretamente pela capacidade auditiva dos atletas.

A proposta também conta com a demarcação de lugares para pessoas em cadeiras de rodas e seus acompanhantes. Esses lugares foram alocados tanto na parte superior quanto na parte inferior do ginásio, que recebeu uma nova pintura interna com destaque para as arquibancadas. Por fim, também foram adicionados corrimões e guarda-corpos de proteção na passarela superior, bem como na divisória no nível da quadra, garantindo mais segurança aos espectadores.



5.2.3 Bloco de Apoio ao Atleta

O hall principal do Bloco de Apoio aos Atletas (Figuras 45 e 46) foi proposto para ser espaço de permanência e encontro, gerando troca de experiências que aproximam os praticantes dos esportes. Isso foi alcançado através de bancos, bebedouros e também uma área livre para os atletas se aquecerem antes de irem à quadra.

Figura 45 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta



Fonte: Autor, 2025.

Figura 46 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta



Fonte: Autor, 2025.

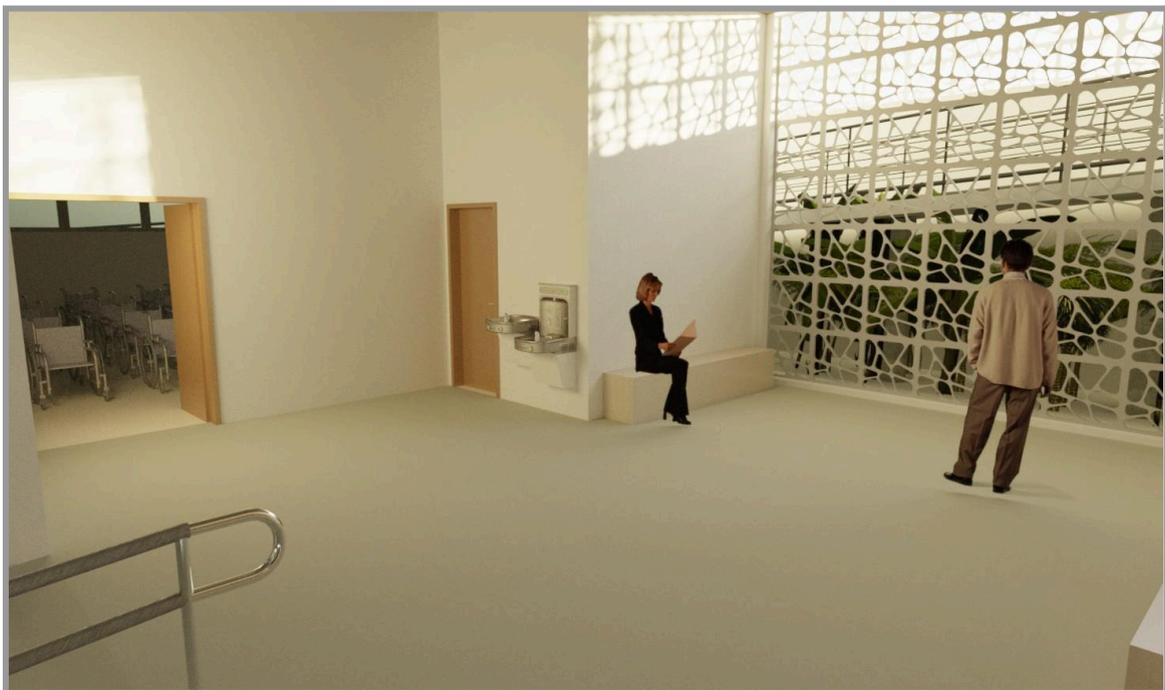
Por estar localizado em um edifício de fachada oeste, foram locados cobogós que fazem a vedação vertical. O intuito disso foi de proteger parcialmente a insolação solar direta, permitindo o recebimento de luz natural - o que melhora a salubridade local - e, ao



mesmo tempo, permite o cruzamento da ventilação natural. Os vestiários foram alocados separados, para as equipes podem se concentrar individualmente antes dos jogos, garantindo assim o espaço necessário para os atletas se trocarem, bem como se encontrarem nos momentos que antecedem a entrada à quadra e o início das partidas.

A parte inferior do bloco também possui um hall (Figura 47) que dá acesso à rampa (Figura 48) que liga a parte superior à quadra. Além disso, esse hall também permite o acesso ao depósito de cadeira de rodas, ao depósito de materiais esportivos e ainda há um banheiro adaptado.

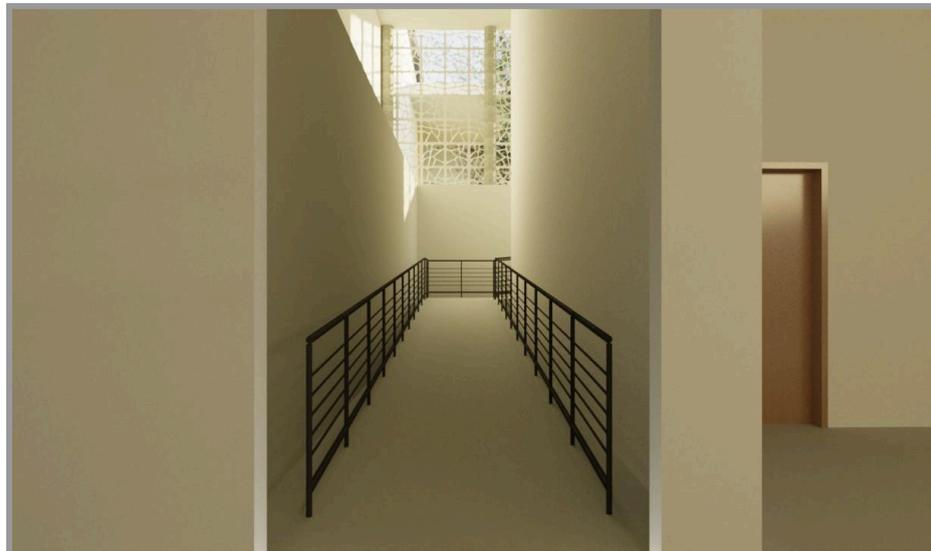
Figura 47 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta



Fonte: Autor, 2025.



Figura 48 - Perspectiva fotorrealista do hall principal do Bloco de Apoio ao Atleta



Fonte: Autor, 2025.

5.2.4 Bloco Educacional

O espaço de desconpressão (Figura 49) dos alunos configura-se como uma área multiuso, destinada ao descanso, à socialização e ao estudo. Localizada próxima à sala de aula, à sala de estudos e à sala dos professores, esta interliga os ambientes acadêmicos do bloco, favorecendo a circulação e o convívio. O espaço conta com uma mesa de pingue-pongue e visa proporcionar momentos de lazer e fortalecer a interação entre os estudantes.

Figura 49 - Perspectiva fotorrealista da área de desconpressão do Bloco Educacional.



Fonte: Autor, 2025.



A sala de aula (Figura 50) foi pensada para ser um espaço de uso flexível, podendo ser adaptada a diferentes atividades, desta forma, o seu conjunto de mesas e cadeiras são modulares, permitindo facilmente a reorganização de seu layout. Conta ainda com um quadro branco com altura acessível e poucos mobiliários fixos.

Figura 50 - Perspectiva fotorrealista da sala de aula do Bloco Educacional.



Fonte: Autor, 2025.

Ainda nesse bloco também foi alocada a academia (Figuras 51 e 52), onde possui uma ampla circulação no centro para facilitar o deslocamento entre os equipamentos. Além disso, diante de uma necessidade existente dos atletas, também foi inserido na proposta uma sala de fisioterapia (Figura 53), com o intuito de ser um espaço para aceleração da recuperação muscular e diminuição da recorrência de problemas físicos.

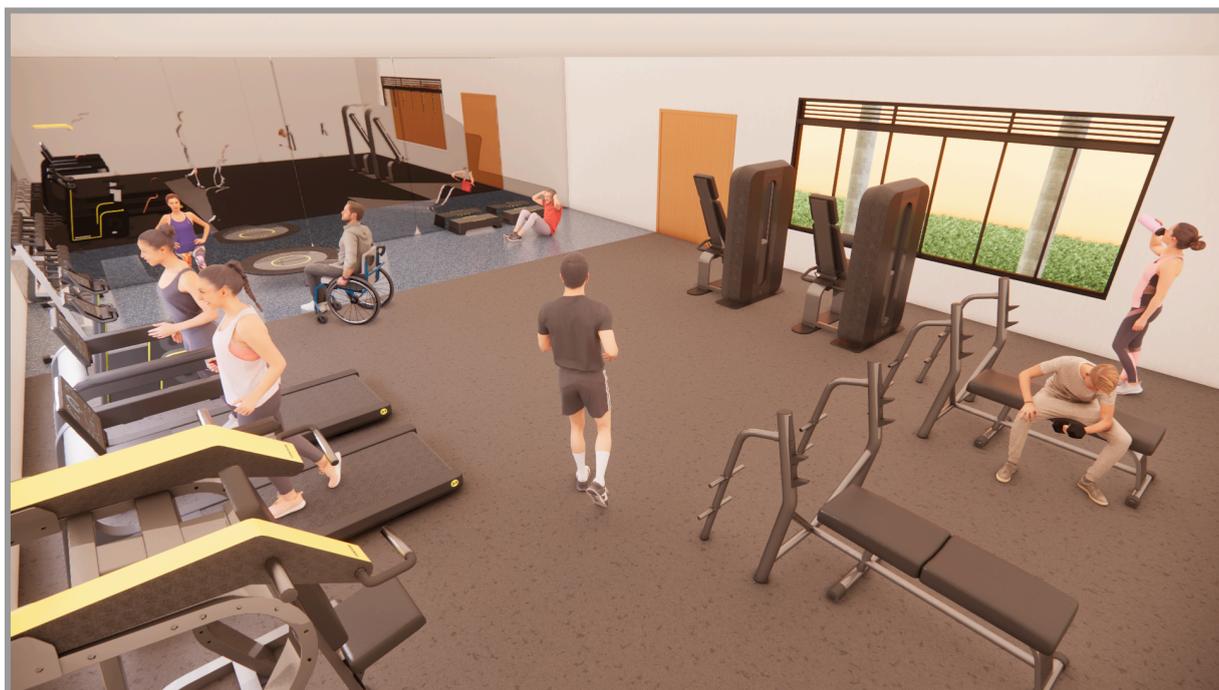


Figura 51 - Perspectiva fotorrealista da academia do Bloco Educacional.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 52 - Perspectiva fotorrealista da academia do Bloco Educacional.



Fonte: Autor, 2025.



Figura 53 - Perspectiva fotorrealista da sala de fisioterapia do Bloco Educacional.



Fonte: Autor, 2025.

5.2.5 Quadras de Areia

As Quadras de Areia (Figura 54) possibilitam novos usos ao equipamento, inserindo o vôlei de areia, beach tennis (Figura 55) e futevôlei, tanto com as modalidades tradicionais quanto as adaptadas. Entre as quadras foi pensado um espaço para descanso e contemplação, com sombreamento através de árvores, bebedouros e locação de bancos, para descanso e encontros entre os usuários.

Figura 54 - Área das Quadras de Areia.



Fonte: Autor, 2025.



Figura 55 - Área das Quadras de Areia.



Fonte: Autor, 2025.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte pode ser uma poderosa ferramenta de transformação, quando seu acesso é garantido de forma ampla e democrática. Dessa forma, ao se falar sobre o espaço esportivo dentro de uma universidade pública devemos também falar dele através das suas funções social, formativa e inclusiva. E para tanto, a acessibilidade nesse meio, vai além da eliminação de barreiras físicas; está relacionada à promoção da equidade, garantindo que pessoas com diferentes corpos, experiências e habilidades possam ter autonomia para se utilizar do espaço de forma digna.

Ao pensar na diversidade humana, são propostas soluções para o maior número possível de pessoas. Logo, ao se projetar um ginásio esportivo é compreender que o espaço deverá ser funcional, mas também acolhedor e estimulante para todos os usuários, sejam eles atletas, estudantes, professores ou a comunidade externa, independente se tem ou não deficiência.

A partir do momento em que os diferentes usuários do ginásio foram ouvidos, houve maior conhecimento e inserção de suas demandas no processo projetual. Essa escuta ativa reforçou a centralidade do usuário no desenvolvimento da proposta, alinhando-se à concepção de uma arquitetura centrada nas pessoas. Trazer os protagonistas do espaço – como atletas, educadores físicos e profissionais da área técnica (arquitetos da SINFRA) – para o centro do projeto permitiu compreender melhor as reais demandas e expectativas em relação ao equipamento e à própria realidade institucional, o que foi essencial.

Um dos principais desafios do projeto consistiu em conciliar as diferentes vozes envolvidas, pois cada uma delas possui seus interesses e necessidades próprias, além disso, o projeto teria que estar dentro das condições orçamentárias da UFPB. Assim, foi necessário encontrar um equilíbrio entre a sua viabilidade do ponto de vista construtivo, as reais necessidades dos usuários e ainda a liberdade criativa do autor, para imprimir uma nova identidade ao equipamento. Ainda que desafiador, o ato de escutar e envolver os usuários como protagonistas do projeto se revelou como essencial no processo projetual, respondendo de forma sensível e funcional às exigências do contexto.

O trabalho cumpriu os seus objetivos a partir do momento que adotou uma abordagem de projeto centrada no usuário, escutando os diferentes usuários envolvidos.



Ao mesmo tempo, em que trouxe a compreensão do esporte como ferramenta de inclusão e a sua atuação dentro da universidade a partir do ensino, pesquisa e extensão. Além disso, foram analisados requisitos espaciais e dimensões de modalidades esportivas paralímpicas de quadra, para que então fosse pensado em soluções que valorizassem as suas práticas. Isso tudo para haver a reestruturação do ginásio, integrando de forma funcional seus ambientes, para promover a apropriação do equipamento pela comunidade interna e externa da universidade.

Ao escolher recuperar o Ginásio Esportivo da UFPB, um equipamento que se encontrava em estado avançado de degradação, o projeto reafirma a relevância de olhar com sensibilidade para os espaços existentes, reconhecendo o valor que têm na formação dos estudantes e na promoção do bem-estar coletivo. Mais do que um projeto arquitetônico, o trabalho é um gesto de preservação e restauração do patrimônio da universidade e de reconhecimento da prática esportiva como parte fundamental da vida acadêmica.

A proposta reforça ainda a necessidade de tornar os espaços mais acessíveis, assegurando que as atividades físicas sejam inclusivas e estejam ao alcance de todos da comunidade. Além disso, também se faz importante mencionar a contribuição deste trabalho para à comunidade acadêmica, pois trata de um tema que une arquitetura, esporte e acessibilidade — áreas que, embora essenciais, muitas vezes não recebem a devida atenção no contexto universitário.

Portanto, ao melhorar as condições do Ginásio Esportivo da UFPB, tanto no que se refere à acessibilidade quanto à sua infraestrutura de forma geral, representa um avanço significativo na qualidade das atividades esportivas desenvolvidas na instituição. Essa melhoria contribui para a formação de profissionais de educação física mais capacitados e amplia as possibilidades de acesso da comunidade externa às práticas esportivas oferecidas pela universidade por meio da extensão. Além disso, fica evidente que a extensão universitária se consolida como uma das principais ferramentas de ensino-aprendizagem para os graduandos, ao mesmo tempo, em que promove a democratização do acesso ao esporte.



REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços**. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. Disponível em: https://www.caurn.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/ABNT-NBR-9050-15-Acessibilidade-emenda-1_-03-08-2020.pdf. Acesso em: 11 de jan 2025.

ARENA CORREIO. **João Pessoa sediará Jogos Paralímpicos da Paraíba em outubro**. 2023. Disponível em: <https://arenacorreio.com.br/joao-pessoa-sediara-jogos-paralimpicos-da-paraiba-em-outubro/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

A UNIÃO. **Governo anuncia Vila Paralímpica**. 2024. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_esporte/governo-anuncia-vila-paralimpica. Acesso em: 20 jan. 2025.

A UNIÃO. **Paraíba no top 10 das Paralimpíadas Escolares**. 2024. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_esporte/paraiba-no-top-10-das-paralimpiadas-escolares. Acesso em: 18 jan. 2025.

AZEVEDO, Paulo Henrique; BARROS, Jônatas de França. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 1, p. 77–84, 2004. Disponível em: <https://ceve.org.br/biblioteca/o-nivel-participacao-estado-gestao-esporte-brasileiro-como-fator-inclusao-social-pessoas-portadoras-deficiencia/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BARROZO, A. F. et al. Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 16–28, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11217>. Acesso em: 22 abr. 2025.



BRASIL. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.** Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 dez. 1999. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. Acesso em: 22 jan. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 5296, de 02 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 200, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2004b. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 05 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2006.** Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 29 dez. 2006. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11438.htm. Acesso em: 22 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 22 jan. 2025.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Estado da Paraíba será representado por 11 atletas nos Jogos Paralímpicos de Paris.** 2024. Disponível em:
<https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/estado-da-paraiba-sera-representado-por-11-atletas-nos-jogos-paralimpicos-de-paris>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Programa Bolsa Atleta.** Disponível em:
<https://www.gov.br/esporte/pt-br/acoes-e-programas/ProgramaBolsaAtleta>. Acesso em: 10



jan. 2025.

CAMARA, Rafael. Arquitetura para centros esportivos: o caso de Joaçaba, Herval D' oeste e Luzerna, Santa Catarina. **Revista de Arquitetura IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 97–115, 2020. Disponível em:
<https://seer.atitus.edu.br/index.php/arqimed/article/view/3624/2599>. Acesso em: 22 jan. 2025.

CAMPOS, Ítalo Sergio Lopes; CAMPOS, Yuri Sobral; CAMPOS, Yan Sobral; COSTA, Christian Pinheiro da. Esportes de combate e extensão universitária: inserções com o ensino e a pesquisa. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 15–28, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.12.i2.0015>. Disponível em:
<https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/8596>. Acesso em: 11 jan. 2025.

CARDOSO, Vinícius Denardin. **A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 2, p. 529–539, abr./jun. 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbce/a/KVK8XWkSVGyMZLxqXgB8kqH/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CARVALHO, Samara Vieira de; SILVA, Osni Oliveira Noberto da. Análise da acessibilidade de equipamentos públicos de esporte e lazer do município de Senhor do Bonfim-BA. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 11, n. 2, p. 1817–1827, 2023. Disponível em:
<https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1113>. Acesso em: 22 jan. 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Conheça o Programa Atleta Cidadão**. Disponível em: <https://cpb.org.br/atleta-cidadao/conheca-o-programa/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Institucional**. Disponível em:
<https://cpb.org.br/o-comite/institucional/>. Acesso em: 21 jan. 2025.



DORNELES, V. G.; ANDRADE, I. F. **Projetos acessíveis: um processo centrado no usuário**. Revista Thésis, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2023. DOI:

10.51924/revthesis.2023.v4.450. Disponível em:

<https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/450>. Acesso em: 18 jan. 2025.

FAUSTINI, Andréa Miziara. **Centro esportivo Interlagos – São Paulo**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade

Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/20867>. Acesso em: 09 jan. 2025.

GOVERNO DA PARAÍBA. **Recontagem deixa a Paraíba com 104 medalhas no total nas Paralimpíadas Escolares 2024**. 2024. Disponível em:

<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/recontagem-deixa-a-paraiba-com-104-medalhas-no-total-nas-paralimpiadas-escolares-2024>. Acesso em: 18 jan. 2025.

GHILARDI, Reginaldo. Formação Profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 4, n. 1, 1998. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6575>. Acesso em: 10 jan. 2025.

HAIACHI, Marcelo de Castro; CARDOSO, Vinícius Denardin; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. **Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p.

2999–3006, out. 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170823>. Acesso em: 19 jan. 2025.

JORNAL DA PARAÍBA. **Paris 2024: Paraíba se despede dos Jogos Paralímpicos com saldo de nove medalhas**. 2024. Disponível em:

<https://jornaldaparaiba.com.br/esportes/paris-2024-paraiba-jogos-paralimpicos-nove-medalhas>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E.; GUTIERREZ, L. G.; ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa



perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-377, out./dez. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16737/18450>. Acesso em: 21 jan. 2025.

MARTINS, Iguatemy Ma. de Lucena (org.); CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA (Brasil). **Intervenção profissional e formação superior em Educação Física: articulação necessária para a qualidade do exercício profissional**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação Física, 2015. 87 p. ISBN 978-85-61892-06-7. Disponível em: https://www.confef.org.br/confef/comunicacao/publicacoes/arquivos/INTERVENCAO_DOCUMENTO_FINAL.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. **O esporte adaptado**. *Revista Digital* (Buenos Aires), v. 8, n. 51, jul. 2002. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MERINO, G. S. A. D. GODP – **Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos: Uma metodologia de Design Centrado no Usuário**. Florianópolis: NGD/UFSC, 2016. Disponível em: www.ngd.ufsc.br. Acesso em: 10 jan. 2025.

MILISTETD, Michel; DUARTE, Tiago; RAMOS, Valmor; MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/34988>. Acesso em: 16 jan. 2025.

MILISTETD, Michel; GALATTI, Larissa Rafaela; COLLET, Carine; TOZETTO, Alexandre Bobato; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 28, e2849, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/319141715>. Acesso em: 19 jan. 2025.



MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Infraestrutura e Mobilidade. **Consulta aos Projetos Padrão – Esportes**. Belo Horizonte: SEINFRA, 08 jul. 2019. Disponível em: <http://www.infraestrutura.mg.gov.br/municipio/consulta-aos-projetos-padrao-esportes>. Acesso em: 20 abr. 2025.

MORAES JÚNIOR, Paulo Sergio Pires. **Esporte paralímpico no Brasil: uma revisão da literatura**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/2865>. Acesso em: 16 jan. 2025.

NOZAKI, Joice Mayumi; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; FERREIRA, Lílian Aparecida. Práxis e curricularização da extensão universitária na Educação Física. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, 2022. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/492916738.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

OLIVEIRA, Camila Fagundes de; SILVA, Lisandra Oliveira e; MOLINA NETO, Vicente. Arquitetura escolar e o ensino de educação física: relações (im)possíveis. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1–10, maio/ago. 2011. DOI: 10.5216/rpp.v14i2.11447. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/105117>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PBESPORTES. **Paraíba vai sediar o Conexão Paralímpica Regional Norte/Nordeste**. 2023. Disponível em: <https://pbesportes.net/2023/07/17/paraiba-vai-sediar-o-conexao-paralimpica-regional-norte-nordeste/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

RAMOS, Valmor; SOUZA, Jeferson Rodrigues de; BRASIL, Vinícius Zeilmann; BACKES, Ana Flávia; COSTA, Matheus da Lapa; KUHN, Filipy. As crenças de universitários formandos de um curso de Educação Física – bacharelado, sobre o ensino dos esportes. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 210–224, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n54p21>. Acesso em: 19 jan. 2025.



REIS, Rafael Estevam. **Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36290>. Acesso em: 15 jan. 2025.

RODRIGUES, Graciele Massoli; SILVA, Emerson Limeira. O acesso ao esporte para crianças e adolescentes com deficiência: da acessibilidade aos programas públicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XVI, 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: RBCE, 2009. p. 1–12. Disponível em: <https://www.cev.org.br/biblioteca/o-acesso-ao-esporte-para-criancas-e-adolescentes-com-deficiencia-da-acessibilidade-aos-programas-publicos/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SANTOS, C. M. R. G., POREM, M. E., Cabral, R., ANDRELO, R., GUARALDO, T. de S. B., & Ruiz, A. A. P. L. (2017). Extensão, mercado e academia: O evento interdisciplinar como agente de relacionamento no Curso de Extensão “Da classe ao mercado”. In L. de O. Neto, M. C. Carneiro, P. N. Lisboa Filho, & F. Henriques (Orgs.), **Extensão universitária: Diversidade e desenvolvimento humano**. (pp. 187-205). São Paulo: Cultura Acadêmica.

SANTOS, Juliana Laís; FERREIRA, Lilian Aparecida. Perspectivas de professores sobre a relação com o uso da quadra esportiva no desenvolvimento de conteúdos não esportivos. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 169–184, jul./dez. 2020. DOI: 10.33025/tefe.v5i2.3037. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisaescolar/article/view/3037>. Acesso em: 13 jan. 2025.

SARMENTO, Bruna Ramalho; COSTA, Angelina Dias Leão; DANTAS, Anderson Guedes; MACIEL, Bruno Henrique Vitorino. **Laudo Técnico de Acessibilidade Espacial: Setor de Esportes da UFPB Ginásio Poliesportivo e seu Entorno**. 2024. Laboratório de Acessibilidade. UFPB. João Pessoa, PB. (Documento interno - Processo de N.º 23074.001699/2023-69).

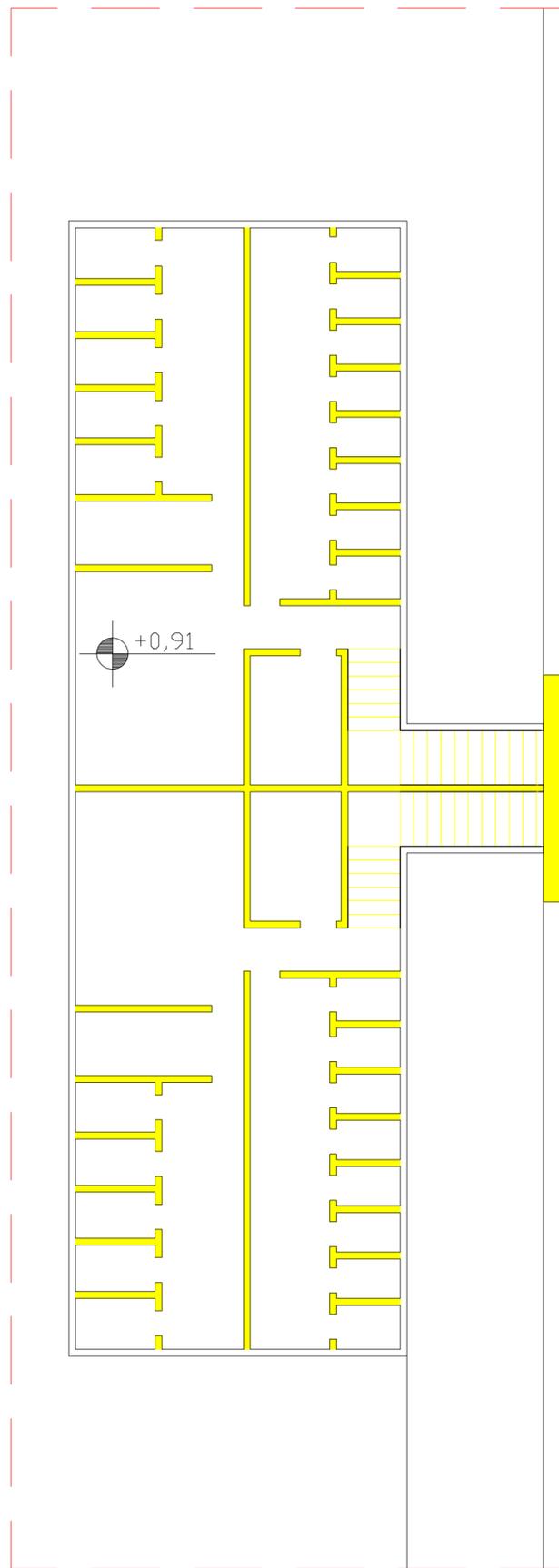
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Departamento de Educação Física. **Extensão**.



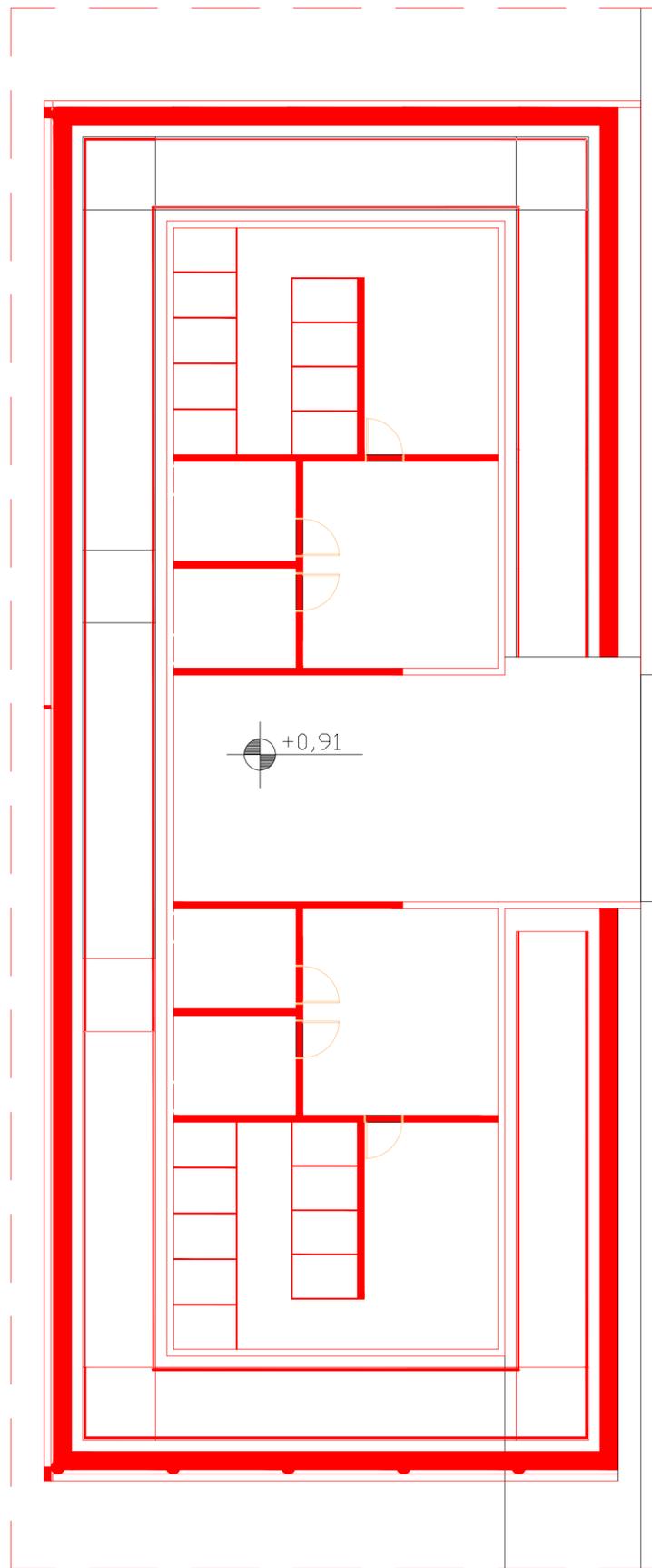
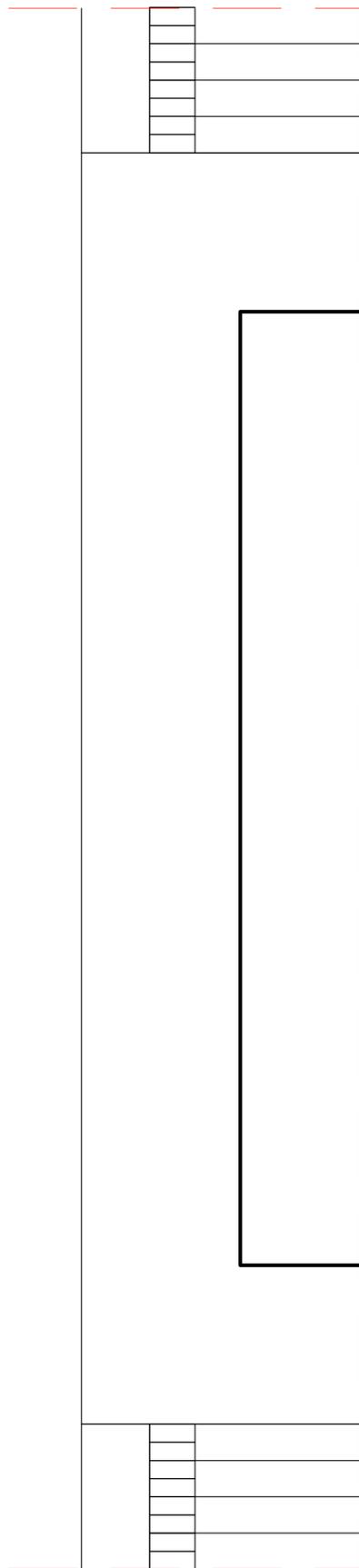
2006. Disponível em: http://www.ccs.ufpb.br/edfisica-antigo/?page_id=369. Acesso em: 05 jan. 2025.



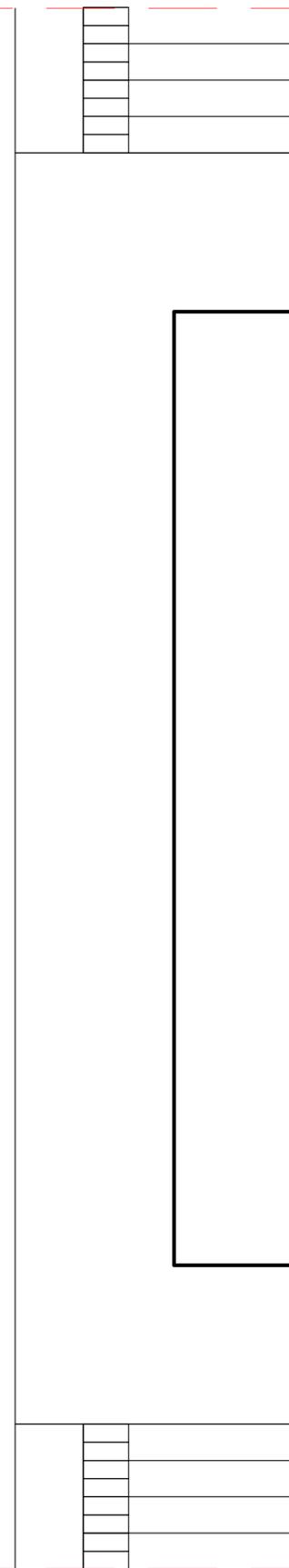
APÊNDICES



Planta de Demolição do Bloco dos Vestiários
Escala 1/100

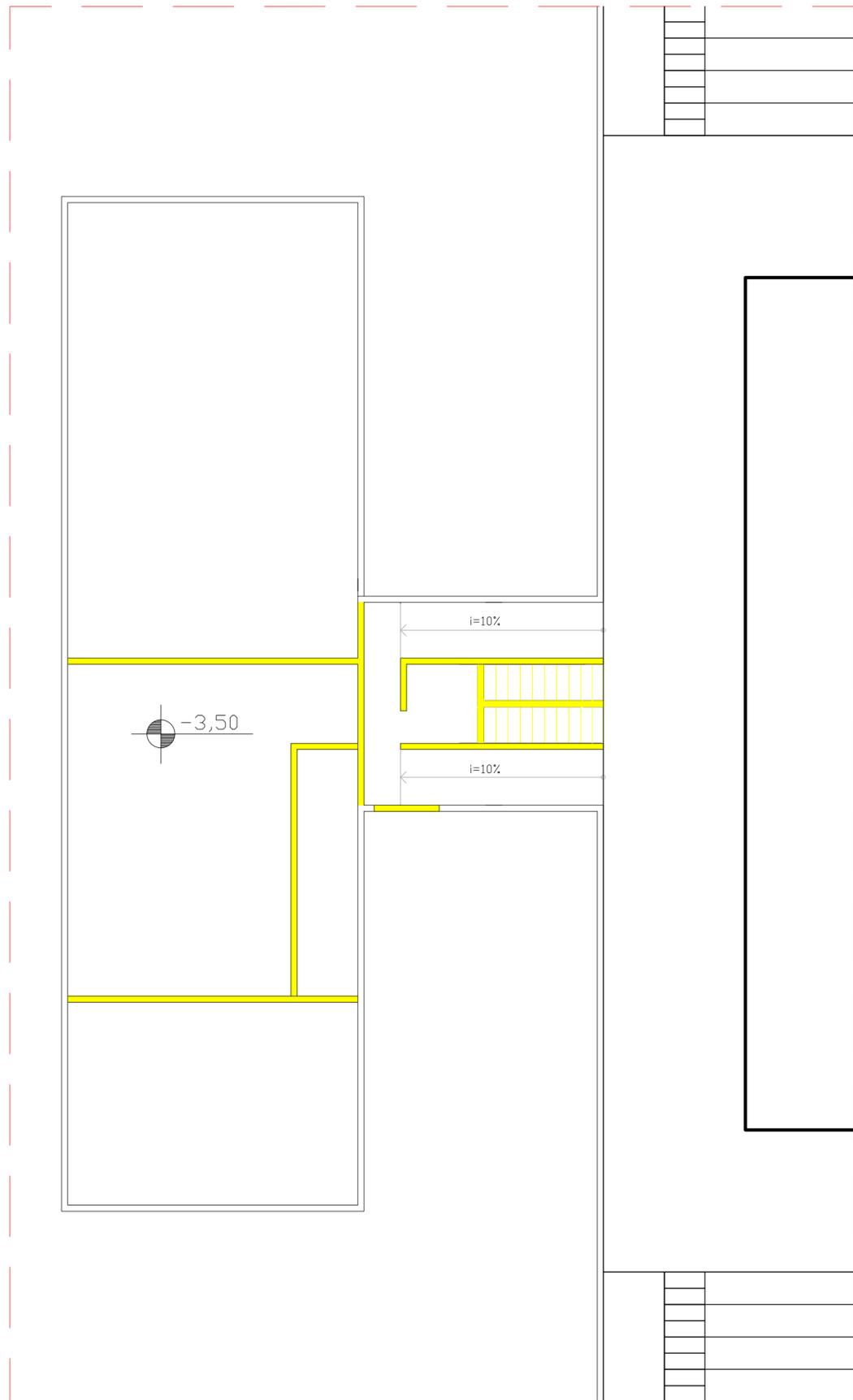


Planta de Construção do Bloco dos Vestiários
Escala 1/100



LEGENDA	
	DEMOLIÇÃO
	CONSTRUÇÃO

01/03 PRANCHA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB PROJETO DE REFORMA DO GINÁSIO ESPORTIVO DA UFPB AUTOR: VICTOR MOREIRA DE FREITAS DATA: ABRIL DE 2025
	DESENHO: PLANTA DE REFORMA BLOCO VESTIÁRIOS NÍVEL VESTIÁRIOS (+0,91m)
ESCALA: 1/100	



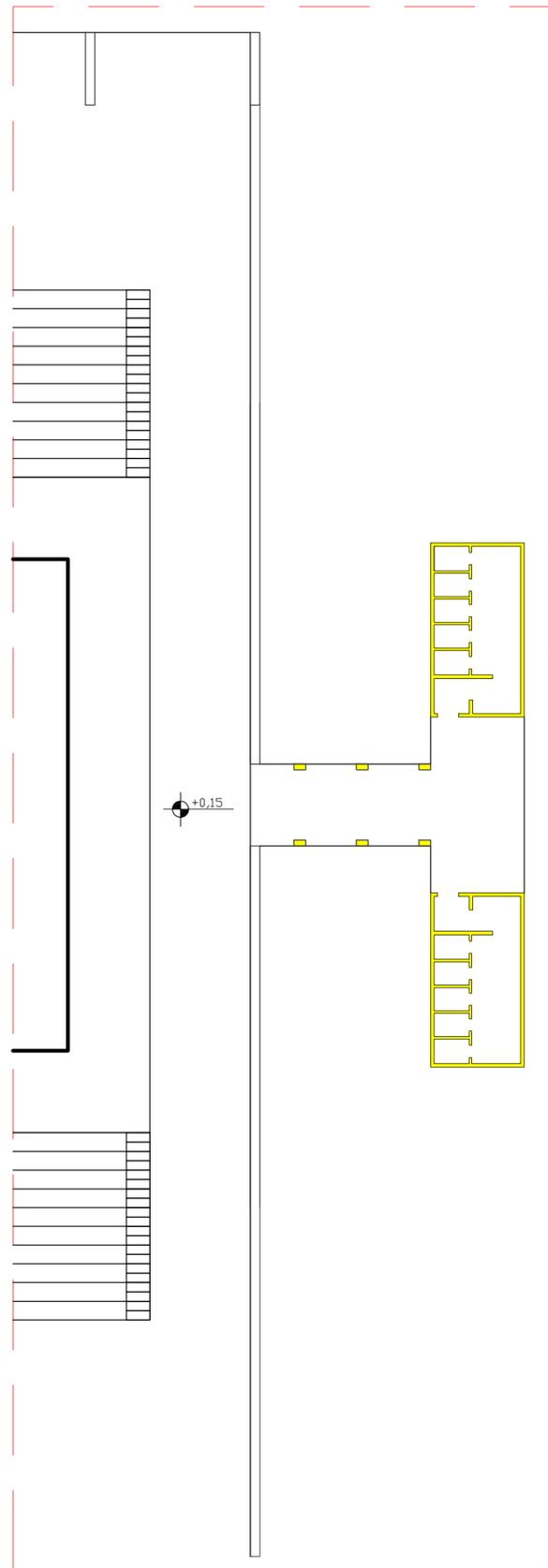

Planta de Demolição do Bloco dos Vestiários
 Escala 1/100



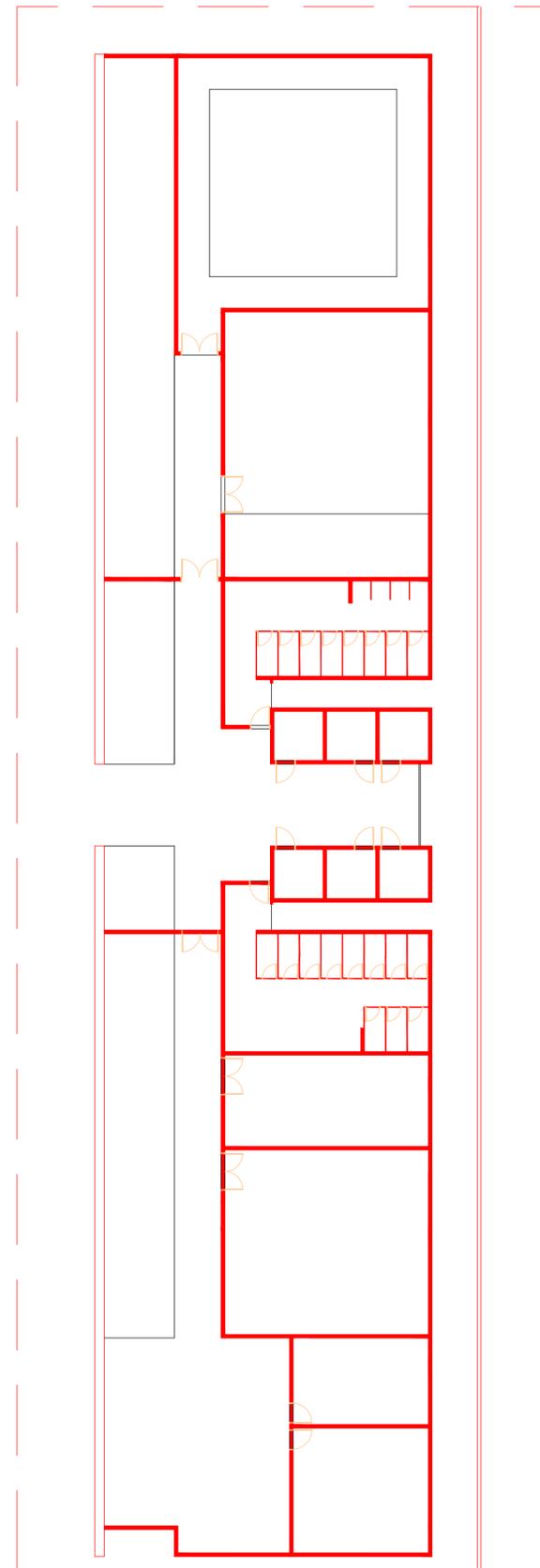

Planta de Construção do Bloco dos Vestiários
 Escala 1/100

LEGENDA	
	DEMOLIÇÃO
	CONSTRUÇÃO

02/03 PRANCHA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB PROJETO DE REFORMA DO GINÁSIO ESPORTIVO DA UFPB AUTOR: VICTOR MOREIRA DE FREITAS DATA: ABRIL DE 2025
	DESENHO: PLANTA DE REFORMA BLOCO VESTIÁRIOS PAV. SUBSOLO (-3,5m)
ESCALA: 1/100	



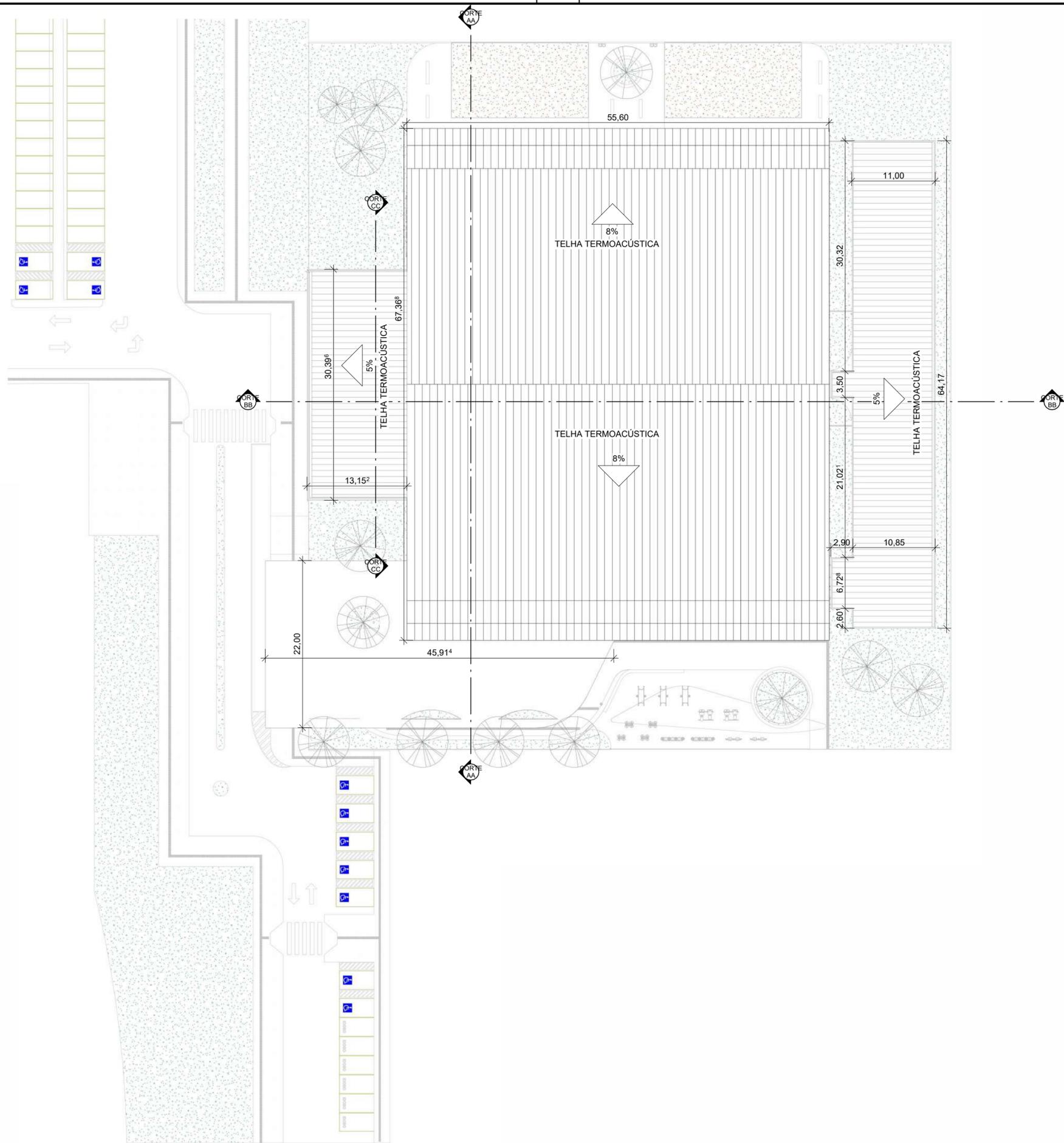
Planta de Demolição do Bloco dos Banheiros Públicos
Escala 1/200



Planta de Construção do Bloco Acadêmico
Escala 1/100

LEGENDA	
	DEMOLIÇÃO
	CONSTRUÇÃO

<p style="font-size: 24pt; font-weight: bold;">03/03</p> <p>PRANCHA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB</p> <p>PROJETO DE REFORMA DO GINÁSIO ESPORTIVO DA UFPB</p> <p>AUTOR: VICTOR MOREIRA DE FREITAS</p> <p>DATA: ABRIL DE 2025</p>
	<p>DESENHO:</p> <p>PLANTA DE REFORMA BANHEIROS PÚBLICOS / BLOCO EDUCACIONAL. PAV. ANEL DE ACESSO (+0,15m)</p>
<p>ESCALA:</p> <p style="text-align: center;">1/200</p>	



Aprovador

Victor Moreira de Freitas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

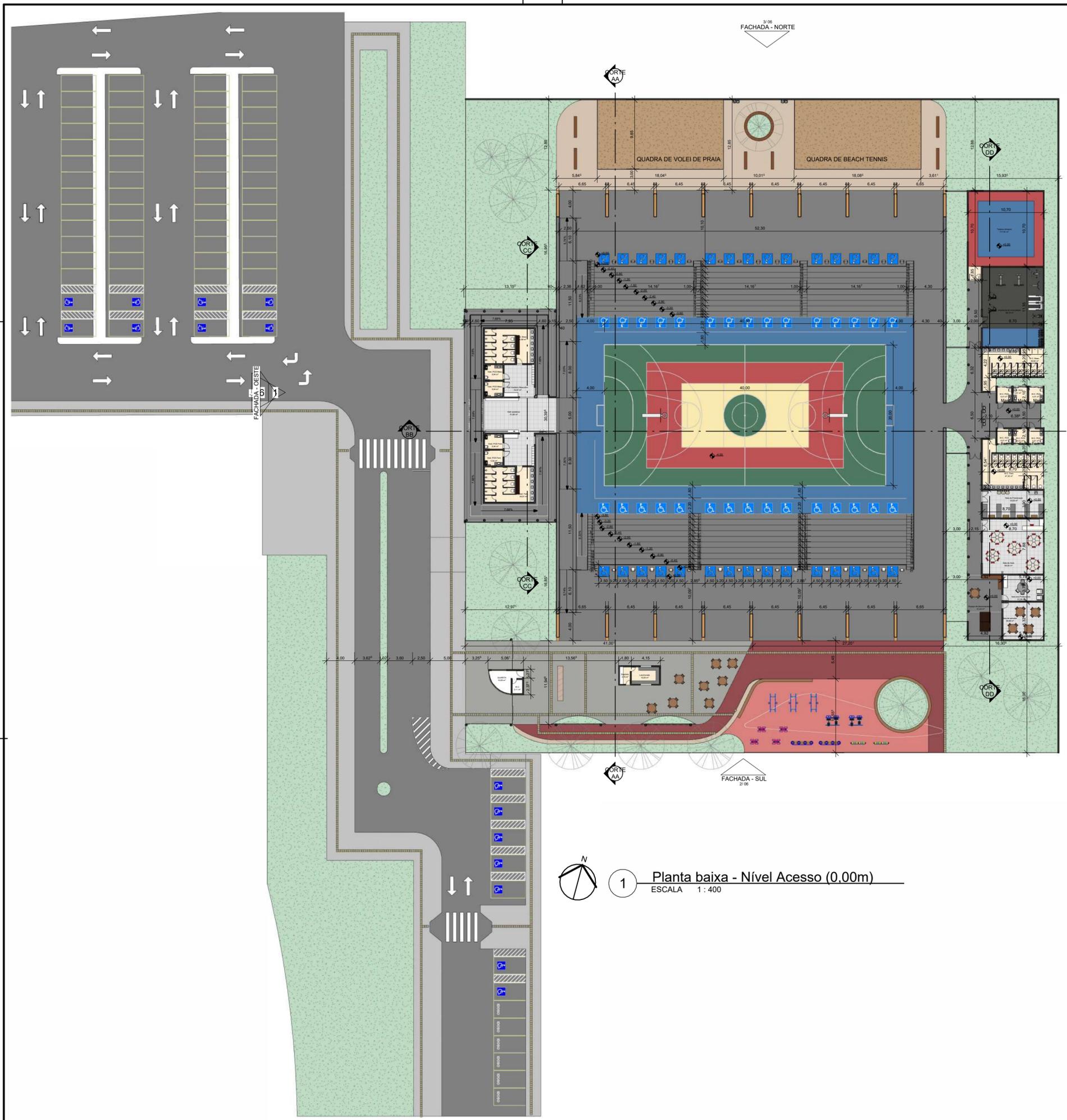
PROJETO	Anteprojeto de requalificação do Ginásio Esportivo da UFPB
LOCAL	Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba
AUTOR	Victor Moreira de Freitas
REQUERENTE	Departamento de Educação Física
DESENHO	Planta baixa - Locação e Coberta
ESCALA	1 : 400
DATA	12/05/2025

PRANCHA
01 / 08

1 Planta baixa - Locação e Coberta

ESCALA 1 : 400

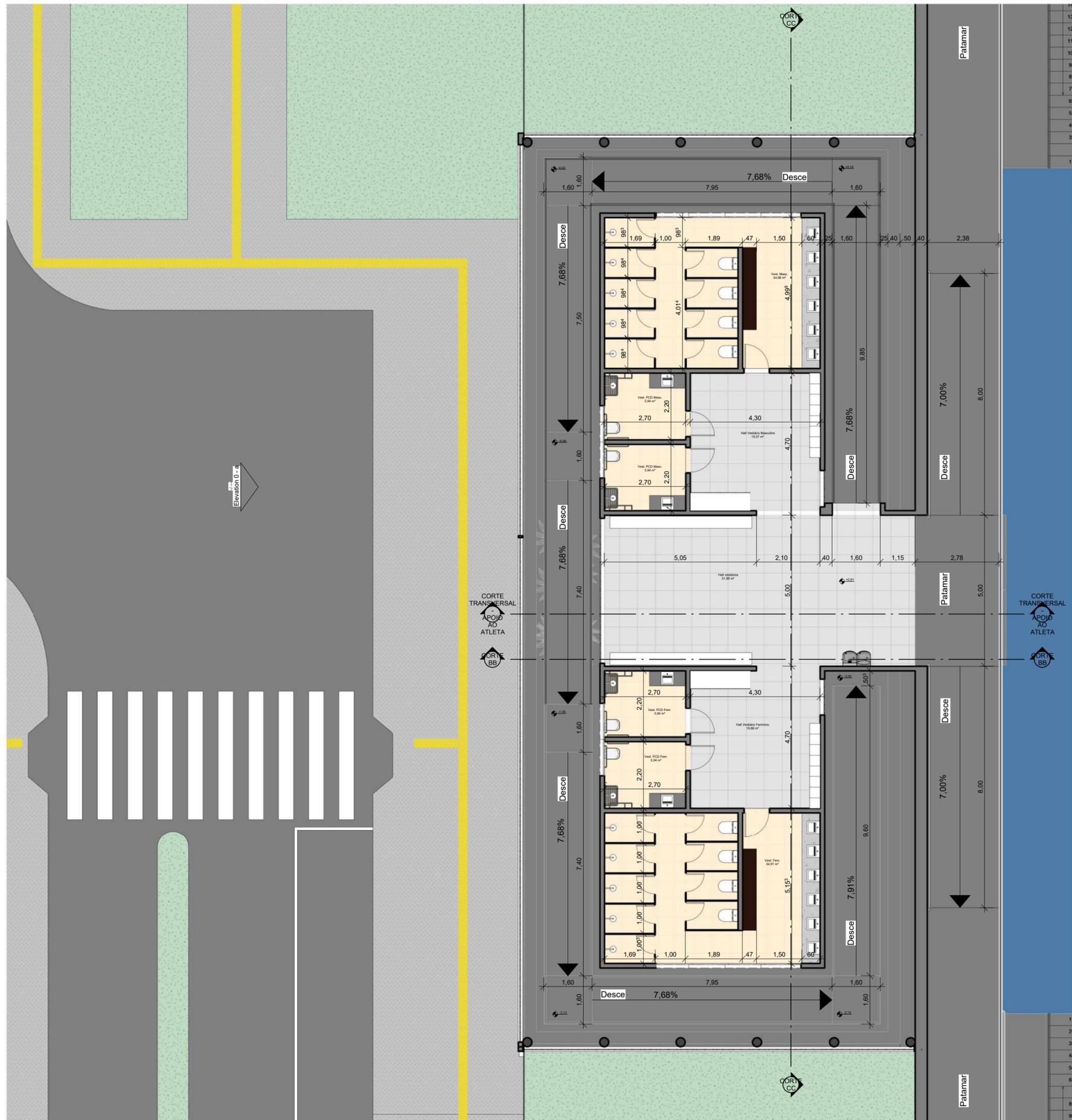




1 Planta baixa - Nível Acesso (0,00m)
 ESCALA 1 : 400

Aprovador
 Victor Moreira de Freitas

 UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	
PROJETO	Anteprojeto de requalificação do Ginásio Esportivo da UFPB
LOCAL	Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba
AUTOR	Victor Moreira de Freitas
REQUERENTE	Departamento de Educação Física
DESENHO	Planta baixa - Nível Acesso (0,00m)
ESCALA	1 : 400
DATA	12/05/2025
PRANCHA 02 / 08	



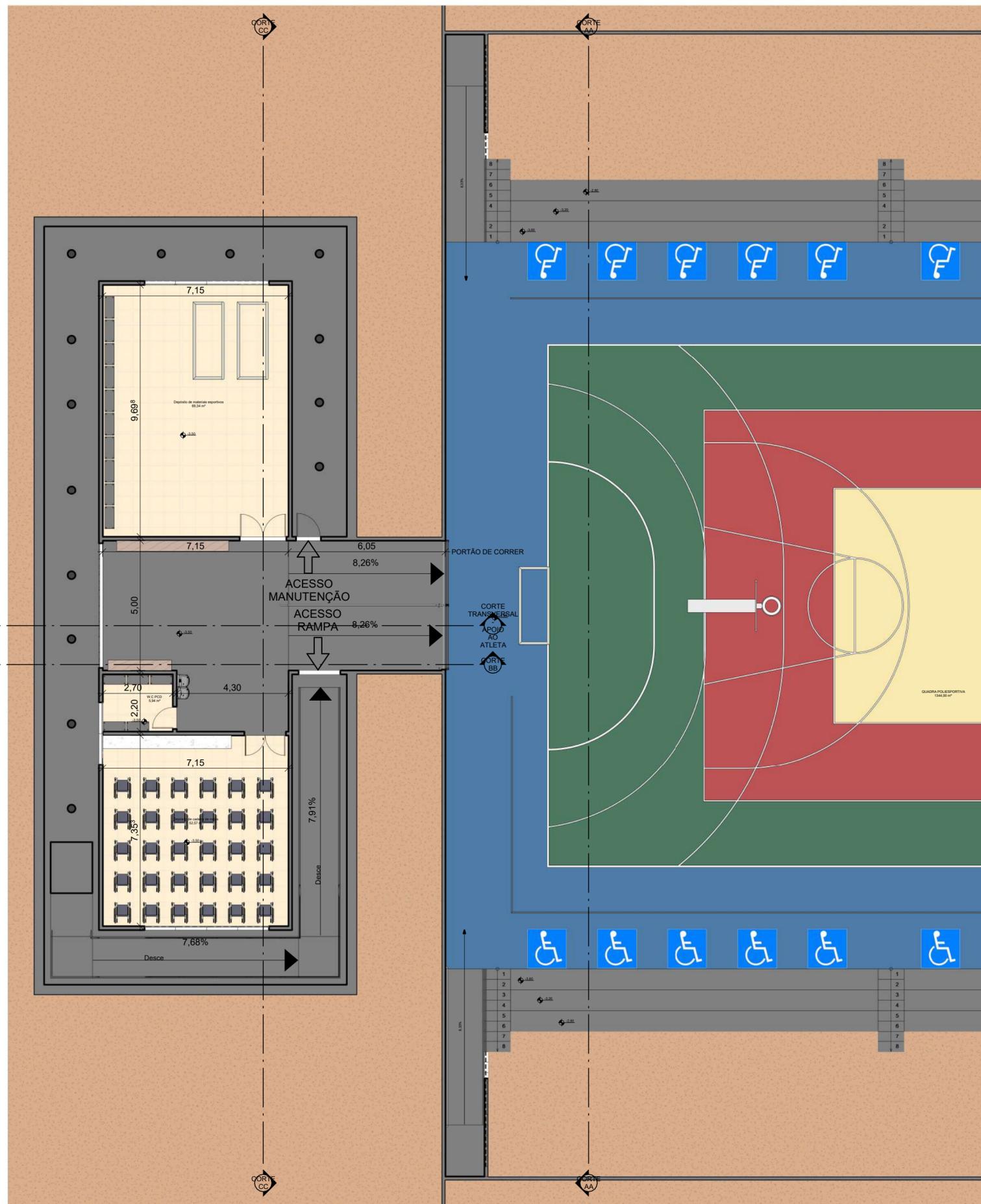
1 Planta baixa - Bloco de Apoio ao Atleta (+0,91)
 ESCALA 1 : 125



Aprovador
 Victor Moreira de Freitas

 UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		PRANCHA 03 / 08

CORTE TRANSVERSAL APOIO AO ATLETA CORTE BB



1 Planta baixa - Nível Depósitos (-3,50m)
ESCALA 1 : 125

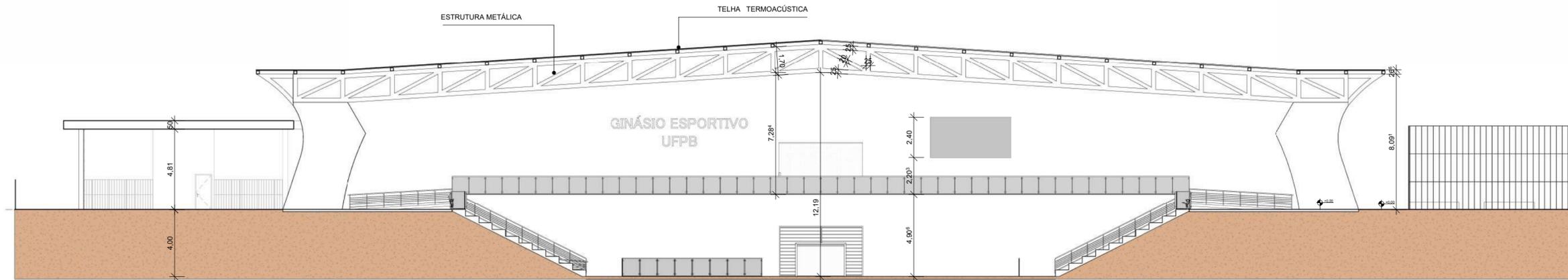
Aprovador
Victor Moreira de Freitas



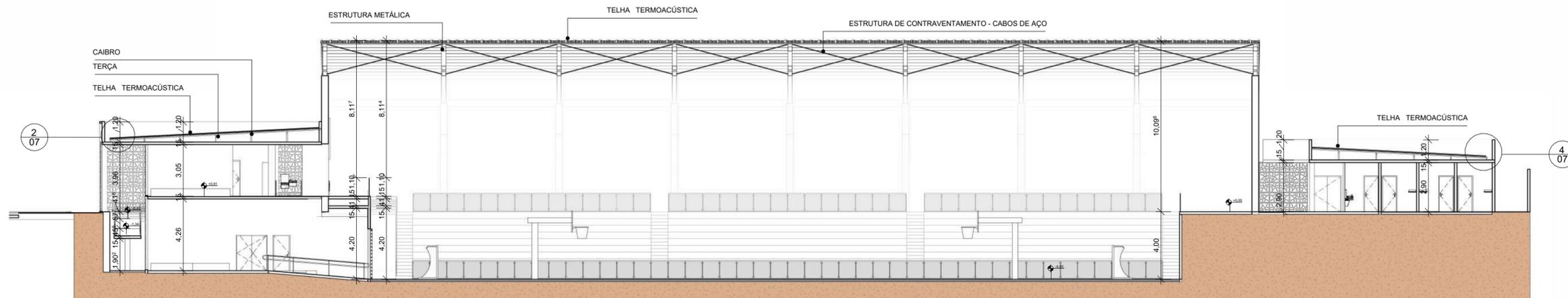
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO	Anteprojeto de requalificação do Ginásio Esportivo da UFPB
LOCAL	Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba
AUTOR	Victor Moreira de Freitas
REQUERENTE	Departamento de Educação Física
DESENHO	Planta baixa - Nível Depósitos (-3,50m)
ESCALA	1 : 125
DATA	12/05/2025

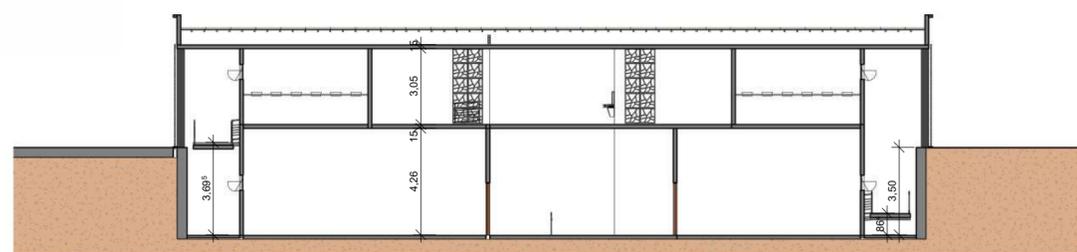
PRANCHA
04 / 08



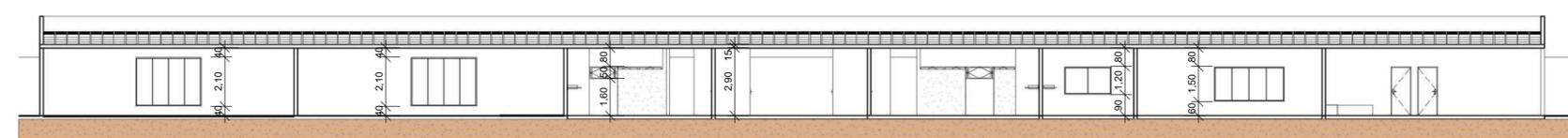
1 CORTE AA
ESCALA 1 : 200



2 CORTE BB
ESCALA 1 : 200



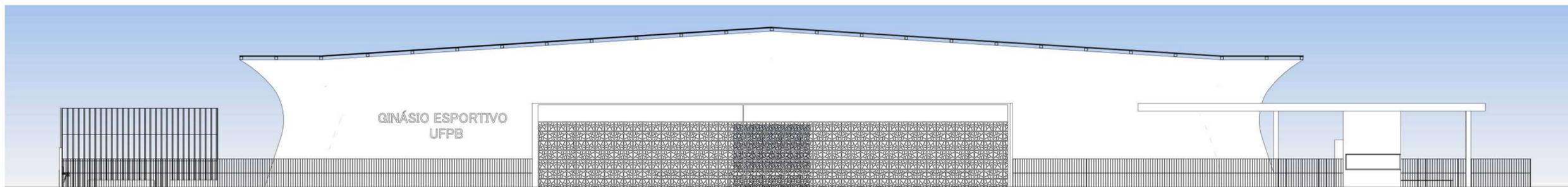
3 CORTE CC
ESCALA 1 : 200



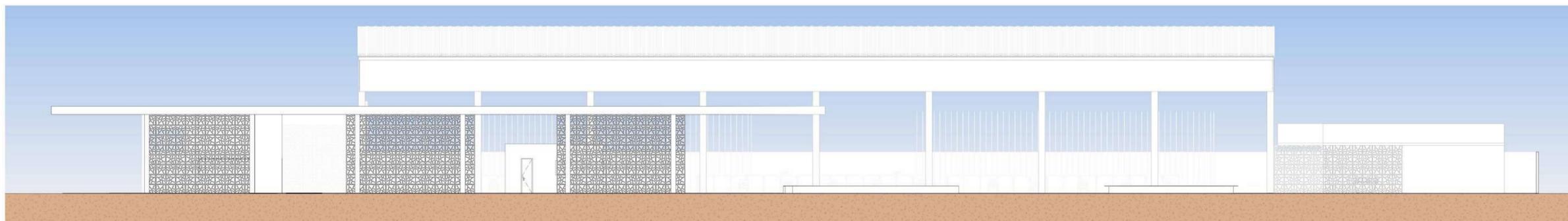
4 CORTE DD
ESCALA 1 : 200

Aprovador
Victor Moreira de Freitas

 UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	
PROJETO	Anteprojeto de requalificação do Ginásio Esportivo da UFPB
LOCAL	Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba
AUTOR	Victor Moreira de Freitas
REQUERENTE	Departamento de Educação Física
DESENHO	Cortes longitudinais e transversais
ESCALA	1 : 200
DATA	12/05/2025
PRANCHA 05 / 08	



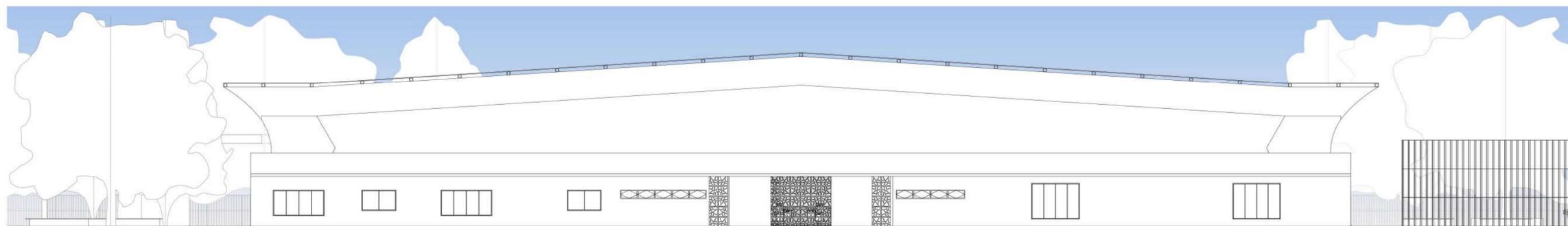
1 FACHADA OESTE
ESCALA 1 : 200



2 FACHADA - SUL
ESCALA 1 : 200



3 FACHADA - NORTE
ESCALA 1 : 200



4 FACHADA - LESTE
ESCALA 1 : 200

Aprovador

Victor Moreira de Freitas



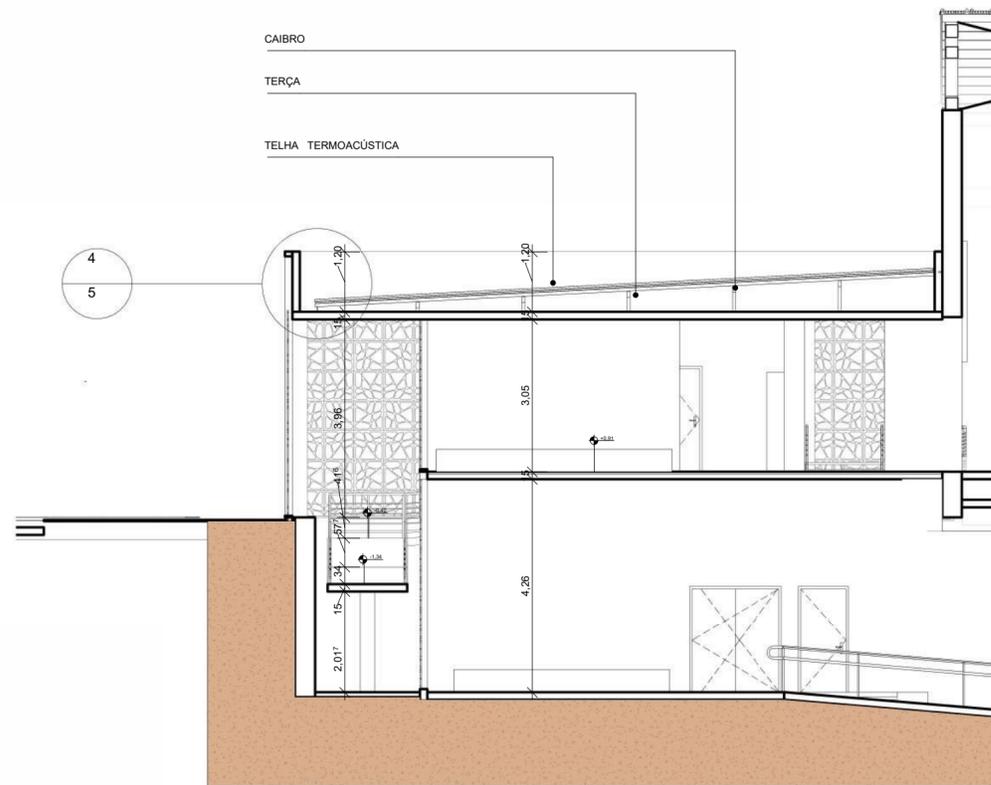
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

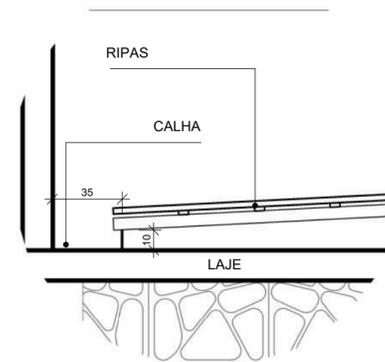
PROJETO	Anteprojeto de requalificação do Ginásio Esportivo da UFPB
LOCAL	Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba
AUTOR	Victor Moreira de Freitas
REQUERENTE	Departamento de Educação Física
DESENHO	Fachadas
ESCALA	1 : 200
DATA	12/05/2025

PRANCHA

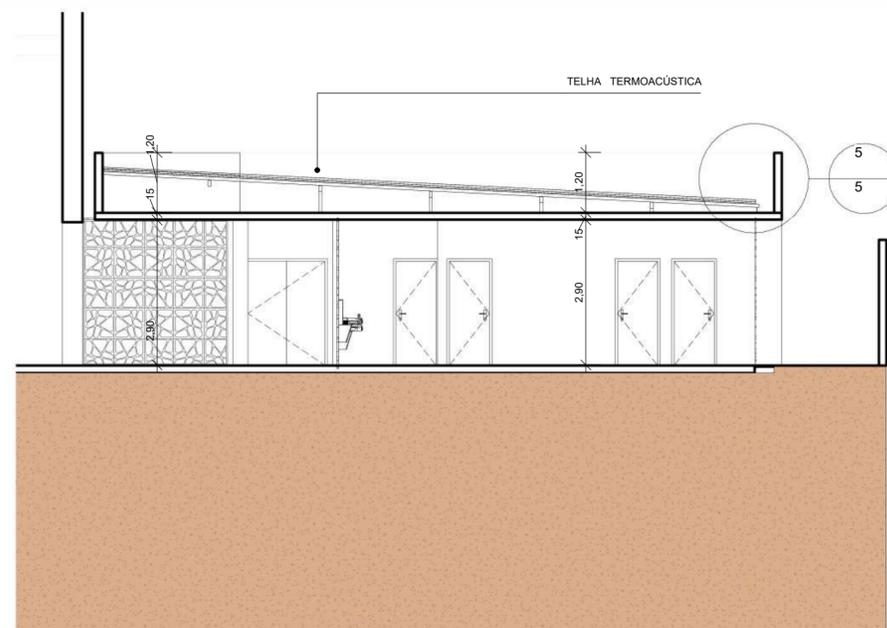
06 / 08



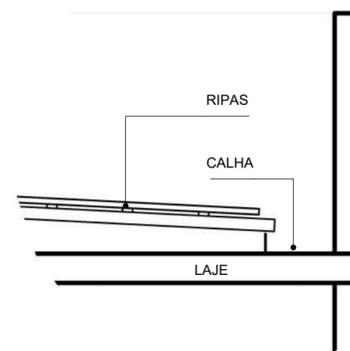
1 CORTE TRANSVERSAL - APOIO AO ATLETA
ESCALA 1:100



2 DETALHE - TELHADO BLOCO DE APOIO AO ATLETA
ESCALA 1:25



3 CORTE TRANSVERSAL - BLOCO ACADÊMICO
ESCALA 1:100



4 DETALHE - BLOCO ACADÊMICO
ESCALA 1:25

Aprovador

Victor Moreira de Freitas



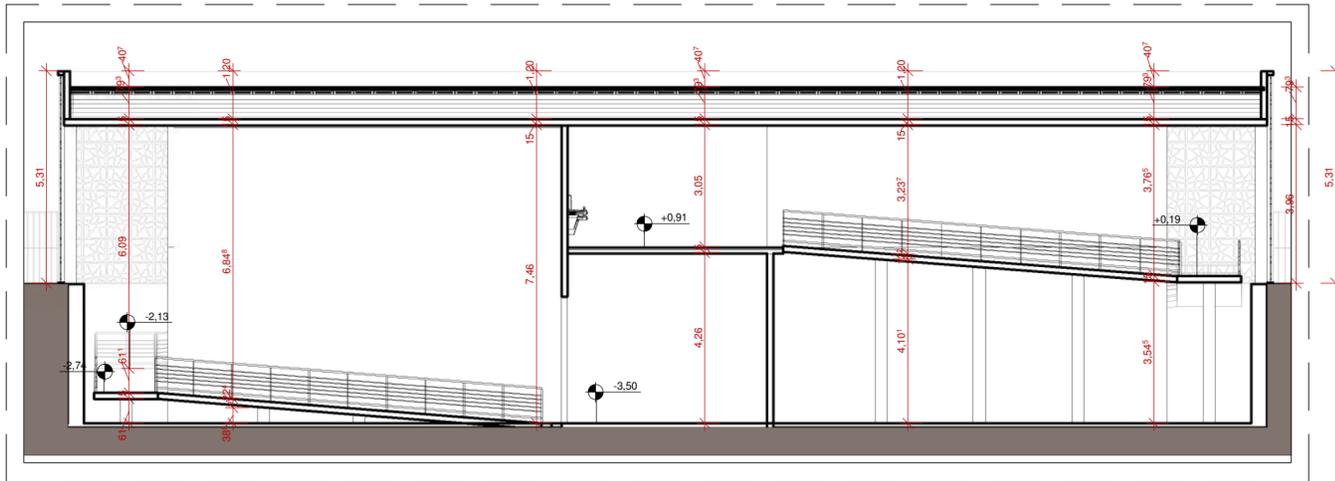
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

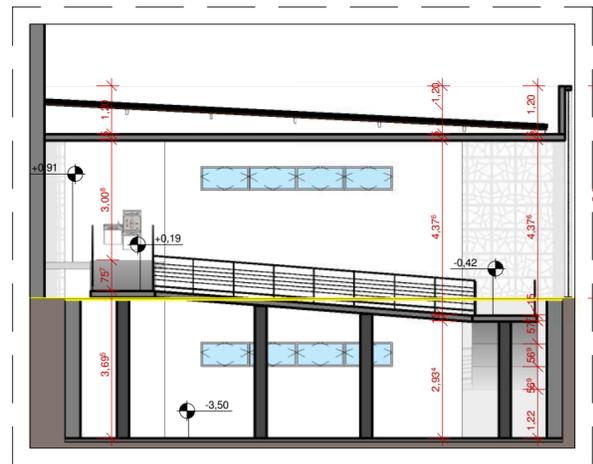
PROJETO	Anteprojeto de requalificação do Ginásio Esportivo da UFPB
LOCAL	Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba
AUTOR	Victor Moreira de Freitas
REQUERENTE	Departamento de Educação Física
DESENHO	Detalhamento dos telhados
ESCALA	Como indicado
DATA	12/05/2025

PRANCHA

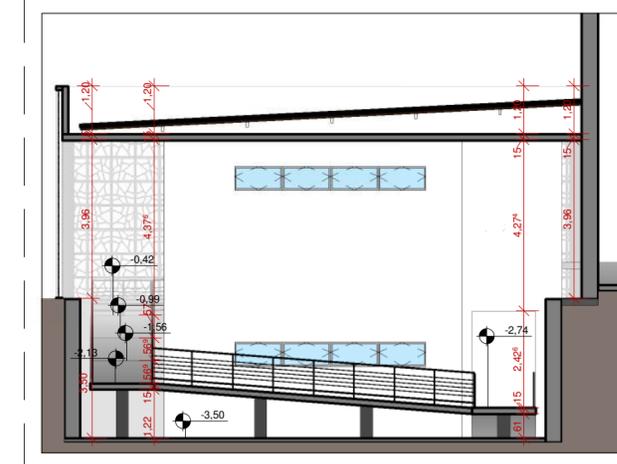
07 / 08



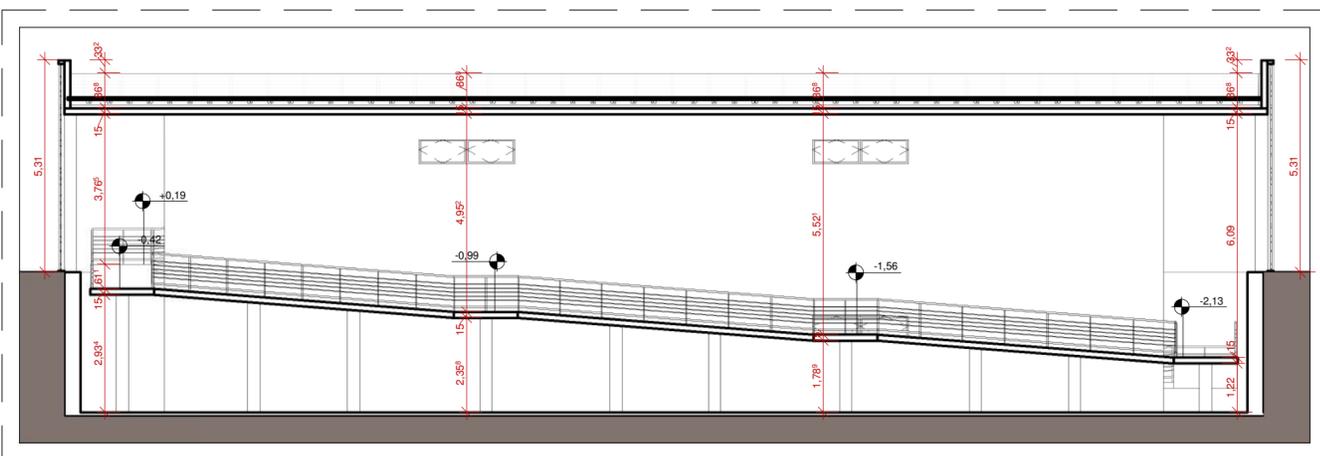
1 CORTE AA
ESCALA 1:125



4 CORTE CC
ESCALA 1:125



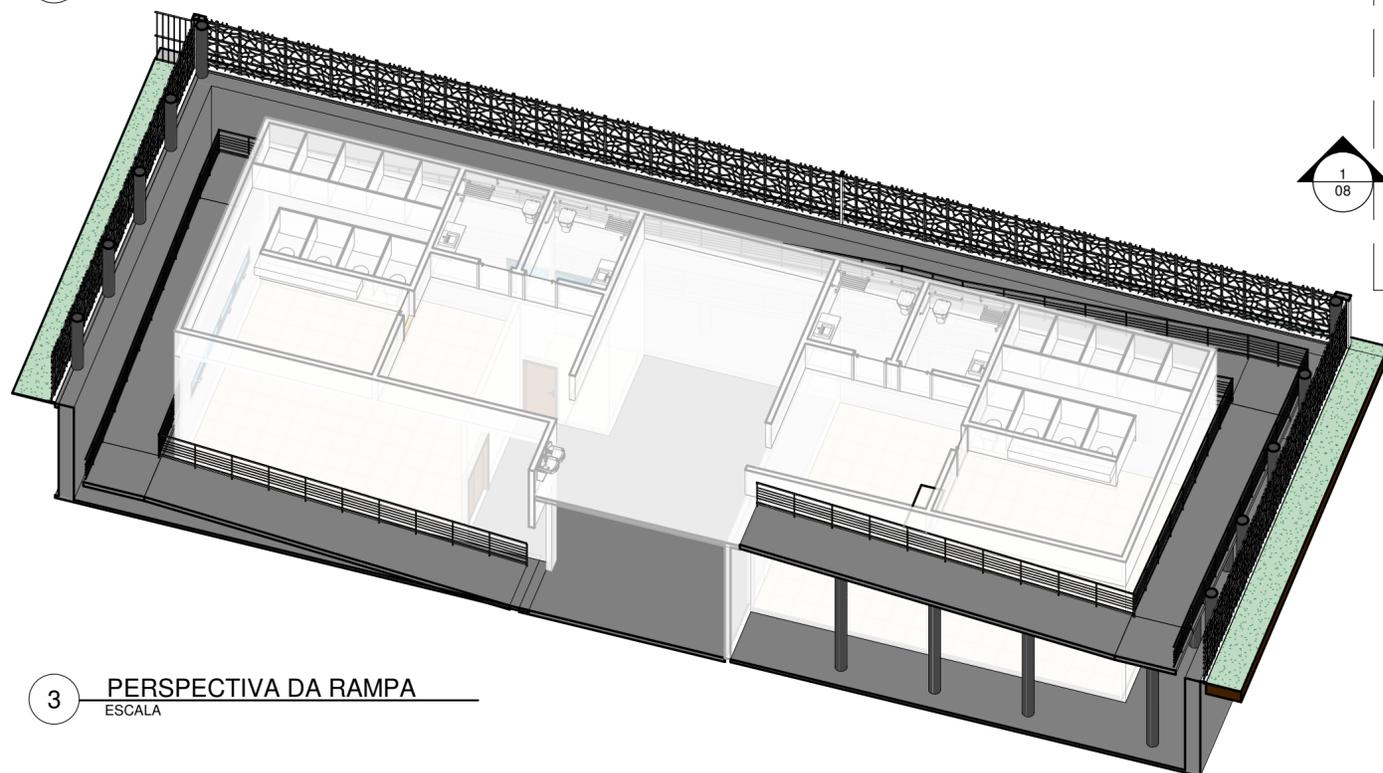
5 CORTE DD
ESCALA 1:125



2 CORTE BB
ESCALA 1:125



6 PLANTA BAIXA - RAMPA
ESCALA 1:125



3 PERSPECTIVA DA RAMPA
ESCALA

Aprovador
Victor Moreira de Freitas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO	Anteprojeto de requalificação do Ginásio Esportivo da UFPB
LOCAL	Ginásio Esportivo da Universidade Federal da Paraíba
AUTOR	Victor Moreira de Freitas
REQUERENTE	Departamento de Educação Física
DESENHO	Detalhamento da rampa do bloco de apoio ao atleta
ESCALA	1:125
DATA	28/04/2025

PRANCHA
08 / 08